

Tábara Varissa Petry

**IMIGRAÇÃO ALEMÃ E CONSTRUÇÃO DOS  
TEMPLOS RELIGIOSOS:  
As Igrejas Evangélicas de Confissão Luterana no Brasil,  
da Paróquia de Tapera/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Profa Dra Jacqueline Ahlert.

Passo Fundo  
2020

CIP – Catalogação na Publicação

---

P498i Petry, Tábara Varissa  
Imigração alemã e construção dos templos religiosos : as  
Igrejas Evangélicas de Confissão Luterana no Brasil, da  
Paróquia de Tapera/RS / Tábara Varissa Petry. – 2020.  
163 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de  
Passo Fundo, 2020.

1. Igrejas luteranas - História - Rio Grande do Sul.  
2. Arquitetura de igrejas. 3. Migração - Alemanha. I. Ahlert,  
Jacqueline, orientadora. II. Título.

CDU: 325.14(816.5)(430)

---

Catalogação: Bibliotecário Luís Diego Dias de S. da Silva – CRB 10/2241

Agradeço a Deus e a meus mentores espirituais, por sempre me acompanhar. Agradeço aos meus pais e à família de minha irmã, que são a base e o suporte para a conquista de meus ideais e sonhos, por sempre estarem ao meu lado, indiferente da situação. Agradeço a minha orientadora Jacqueline Ahlert que, sempre muito prestativa, paciente e de um vasto conhecimento, me guiou e conduziu para a melhor resolução da dissertação.

## RESUMO

Entender o processo de substituição das igrejas construídas pelos primeiros colonizadores alemães pelas construções em alvenaria durante o século XX é o principal objetivo da presente pesquisa. Para tanto, usa-se como fonte de estudo a Paróquia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), localizada na cidade de Tapera – no estado do Rio Grande do Sul. Compõe o escopo do estudo aferir se os princípios do período moderno influenciaram nesta substituição. Ao estabelecerem-se interfaces entre os estilos e técnicas construtivas e as narrativas obtidas através da história oral, expor-se-ão as transformações representadas no sistema construtivo desde sua chegada na região; far-se-á, então, a partir de um olhar histórico e arquitetônico, uma análise comparada das edificações, vistas tanto através dos métodos construtivos, estéticos e de pertencimento a estilos religiosos e suas características culturais, quanto através da adaptação dos grupos em um novo espaço e do processo de mutações decorrentes do contexto histórico que compreende o recorte temporal proposto. São levados em consideração nesta pesquisa os fatores e ações que influenciaram os (i)migrantes alemães luteranos a fazerem escolhas e assimilações de práticas e linguagens diversas daquelas que trouxeram em sua memória. Para analisar a arquitetura vigente dos templos protestantes destas comunidades é necessário seguir um percurso, conhecer os preceitos e diretrizes da religião e a formação da identidade cultural no âmbito de terras pouco conhecidas. Para isso, inicialmente, apresentar-se-ão aspectos da história do luteranismo, das questões de emigração/imigração/migração, seu processo de desenvolvimento e o perfil cultural e identitário dos sujeitos em tela. Nos demais capítulos, a intenção será a de trabalhar a análise arquitetônica técnica e estilística dos estudos de caso, que totalizam oito comunidades. O levantamento de dados sobre a formação das comunidades e construção das igrejas é adquirido por meio de fontes orais, atas e documentos, sendo as fotografias um recurso importante para a análise comparativa. Autores como Yi-Fu Tuan auxiliam para o entendimento da transição da linguagem arquitetônica e os usos do espaço, principalmente o religioso, que cria e consolida uma unidade social através de seu entorno. Os modos e as formas de construção são fontes latentes de representação identitária, como as construções em madeira, que são características do processo (i)migratório. Mais especificamente, perceber-se-á o percurso de transformação vista na arquitetura atual que nos mostra de que maneira a memória histórica, cultural e vernacular se sustenta, permanece ou é esquecida entre construções de mata-junta. Concluir-se-á que, na região de estudo, a contribuição do sistema de construção em mata-junta é um símbolo (i)migratório, e, não obstante, constata-se característica não somente a uma etnia, mas, sim, uma forma construtiva própria das (i)migrações alemã, italiana e polonesa, que adaptaram um método simples a um material abundante de sua nova terra e o padronizaram em construções de diferentes usos, criando uma similaridade arquitetônica entre, por exemplo, igrejas e construções residenciais. Pelo seu baixo custo, tanto em material como em mão de obra, e pelas formas simples, este sistema construtivo torna-se popular em áreas interioranas, tendo expandindo aproximadamente até os anos 1980, período em que a madeira se torna material de custo elevado.

**Palavras-chave:** História. Arquitetura. Igrejas luteranas. Paróquia de Tapera/RS. Memória.

## ABSTRACT

Understanding the process of replacing the churches built by the first German colonizers with masonry constructions during the 20th century is the main objective of this research. For this purpose, the Parish of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB), located in the city of Tapera - in the state of Rio Grande do Sul, is used as a study source. It is part of the scope of the study to assess whether the principles of the modern period influenced this replacement. When setting up interfaces between the constructive styles and the narratives obtained through oral history, the transformations represented in the constructive system since its arrival in the region will be exposed; Then, from a historical and architectural perspective, a comparative analysis of the buildings will be made, seen both through the constructive, aesthetic methods and belonging to religious styles and their cultural characteristics, as through the adaptation of the groups in a new space and the process of mutations resulting from the historical context that comprises the proposed time frame. This research takes into account the factors and actions that influenced German Lutheran (im)migrants to make choices and assimilations of different practices and languages from those they brought to their memory. In order to analyze the current architecture of the protestant temples of these communities, it is necessary to follow a path, to know the precepts and guidelines of religion and the formation of cultural identity in the scope of little-known lands. To achieve this, initially, aspects of the history of Lutheranism, of the issues of emigration/immigration/migration, their development process and the cultural and identity profile of the subjects in question will be presented. In the other chapters, the intention will be to work on the technical and stylistic architectural analysis of the case studied, which is eight communities in total. The collection of data on the formation of communities and the construction of churches is acquired through oral sources, reports and documents, with photographs being an important resource for comparative analysis. Authors like Yi-Fu Tuan helps to understand the transition of architectural language and the uses of space, especially religious, which creates and consolidates a social unity through its surroundings. The methods and forms of construction are latent sources of identity representation, such as wooden constructions, which are characteristic of the (im)migratory process. More specifically, it will be noticed the transformation path present in the current architecture that shows us how historical, cultural and vernacular memory is sustained, remains or is forgotten among constructions of staggered joints. It will be concluded that, in the study region, the contribution of the construction system in staggered joints is a (im)migratory symbol, and, however, a characteristic is verified not only to an ethnicity, but, rather, a constructive form typical of German, Italian and Polish (im)migrations, which adapted a simple method to an abundant material from their new land and standardized it in buildings of different uses, creating an architectural similarity between, for example, churches and residential buildings. By the reason to its low cost, both in material and labor, and due to its simple forms, this construction system becomes popular in the countryside, having expanded until approximately the 1980s, a period in which wood becomes a high cost material.

**Keywords:** History. Architecture. Lutheran churches. Parish of Tapera / RS. Memory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Região de origem dos imigrantes alemães.....	34
Figura 2 - Mapa da Colônia Alto Jacuhy trazendo o zoneamento dos lotes para venda .....	43
Figura 3 - Perímetro do município de Tapera.....	44
Figura 4 - Serraria em Linha Glória .....	45
Figura 5 – Madeira retirada da mata em Linha Glória .....	45
Figura 6 - Serraria em Serra do Pontão .....	46
Figura 7 - Indicação da região no Brasil, onde localizam-se a Paróquia em estudo .....	55
Figura 8 - Indicação da região no Rio Grande do Sul, onde localizam-se a Paroquia em estudo .....	55
Figura 9 - Distância de 66,7km entre municípios.....	56
Figura 10 - Indicação dos municípios em estudo no Rio Grande do Sul. ....	56
Figura 11 - Perímetro do município de Tapera.....	57
Figura 12 - Perímetro do município de Lagoa dos Três Cantos.....	66
Figura 13 - Perímetro do município de Espumoso.....	76
Figura 14 - Perímetro do município de Jacuizinho.....	79
Figura 15 – As imagens apresentam o sistema construtivo blocausse e o enxaimel.....	87
Figura 16 - Imagem do frontão recortado.....	92
Figura 17 - Residência de Aloísio Blau, 1935, em Linha Glória .....	92
Figura 18 - Propriedade da família de Leonida Bratz, formada aproximadamente em 1910...	93
Figura 19 - Propriedade da família de Leonida Bratz .....	93
Figura 20 - Sistema construtivo de tábuas com mata-junta .....	96
Figura 21 - Imagem esquemática dos componentes do sistema construtivo em madeira .....	97
Figura 22 - Sistema da parte portante – estrutura.....	95
Figura 23 - Esteio. Detalhe do barroto encaixado na linha do quadro.....	96
Figura 24 - Tesoura romana ou portuguesa.....	97
Figura 25 - Tesoura atirantada.....	97
Figura 26 - Tesoura atirantada.....	98
Figura 27 - Imagem do sistema estrutural de uma edificação da região .....	98
Figura 28 - Imagem de tesoura krüppelwamdac .....	99
Figura 29 - Imagem de tesoura Kehlbalkensparrendach .....	99

Figura 30 - Igreja de Tapera, construída entre 1911 e 1913. As fotos foram tiradas em março de 1931 pelo pastor Atkinson que a encontrou abandonada. ....	100
Figura 31 - Igreja de Tapera, construída entre 1911 e 1913.....	101
Figura 32 - Primeira igreja em Linha Coronel Gervásio – 1915.....	101
Figura 33 - Segunda igreja em Linha Coronel Gervásio, construído em 1933. ....	102
Figura 34 - Primeira igreja em Linha São Rafael – 1936.....	102
Figura 35 - Segunda igreja em Linha São Rafael, com inauguração em 1948.....	103
Figura 36 - Igreja de Lagoa dos Três Cantos.....	103
Figura 37 - Construção da torre da Igreja de Lagoa dos Três Cantos. ....	104
Figura 38 – Fachada frontal da igreja de Linha Glória - 1916.....	105
Figura 39- Igreja de Linha Glória - 1916. ....	105
Figura 40 - Imagem da primeira construção da igreja Adventista do Sétimo dia da comunidade de Boa Vista do Guilherme de Lagoa dos Três Cantos, do ano de 1900. ....	107
Figura 41 - Imagem da segunda construção da igreja Adventista do Sétimo dia da comunidade de Boa Vista do Guilherme de Lagoa dos Três Cantos, do final da década de 50. ....	107
Figura 42 - Imagem da residência do casal Nowack. ....	108
Figura 43 - Imagem do galpão da família Nowack. ....	108
Figura 44 – Técnica construtiva das casas dos migrantes. ....	109
Figura 45 - Galpão que fazia parte da serraria de Fernando Schüsller e Arthur Graeff em Linha Vitória - Lagoa dos Três Cantos na década de 30. ....	109
Figura 46 - Salão Kirts em Lagoa dos Três Cantos.....	110
Figura 47 - Da esquerda para a direita as construções Primeira venda, casa comercial e ao lado o salão de baile, todos propriedade de Adolfo Kuhn, Linha Glória. ....	110
Figura 48 - Antigo pavilhão da comunidade Evangélica de Linha Kronenthal, construído aproximadamente em 1911.....	111
Figura 49 - Construção da capela de Linha Santana – Lagoa dos Três Cantos, construída por Lindolfo Walker e colaboradores. ....	111
Figura 50 - Casa do Pastor e Linha Glória, ano de 1947.....	112
Figura 51 - Residência possivelmente situada em Linha Glória da década de 30-40.....	112
Figura 52 - Moinho Kolboring. ....	113
Figura 53 - Casamento Madalena Kuhn – Linha Glória. ....	113
Figura 54- Antiga estação de Trem de São Leopoldo - 1874.....	114

Figura 55 - Hoje bem tombado como Museu do Trem – São Leopoldo.....	114
Figura 56 - Edificação Comercial em Sede Aurora-Cruz Alta, década de 30/40.....	115
Figura 57 - Capela construída por volta de 1960.....	116
Figura 58 - Capela construída aproximadamente em 1960, Ibiraiaras/RS.....	117
Figura 59 - Capela São Francisco construída em 1945. Linha Marquês do Herval Veranópolis. .....	117
Figura 60 - Capela São Pietro, construída em 1936, Montauri/RS.....	118
Figura 61 - Tabela com identificação da construção das igrejas e suas substituições dentro dos estilos arquitetônicos.....	120
Figura 62 - Imagem igreja de Linha Kronenthal. Construção em enxaimel.....	121
Figura 63 - Imagem igreja de Linha Kronenthal.....	121
Figura 64 - Imagem igreja de Linha Kronenthal.....	122
Figura 65 - Imagem da inauguração da igreja de Linha Glória no dia 13/02/1938.....	122
Figura 66 - Imagem da fachada atual da igreja de Linha Glória.....	123
Figura 67 - Imagem da fachada lateral da igreja de Linha Glória.....	123
Figura 68 - Estabelecimento comercial de propriedade de Adolfo Kuhn, década de 30 aproximadamente.....	125
Figura 69 - Casa de Henrique Krösin em Linha Kronenthal, a casa ao fundo é de Fernando Gerke, década de 30 aproximadamente.....	126
Figura 70 – Fachada lateral de Gedachtniskirche de Boa Vista do Herval, em Santa Maria do Herval (1924).....	126
Figura 71 – Fachada frontal de Gedachtniskirche de Boa Vista do Herval, em Santa Maria do Herval (1934).....	127
Figura 72 - Reportagem do Jornal O Fato de Campo Bom em 1976.....	128
Figura 73 - Capela Nossa Senhora de Lurdes, construída em 1940, Linha Guabiroba Alta..	128
Figura 74 - Capela de São Antônio, iniciada em 1947 e concluída em 1941, Linha Tigre, Sananduva/RS.....	129
Figura 75 – Fachada frontal da igreja de Tapera.....	133
Figura 76 – Fachada lateral da igreja de Tapera.....	134
Figura 77 – Planta Baixa do projeto da igreja de São Rafael.....	134
Figura 78 – Inauguração da igreja de São Rafael no dia 26/11/1989.....	135
Figura 79 – Fachada frontal da igreja de São Rafael.....	135

Figura 80 – Fachada lateral da igreja de São Rafael. ....	135
Figura 81 – Fachada frontal da igreja de Lagoa dos Três Cantos. ....	136
Figura 82 – Fachada lateral da igreja de Lagoa dos Três Cantos.....	136
Figura 83 – Fachada frontal da igreja de Coronel Gervásio.....	137
Figura 84 – Fachada lateral da igreja de Coronel Gervásio. ....	138
Figura 85 - Fachada frontal da igreja de Linha Kronenthal. ....	139
Figura 86 – Fachada lateral da igreja de Linha Kronenthal. ....	139
Figura 87 - Fachada frontal da igreja de Espumoso. ....	140
Figura 88 – Fachada lateral da igreja de Espumoso. ....	140
Figura 89 - Fachada frontal da igreja de Campo Comprido.....	141
Figura 90 - Fachada lateral da Igreja de Campo Comprido. ....	141
Figura 91- Fachada dos fundos da igreja de Campo Comprido. ....	142
Figura 92 - Croqui de São Leopoldo .....	147
Figura 93 - Postal da Vila de Hamburgerberg. Início do Séc. XX. ....	147
Figura 94 - Postal de Novo Hamburgo, apresentando as sedes das sociedades. ....	147
Figura 95 – Bairros operários em expansão na antiga colônia de São Leopoldo.....	148

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	11
2.	LUTERANISMO IECLB E A TRAJETÓRIA DO (I)MIGRANTE À REGIÃO DE ESTUDO .....	27
2.1.	Construindo identidades.....	27
2.2.	Cruzando oceanos: A trajetória do (i)migrante.....	32
2.3.	Luteranos no planalto rio-grandense.....	39
2.4.	A organização do espaço.....	42
2.5.	A construção de espaços identitários: escola e igreja em interface.....	46
3.	PARÓQUIA DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL DE TAPERA .....	52
3.1.	Tapera: Comunidade de Tapera, Coronel Gervásio e São Rafael.....	57
3.2.	Lagoa dos Três Cantos: Comunidade de Lagoa dos Três Cantos, Linha Glória e Linha Kronenthal.....	65
3.3.	Espumoso: Comunidade de Espumoso.....	75
3.4.	Jacuizinho: Comunidade de Campo Comprido.....	78
4.	PRIMEIROS TEMPLOS .....	82
4.1.	Do espaço para o lugar – a mística experiência do transformar.....	82
4.2.	Identidade visual da arquitetura popular do (i)migrante.....	86
4.3.	Como foram construídos.....	99
4.4.	Análises comparativas.....	105
5.	TEMPLOS MODERNOS .....	119
5.1	Porque a substituição.....	119
5.2	Quando se deu .....	120
5.3	Análises comparativas.....	124
5.4	Período Moderno e Pós-Moderno;.....	129
5.5	Houve um arquiteto ou engenheiro? .....	142
6.	CONCLUSÃO .....	145

REFERENCIAS .....	152
ANEXOS .....	160

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a transformação arquitetônica ocorrida na construção das primeiras igrejas luteranas realizadas pelos (i)migrantes alemães e sua substituição para construções em alvenaria durante o século XX. A influência que o período moderno traz para a sociedade, costumes e laços étnicos que se evidenciaram e se concretizaram materialmente em uma forma construtiva despreocupada com a manutenção da tradição e a origem cultural. Usa-se como fonte de estudo a Paróquia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) localizada na cidade de Tapera – no estado do Rio Grande do Sul, que abrange oito comunidades, dentre elas: Tapera, Linha São Rafael, Linha Coronel Gervásio, Lagoa dos Três Cantos, Linha Glória, Linha Kronenthal, Espumoso e Campo Comprido.

O estudo é estruturado sobre o contexto histórico no qual estão estes (i)migrantes luteranos que chegaram à região, contexto este que difere esta religião das demais, criando um vínculo cultural com a etnia em questão e refletindo materialmente nas suas construções, em específico as religiosas. Diálogos interdisciplinares e análises arquitetônicas interpretam as transformações sociais e suas influências, em específico as ocasionadas durante e após o período moderno, as quais trouxeram um impacto significativo no contexto arquitetônico do país, não sendo diferente nas comunidades analisadas.

Na ânsia de responder estas questões, a dissertação trabalha com fontes teóricas para o entendimento do processo religioso do protestantismo, da vinda dos imigrantes para o Brasil e, posteriormente, da sua migração para as áreas de estudo. Assim como a história oral traz para este trabalho a compreensão dos fatores que levaram às ações das comunidades, a narrativa desses indivíduos também contempla um panorama de outros estudos apresentados por pesquisadores do meio. As análises dos templos, tanto os primeiros como os construídos posteriormente, foram realizadas através do estudo técnico que contribuiu para a historiografia local e apresenta, além da transformação arquitetônica, uma forma construtiva peculiar da (i)migração que marcou significativamente a região. Juntamente com o estudo técnico as fontes orais e teóricas criaram uma base para a compreensão da pesquisa. Para entender os processos de edificação e composição arquitetônica religiosa no contexto cultural de uma determinada sociedade é fundamental que se conheça sua trajetória histórica. Fatores e ações que influenciaram no seu habitat e na sua adaptação a diferentes espaços, como foi o caso dos (i)migrantes alemães luteranos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB),

base do estudo dessa dissertação.<sup>1</sup> Para analisar a arquitetura vigente dos templos protestantes das comunidades é necessário seguir um percurso, conhecer os preceitos e diretrizes da religião e a formação de identidades culturais, no âmbito de terras pouco conhecidas.

Vale salientar, mesmo que de forma simplificada e em poucas palavras, que não existe apenas uma igreja luterana no Brasil. Como esclarece Steyer:

Passados os decênios, convivem hoje no Brasil duas grandes Igrejas Luteranas. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, formada em 1968 na fusão do Sínodo Rio-Grandense, Caixa de Deus, Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná e o Sínodo do Brasil Central conhecida pela sigla IECLB, e o ex-Distrito Brasileiro do Sínodo Missouri, que a partir de 1954 passou a denominar-se Igreja Evangélica Luterana do Brasil, também conhecida pela sigla IELB. Ambas Igrejas somam hoje cerca de um milhão de membros<sup>2</sup> no Brasil (STEYER, 1999, p. 150-153, apud VANDERLINDE, 2006, p.73).

Sendo que dentro do protestantismo existem três categorias que o diferenciam, conforme Gertz (2001) esclarece, sendo elas: protestantismo de imigração, de missão e pentecostal. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil possui singularidade da origem missionária do início do século XX que se formatou no continente norte-americano, sem grande atuação dentro da população de origem alemã, com maior miscigenação de outras etnias, inclusive a afro-brasileira, com ligação ao Sínodo Missouri nos Estados Unidos. Mayer (2003) salienta que dentro do protestantismo de missão se encontram a Igreja Batista, a Metodista, a Presbiteriana, dentre outras. O protestantismo missionário destoa da padronização cultural luterana que se caracteriza por membros com sobrenome alemão (GERTZ, 2001), como pode ser constatado

---

<sup>1</sup> Como esta dissertação analisa este grupo específico, nos demais textos será utilizado somente a nomenclatura luterano, onde estiver enfatizando outras classificações protestantes será descrito seu grupo de pertencimento.

<sup>2</sup> Sob a análise de Gertz (2001) os luteranos sempre representaram minoria absoluta dentro da sociedade brasileira. Com estimativas de 1300000 membros em 2001, consideradas um exagero pelo autor. Tendo a divisão em duas igrejas, sendo a maior delas a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Pelo censo de alguns anos atrás chegava a 700000 membros, e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) apresenta no seu site a quantidade de 217645 membros. Totalizando aproximadamente 917645 fiéis. O que levava no ano de 2000 baseado em dados do censo um percentual de 0,58% de membros luteranos em solo brasileiro. Comparando os mesmos com os protestantes que chegam a 23000000 seu percentual é de 4,3% desse total.

Atualizando os dados utilizados por Gertz (2001), constata-se uma redução demográfica em relação aos luteranos. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) apresenta em seu site cerca de 6663092 membros, e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) expõe, também em seu site, a quantidade de 2435202 membros. Em um total de 909829 cadastros. Considerando que a população brasileira aumentou contando com 2090461262 pessoas o percentual de fiéis luteranos hoje está em 0,435%. Essa diminuição pode se dar com o nascimento e crescimento de outras vertentes religiosas que acompanham a contemporaneidade.

pela informação dos dados sobre os sobrenomes dos pastores, sendo que, conforme dados do segundo semestre de 2000 na IECLB, dos 657 ativos, 609 possuíam sobrenome alemão.<sup>3</sup> Como o autor Lange (2017) coloca, o protestantismo de imigração caracterizou-se como religião étnica, apresentando base na reforma luterana. Partindo dessas peculiaridades, as comunidades em análise pertencem ao protestantismo de imigração que é conhecido pelo seu isolamento social étnico, o que leva a uma característica comum: a relação e união da igreja católica e evangélica (IECLB), vivendo em amistosidade e solidariedade étnica em pequenos vilarejos.

Abrange o recorte desse estudo a Paróquia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) localizada na cidade de Tapera, que contempla 8 comunidades, sendo que as fontes de análise são: no município de Tapera, a igreja da cidade e das comunidades da Linha São Rafael e Linha Coronel Gervásio; no município de Lagoa dos Três Cantos, a igreja da cidade e das comunidades de Linha Glória e Linha Kronenthal; no município de Espumoso a igreja da cidade e no município de Jacuizinho a igreja da comunidade de Campo Comprido.

A escolha desta Paróquia para o estudo se dá por motivos diversos, como a valorização da história cultural local, específica de microrregiões e de suas agremiações, correlacionada com a etnia alemã do final do século XIX, decorrente do processo de (i)migração e religião. A preservação da memória, que tão facilmente é perdida pelo desinteresse em se analisar esses espaços singelos, foi mais um dos fatores para a escolha do tema e da comunidade, proporcionando um embasamento para a análise da construção de tais templos religiosos.

Tomando a liberdade, dentro dos parágrafos que se seguem, para narrar os fenômenos em primeira pessoa, busco explicar os motivos de algumas de minhas decisões dentro do estudo, como, por exemplo, a estrutura da dissertação, que, apesar da pretensão de dar maior destaque à arquitetura, traça outros caminhos para chegar a ela, consequências de uma curiosidade aflorada pela própria linha da história que trata sobre os assuntos de uma forma mais humanizada que o curso de arquitetura, o qual partiria para uma linha mais técnica.

Essa nova visão me faz entrar com uma ânsia de pesquisar uma história global, que dê conta de tudo, começando as investigações com uma busca pessoal da história do

---

<sup>3</sup> Cerca de 93%. Dentre a minoria se encontravam pastores com sobrenomes espanhóis e japoneses que possivelmente atuavam em regime de intercâmbio. No mesmo período de apuração no site da IELB constatava-se 691 pastores, no qual 524 eram ativos. Dentro deste total 612 com sobrenome alemão. Vale lembrar que a igreja possui somente pastores homens. Tendo um percentual de 88,5% do total. Atualizando os dados para os dias atuais a IELB conta com 849 pastores, estando na ativa 619. Dados estatísticos de 2016/2017. Igreja Evangélica Luterana no Brasil. (2018). Acesso em 01 de nov de 2018, disponível em: <http://www.ielb.org.br/a-ielb/>

protestantismo, dos imigrantes e das comunidades, fatores pelos quais se justifica a colocação nos textos do sobrenome das primeiras famílias que chegaram nas respectivas regiões e as que, de alguma forma, colaboraram com a formação do núcleo e que encontram-se nos registros, (ratificando a importância e o não esquecimento dos indivíduos que fizeram parte dessa história e não tiveram seus feitos e nomes registrados, permanecendo apenas na memória coletiva) forma esta encontrada para realizar a devolutiva de um conhecimento que teve a comunidade como uma de suas fontes principais e, agora, pode retornar à ela).

No decorrer de um período curto de dois anos de mestrado, me vi envolvida por estas questões, acabando por não conseguir adentrar da forma que gostaria no assunto propriamente dito da arquitetura. Refletindo sobre esta questão, hoje com o conhecimento e experiência adquiridos durante esta trajetória, já a desenvolveria de forma diferente, usando a arquitetura como ponto de partida e como o enfoque exclusivo.

Outro ponto importante para o meu entendimento foi o aprofundamento dos estudos referentes à minha ancestralidade, que se vinculam com a arquitetura, pois, desde minha infância tenho fascinação pela arquitetura popular que o imigrante/migrante alemão trouxe e que caracteriza a região à qual pertencço e ao meio no qual cresci: sempre assimilei muito a arquitetura com a etnia e isso me trouxe curiosidade de desvendar as entrelinhas desse processo. Como Froemming coloca: “a memória adquirida pelo ser humano ao longo de sua vida está intrinsecamente ligada ao modo como sente sua aprendizagem na sociedade em que está inserido” (FROEMMING, 2009, p. 25), isto é, como estive inserida dentro desse processo de experienciação, tanto da cultura quanto da arquitetura do imigrante/migrante alemão, e participei, e ainda participo, da transformação que esses espaços sofreram e sofrem, proponho-me a entendê-lo melhor, visto que, analisando as primeiras construções das igrejas evangélicas, consegui ver traços particulares semelhantes aos de residências que conheço, nas quais, no decorrer dos anos, observei alterações, como, por exemplo, a adoção de formas diferentes e mudanças de cenário, (diminuindo a escala dessas particularidades e tornando as novas edificações semelhante a arquitetura popular regional) que também puderam ser observadas nas igrejas.

Fator que chamou muita atenção foi que, durante a estruturação desta dissertação, percebi que a arquitetura que, para mim era peculiar ao processo de imigração/migração, não era a que autores explanavam em suas publicações. O sistema construtivo da madeira serrada com mata-junta, por exemplo, não é considerado característico da imigração alemã, como o

enxaimel, tanto estudado e explanado por Günter Weimer (2005). A escassa bibliografia referente a este sistema construtivo, e a dificuldade em conseguir fontes que discorressem sobre a origem desse método simples mas que esteve muito presente na construção das primeiras edificações dos imigrantes/migrantes alemães, posteriormente utilizado pelos italianos (e hoje é por muitos autores considerada uma arquitetura típica de adaptação destes imigrantes), me fez refletir sobre como poderia ter se iniciado esse sistema e o porquê de ele não ser citado por autores que trabalham essa temática.

Natália Biscaglia Pereira (2019) traz em sua tese, e em artigos vinculados a outros autores, dados com os quais pude confirmar meu diagnóstico: que a arquitetura de madeira, muito comum na região de estudo, é um sistema construtivo peculiar da (i)migração, possivelmente com influências indígenas e caboclas que foram adaptadas pelos (i)migrantes, tanto alemães, como italianos como polacos. Apesar de a pesquisa por ela realizada ser no Alto Uruguai do Rio Grande do Sul, há grande semelhança com a região abordada nesta dissertação, e suas colocações podem ser associadas. Considerada por ela uma arquitetura vernacular, resultante de um desenvolvimento histórico de um povo, não cabendo nas classificações estilísticas da arquitetura convencional, de origem ou mais frequentemente encontrada, na região rural o sistema construtivo da madeira serrada com mata-junta é fundamentalmente a expressão de um ato cultural. É assim que será concebido essa técnica construtiva no presente estudo, como colocam Pereira, Valle & Silva:

A técnica genérica utilizada na casa típica colonial, também chamada “Casa de Araucária” por autores que estudaram residências em Curitiba, consistia na construção de paredes com tábuas em madeira dispostas simples ou duplas, aplainadas na direção vertical, largas, com cerca de 30 cm. Para a vedação das frestas se utilizava geralmente mata-junta e as fundações eram em alvenaria (PEREIRA, VALLE & SILVA, 2017, p. 7).

Além desta contextualização, trago sua importância no perfil arquitetônico popular brasileiro até aproximadamente os anos 80, um sistema contínuo e popular que foi utilizado em várias regiões do Brasil em uma escala considerável, principalmente por pessoas de baixa renda e residentes de regiões interioranas, sobretudo pela sua fácil e rápida instalação, pelo custo menor que a alvenaria tradicional, e pelo fácil acesso, já que muitos colonos possuíam em suas terras madeira suficiente para estruturar seu conjunto espacial. Esse sistema construtivo ainda

está ativo, porém, em uma escala bem menor, devido a fatores como a diminuição da matéria prima – madeira -, e conseqüentemente o aumento em seu valor.

O que se pode constatar sobre esse sistema é que ele foi estereótipo de pobreza e de simplicidade aos olhos de muitas pessoas, além disso, está ligado à chegada dos colonos, em um período de grandes dificuldades, o que leva muitos autores a denominarem as edificações como provisórias. Durante toda a minha infância e adolescência, a imagem que possuía dessas construções era o que estava vinculada ao pensamento mais comum da sociedade, isto é, de que casas de madeira serrada com mata-junta demonstravam pobreza e que casas de alvenaria<sup>4</sup> eram sinônimo de riqueza, na medida em que pessoas com melhores condições financeiras frequentemente optavam por terem “casas de material”. Elementos que influenciaram na transição para construções “modernas”, somadas ao poder socioeconômico, como foi o caso ocorrido com as igrejas.

Traços étnicos e históricos foram sendo enfraquecidos por um pensamento vinculado a uma “nova era”, respingos que a nós chegaram por resquícios de uma modernidade fria e sem identidade. Formas construtivas que eram transmitidas através de gerações, foram sendo tidas como ultrapassadas e esquecidas, e uma nova nomenclatura social e cultural foi sendo modelada. As edificações contemporâneas trazem uma síntese de diferentes referências, traço marcante do modernismo. A arquitetura conta a história através de suas obras, e neste trabalho, a intenção é refletir e ponderar a questão de que, mesmo sem diretrizes estéticas específicas, há um estilo, há uma composição histórica e arquitetônica em toda a obra construída, representada por um processo cultural que sofre confrontações internas e externas, uma luta constante entre manter as tradições e se atualizar no tempo presente. Froemming (2009), por exemplo, acrescentaria a esta discussão, que a memória e o esquecimento são pontos importantes para as composições e formações de novos grupos.

Além dos já citados tópicos da introdução, ainda se objetiva a composição de uma pesquisa histórico-estética para a compreensão do patrimônio arquitetônico e das marcas da passagem do tempo expressas nas construções das igrejas e suas substituições. Problematizam-se, assim, as influências de concepções e estilos arquitetônicos que delinearam a escolha da fonte de estudo para representação de seus templos religiosos, sobretudo na dicotomia do tradicional (vinculado a simbologia e aos conhecimentos técnicos-construtivos de um determinado grupo, ilustradas na perda ou não do vínculo com a região de origem) e moderno

---

<sup>4</sup> Construção tradicional em tijolo e argamassa.

(representação da linguagem estética com bases geométricas e linhas simplificadas, predominante no século XX, e seus respectivos signos de “modernidade”).

A metodologia da história oral, segundo Alves (2016), é de ouvir e registrar as vozes dos sujeitos que não estão inseridos na história oficial, integrando-os na mesma. Um dos objetivos do presente estudo, portanto, é o de registrar a transformação histórica étnica/arquitetônica de uma paróquia interiorana, lendo a partir de suas linhas textos que se repetem em várias outras comunidades.

A pesquisa utilizou a fonte oral para a coleta de informações, reforçando as colocações de Alberti (1996), que enfatiza a importância de investigações com base na história oral, no sentido de como as representações se tornam fatos, “ou seja, a história oral permite não apenas compreender como o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram” (1996, p. 8), e também de Alves, que evidencia a qualidade de um trabalho que reforça sua análise com a história oral.

O trabalho com a pesquisa qualitativa exige que o investigador se preocupe em compreender os eventos investigados, a partir sempre de seus contextos, sendo necessário, assim, uma descrição detalhada das condições de produção. A procura por várias fontes favorece uma melhor contextualização do recorte feito (ALVES, 2016, p. 3).

Optou-se por trabalhar com entrevistas temáticas, configuradas por perguntas abertas, inicialmente prescritas, que com o decorrer foram sendo complementadas. Os indivíduos foram selecionados pela sua relação com o tema em questão, na maioria dos casos, pessoas com delegações de cargos de diretoria ou membros ativos da comunidade, com vínculos na formação da mesma e na construção dos templos, correspondendo a orientações de Alberti, que sugere que “é no contexto de formulação da pesquisa, durante a elaboração de seu projeto, portanto, que aparece a pergunta “quem entrevistar?”” (2004, p. 31).

Com as perguntas básicas elaboradas, conforme a direção que a conversa apresentava e o domínio sobre possíveis temas que o entrevistado comedia, novas abordagens eram realizadas. Caracterizando cada entrevista com suas particularidades, com ênfase na fundação das comunidades, informações da construção das primeiras igrejas e os motivos das suas substituições, qual foi a participação efetiva dos membros no processo construtivo juntamente com um trabalho ou não em conjunto com profissionais técnicos da área e a influência cultural

“alemã<sup>5</sup>” e “brasileira<sup>6</sup>”, submetida nos períodos de transição entre a primeira e a segunda fase das construções. Como Froemming enfatiza, a importância da fonte oral<sup>7</sup> para o corpo do trabalho desenvolvido permite maior aproximação com o cotidiano desses personagens.

Nem tudo o que consta no papel diz respeito ao que realmente existiu. Projetos podem sofrer alterações na sua realização prática. Além do mais, os documentos escritos não são detalhistas como a memória de uma pessoa, que pode ir recordando maiores informações a partir do esforço de lembrar um episódio. Porém é preciso entendermos a limitação de uma memória (FROEMMING, 2009, p. 27)

O que acontece na situação da atual pesquisa, é uma aproximação a indivíduos com algum grau de parentesco com os protagonistas da história, sobretudo filhos e netos que ouviram de seus pais e avôs as narrativas e trazem suas interpretações conforme a memória registrada. Esse recorte trouxe um nível de dificuldade para o estudo, pois muitas memórias já foram esquecidas e, no decorrer de algumas entrevistas, a contradição dos fatos foi se evidenciando. Além da “crítica à fonte” (oral ou material), foi imprescindível a aproximação a com demais fontes, compondo um escopo de pesquisa em que documentos escritos, vozes e edificações dialogam. É importante que o pesquisador faça uma análise da versão<sup>8</sup> que o entrevistado fornece sobre o objeto de estudo, entendendo a sua visão e seu sentimento perante os fatos, podendo partir das seguintes perguntas: “como os entrevistados viam e veem o tema em questão”, ou “o que a narrativa dos que viveram e presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?” (ALBERTI, 2004, p. 30).

Dentro dessas considerações também pode-se agregar ao repertório o perfil (qual a relação deste com o estudo) e o quantitativo necessário de pessoas a serem entrevistadas, não

---

<sup>5</sup> Resgate histórico e cultural que os (i)migrantes demonstram nas construções, com a preocupação em conservar e valorizar sua cultura em edificações materiais.

<sup>6</sup> Forma construtiva adaptada, com mescla de estilos que, no período temporal, se baseou no período moderno, que nos exemplares ocasionou uma composição indefinida.

<sup>7</sup> Número do Comitê de Ética: 084080/2019. CAAE: 17009819.6.0000.5342.

<sup>8</sup> A palavra “versão” é substituída mais tarde, na terceira edição do Manual de História Oral pela palavra narrativa, para evitar que se torne algo muito particular. Assim valorizando o que a entrevista documenta. Como a autora Alberti coloca: “no Dicionário Houaiss da língua portuguesa, “versão” aparece como algo próximo disso: “cada um dos diferentes modos de contar ou interpretar o mesmo ponto, fato, história etc.”; “por extensão, notícia ou história infundada, boato, rumor” (ALBERTI, 2012, p. 163).

Ao preferir “narrativa” estou me aproximando do conceito de “narrativa” da teoria da literatura. De acordo com Luiz Costa Lima, por exemplo, trata-se do “estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entram em uma ordem; ordem que não é anterior ao ato da escrita mas coincidente com ela; que é pois constitutiva de seu objeto”. Podemos dizer que essa ordem é dada pelo “quem escreve (ou quem fala)”, “para quem”, “quando”, “por quê”, etc.” (LIMA, 1989, p. 17).

deixando de complementar o corpo da pesquisa com fontes documentais, pois, como Alves coloca, “é importante frisar que, ao se optar por trabalhar com fontes orais na HO<sup>9</sup>, não se está abrindo mão do trabalho com documentos escritos como os de arquivos. A perspectiva assumida pela HO inclui o diálogo-necessário-com outras fontes, além das orais” (ALVES, 2016, p. 7). As outras fontes reúnem e conectam informações significativas para usar na forma comparativa com as entrevistas, adentrando nas colocações de Alberti (1996) para quem o passado deve ser dividido em dois grupos, os resíduos de ação (que seriam os documentos arquivados, pedaço de uma ação passada) e os relatos de ação (considerada também um resíduo de ação, por exemplo, uma carta informando alguém sobre uma ação passada, ou memórias e autobiografias escritas posteriormente). Sendo que esta distinção também pode ser incorporada na história oral, como lembra Alberti:

podemos dizer que uma entrevista de história oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações implicadas na própria entrevista. Com uma diferença, é claro: enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de história oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Assim, mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico – sobre ações passadas (ALBERTI, 1996, p. 3).

A entrevista, sendo resíduo em ação, documenta uma comunicação interativa entre entrevistado e entrevistador, ambos possuem ideias um sobre o outro e sobre o tema, um estimula o outro dentro do seu propósito: o entrevistador, a desencadear determinadas ações, fazendo com que o entrevistado relate sua experiência, sentimento e emoção: e o entrevistado, expressando o relato de tal forma que toque o entrevistador, modificando suas convicções, fazendo-o ver a situação mediante seu olhar (ALBERTI, 2019). Como Alves destaca:

Vários autores da HO têm destacado a importância da qualidade da relação que se constrói entre pesquisador e pesquisado. O êxito da entrevista começa antes mesmo de ela acontecer, quando é feita a preparação para realizá-la e quando há o contato e um compartilhamento da realidade a ser enfocada entre pesquisador e o sujeito a ser entrevistado (ALVES, 2006, p. 4).

---

<sup>9</sup> História Oral.

Contudo, a especificidade da história oral é complementada pela memória individualizada, que parte dos níveis de memória ativa e latente, as quais são motivadas no transcorrer da interlocução (ALBERTI, 1996). O acesso a essas memórias pode acarretar uma pluralidade de versões do passado, para evitar uma polarização simplificadora (memória dominante X memória dominada ou memória subterrânea X organizada) é fundamental conhecê-las e ter consciência de que elas existem e entrarão em conflito durante o embasamento da pesquisa (ALBERTI, 1996).

Não menos importante que as entrevistas foi a investigação para a coleta do acervo fotográfico, que neste trabalho é uma significativa fonte para a análise e comparação dos templos em estudo. Como a autora Mauad aponta:

Toda a imagem é histórica. O marco de sua produção e o momento da sua execução estão indefectivelmente decalcados nas superfícies da foto, do quadro, da escultura, da fachada do edifício. A história embrenha as imagens, nas opções realizadas por quem escolhe, uma expressão e um conteúdo, compondo através de signos, de natureza não verbal, objetos de civilização, significados de cultura. (MAUAD, 1996, p. 89).

O primeiro passo foi a busca pelas fotografias das primeiras igrejas, objeto de estudo da dissertação, pelo livro do autor Osmar Resener, *A história da Igreja Evangélica no município de Tapera (1979)*, o qual, nas suas colocações, relacionava as fotografias a famílias da região. Em seguida, ao contatá-las, muitas afirmavam não as possuir, o que ampliou forçosamente a área de pesquisa, impossibilitando a coleta das mesmas. Poucas imagens originais foram adquiridas, sendo que a maioria utilizada são cópias das expostas no livro do autor Resener.

Após houve a busca por fotografias regionais que mostram as construções de migração alemã, do recorte temporal em estudo, para as devidas comparações e análises com a construção dos templos. A comunidade teve grande participação nesta explanação, contribuindo com fotografias familiares, de residências, propriedades e comércios. Fotografias de livros, trabalhos de pesquisa como dissertações e teses também foram usadas para a observação de regiões mais longínquas do foco de pesquisa e as relações com outras etnias.

Historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época. Tal ideia implica a noção de intertextualidade para a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de um determinado contexto histórico: à medida que os textos históricos não são

autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, a fotografia - para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo - deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar (MAUAD, 1996, p. 82).

A fotografia é uma fonte de fácil entendimento para o público em geral, tornando o trabalho mais dinâmico e didático. Além de trazer sensações e sentimentos únicos para cada observador, que envolvem três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor, integrando o resultado final de uma produção cultural, “nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem” (MAUAD, 1996, p.89).

Para um trabalho de cunho histórico a fotografia tem um papel de testemunho, atestando a existência de uma realidade, enriquecedor para a demonstração das análises, pois a fotografia “congela” a história de um determinado período ou objeto, adentrando em dois caminhos para operar sobre tal relação, o primeiro visa a direção da história da fotografia e seu processo de evolução da técnica fotográfica, e, o segundo busca compreender o lugar da fotografia na história (MAUAD, 1996). Cabe ressaltar que, deve-se ter consciência que a fotografia não demonstra o total realismo, há ocultismo inserido na imagem, como a autora coloca:

[...]A fotografia é bidimensional, plana, com cores que em nada reproduzem a realidade (quando não é em preto e branco). Ela isola um determinado ponto no tempo e no espaço, acarretando a perda da dimensão processual do tempo vivido. É puramente visual, excluindo outras formas sensoriais, tais como o olfato e o tato. Enfim, a imagem fotográfica não guarda nenhuma característica própria à realidade das coisas. Vale lembrar que, uma desconstrução como a do realismo fotográfico, detém-se, exclusivamente, sobre os efeitos que os recursos da técnica fotográfica exercem sobre a percepção, não considerando os aspectos de conteúdo da mensagem fotográfica (MAUAD, 1996, p. 75).

Por meio destas, deve-se acrescentar ainda, que a fotografia para interpretação da mensagem, necessita atribuir levantamentos quanto aos elementos e níveis que a individualizam. Os problemas relativos às análises do conteúdo da mensagem fotográfica, existentes na possibilidade de a segmentar, por meio da avaliação realizada perante sua estruturação. “É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no

qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem” (MAUAD, 1996, p. 79).

Cabendo ao historiador considerar a pergunta: como olhar através das imagens? Questão esta trazida no levantamento do estudo em questão. A análise se dá a partir dos materiais utilizados, do sistema construtivo e estilo das edificações, juntamente com o reconhecimento regional de inserção e a etnia predominante no meio cultural.

A publicação supracitada de Resener, escrita em 1979, e a obra posterior, da pastora Patrícia Hoffmann, *Memórias do centenário Paroquial* (2009), apresentam a trajetória histórica da Paróquia, com um trabalho voltado à pesquisa oral com os membros das comunidades. As obras apresentam coletas de dados, registro de informações presentes em atas e fatos históricos, e auxiliaram, assim, na coleta primária de informações, pois abordam de modo panorâmico a conformação das comunidades, dos indivíduos e famílias envolvidas. Além das entrevistas, foram indispensáveis as atas e fotografias, com o levantamento comparativo de dados e compreensão tanto das escolhas quanto das substituições das edificações. As fotografias das primeiras construções foram documentações difíceis de encontrar, algumas sem sucesso, outras encontradas nas próprias igrejas, que, como uma forma de homenagem à história da comunidade, estão expostas dentro das edificações. Outras foram encontradas com membros das comunidades ou retiradas do livro de Resener (1979). As atas se encontram com o secretário ou o tesoureiro, em alguns casos, como a comunidade possui mais de um livro ata, as atas antigas ficam com diretorias anteriores, o que dificultou em alguns casos a coleta destes dados.

Nas comunidades pesquisadas, os respectivos membros da diretoria tiveram grande atenção perante as solicitações encaminhadas, o pastor Carlos Klostermeyer, responsável pela Paróquia, atencioso e prestativo, colaborou intensamente e pacientemente perante as orientações requisitadas. A quantidade de informações varia conforme o armazenamento de dados e o envolvimento dos entrevistados com a história de cada comunidade.

Os locais para onde foram encaminhados os primeiros imigrantes eram relativamente isolados, as colônias, na sua grande maioria, situavam-se em áreas rurais, o que potencializou a preservação da cultura e foi caracterizando os grupos sociais em terras brasileiras. Desse modo, muitos (i)migrantes permaneceram vivendo como “alemães” em solo brasileiro, fator esse que influenciou na agregação de católicos e evangélicos (FROEMMING, 2009) (tema abordado no primeiro capítulo), estabelecendo semelhanças entre os casos encontrados na bibliografia com algumas comunidades do estudo.

Por outro lado, os luteranos que se instalaram em cidades maiores, a partir de 1890, possuíam um perfil diferenciado, geralmente vindos de participação ativa em movimentos políticos na Alemanha de 1848, com níveis de escolaridade maiores e estabilidade econômica. Dentre eles estavam professores, jornalistas, políticos e empresários, jovens com o ideário de “fazer a vida” no Brasil. Com fracos laços religiosos, usavam da religião como ato de entretenimento para realização de festas nas suas localidades e demonstração de status e poder projetados na construção dos templos. A composição social luterana no sul do país foi a industrialização, seguida da urbanização, a partir do ano de 1910, que originou cidades médias com uma nova classe média (GERTZ, 2001).

Os primeiros tempos de colonização luterana foram marcados pela carência de orientação pastoral, o que os compeliu a criar métodos para dar continuidade a sua religião, como, por exemplo, a adoção de pseudo-pastores. Esses eram indivíduos escolhidos pelo seu grau de conhecimento e vivência dentro do grupo, geralmente se tornando o líder. Conforme Joachim Fischer, durante 40 anos nenhum pastor foi encaminhado para o Rio Grande do Sul, e a Igreja sobreviveu pelos laços que mantinha com a Igreja-mãe da Alemanha, que se comprometia em enviar “pastores, evangelistas, professores, diáconos, diaconisas, remessa de literatura e auxílio financeiro”. (FISCHER, 1970, p. 65 apud VANDERLINDE, 2006, p. 72). Em 1864 a Igreja Alemã começou a preocupar-se com a situação de seus fiéis em solo brasileiro e, com a vinda do pastor Borchard, iniciou o envio de mais pastores para o Brasil. (DREHER, 2014).

O corpo estrutural desta dissertação classifica-se em cinco capítulos mais a conclusão. O capítulo um traz a introdução ao tema de pesquisa, com a descrição das propostas e caminhos utilizados para a elaboração da pesquisa. No capítulo dois será abordada a religião luterana IECLB, para a compreensão do perfil identitário desses indivíduos e a influência étnica perante esta religião, da trajetória desses imigrantes para as novas terras, até seu estabelecimento na área de estudo. As características que se interligam entre esta religião a etnia e o perfil construtivo na formação do novo espaço habitado. No que tange ao embasamento histórico, é contextualizado o luteranismo, as motivações da emigração, o desencadeamento da emigração/imigração/migração e o seu perfil identitário no novo habitat, que reflete um sistema cultural fortemente enraizado e vinculado a religião.

Organizado com subtítulos que torna a narrativa compreensível visto que acompanha um processo temporal de sua trajetória, se iniciando com o protestantismo de Martinho Lutero,

a reforma religiosa e o perfil construído pelos seus seguidores, inquirida pelos autores Humber Matte (2009), entre outros. Na sequência, adentra-se à necessidade europeia da emigração, concentrado-se na etnia alemã, com uma contextualização panorâmica e simplória, onde apresentar as rotas de imigração que possuem importância para descrever o caminho destes imigrantes até o planalto riograndense. Chegando, então, à descrição dos alemães luteranos, fundamentada com o auxílio de autores como Dagmar E. E. Mayer (2003), Jean Roche (1969), Jorge L. da Cunha (2003), Jorge L.S. Júnior (2019), Helga G. Prade (2003), Martin Dreher (2014), entre outros.

Ao explicar a vinda dos migrantes ao planalto riograndense à concentração em trabalhar os alemães luteranos, embasa-se nas narrativas de Dagmar E.E. Mayer (2003), Humber Matte (2009), René Gertz (2001) entre outros. Conseqüentemente, e para finalizar o capítulo, trabalha-se o perfil identitário trazido na organização do espaço que estes migrantes criam em novas terras, suas peculiaridades e adaptações, trazidas por narrativas de alguns entrevistados e estrutura textual de Jean Roche (1969) e Martin Dreher (2014), entre outros. Para compreender a construção dos espaços identitários, como as igrejas e as escolas, que são elos de interrelação dos membros das comunidades, busca-se a colaboração dos autores Ademir V. dos Santos & Elio Cocchetti (2013), Humber Matte (2009), Lidice M. P. Ribeiro (2006), Martin Dreher (2014), entre outros. Faz-se uma ressalva especial a Osmar Resener (1979) que, como membro participante da comunidade de Lagoa dos Três Cantos, possibilitou um trabalho significativo para a compreensão de pontos e pautas utilizadas no presente estudo.

No capítulo três descreve-se a Paróquia de Tapera e suas respectivas comunidades, trazendo dados e informativos peculiares de cada uma, desde a sua formação, a construção das igrejas e suas substituições, discriminados de forma individual. Tem-se, neste capítulo, como base textual os informes coletados nas entrevistas, atas, fontes de dados como o IBGE, publicações específicas da Paróquia provenientes das escritas de Osmar Resener (1979) e Patrícia Hoffmann (2009) e dados históricos da publicação de Jurema Fülber & Lúcia Laner (2000). Apresenta-se, portanto, uma narrativa densa com um corpo textual informativo abrangente que agrega conteúdo para as análises.

O capítulo quatro traz a construção dos primeiros templos, com um explicativo do sistema construtivo que o migrante utilizou, em madeira serrada com mata-junta. Aborda as relações de transformação de um espaço para um lugar no âmbito religioso, com fundamentos teóricos de autores como Yi-Fu Tuan (1983), Paolo Portoghesi (2002), que auxiliaram para o

entendimento das transformações e os usos do espaço, principalmente o religioso. A identidade visual do (i) migrante, além das contribuições cedidas pelos entrevistados, é também tratada a partir das colocações de Günter Weimer, que descreve as peculiaridades da etnia alemã, e com autores que trazem colocações sobre o uso da madeira na região, como Antônio C. Zani (2013), Jacinta M. Gislou (2013), Natália B. Pereira (2019), Natália B. Pereira & Ângela do Valle & Guilherme da Silva (2017), Natália B. Pereira & Ângela do Valle & Bárbara R. da Costa (2017), Rocheli A. Diel (2015) entre outros. As construções são analisadas a partir de comparações a edificações regionais de distintos fins, como residenciais e comerciais, templos de diferentes religiões pertencentes tanto a etnia alemã como a italiana com embasamento teórico nas colocações de Günter Weimer, de Júlio Posenato (1983), que apresenta características da etnia italiana, e Marcus M. G. da Silveira (2011) que aborda questões sobre patrimônio histórico.

No capítulo cinco são tratadas as substituições dos templos e datas com a definição do estilo pertencente. Uma introdução dos motivos da substituição é tratada com as narrativas de Angela B. Froemming (2009) e Vera Grieneisen (2013). As entrevistas possuem importância para o embasamento das datas das substituições e nas análises comparativas, que recebem um comparativo com a arquitetura das primeiras colônias, como a colônia de São Leopoldo, região onde a grande maioria da população migrou. Cabendo aqui a narrativa de Sidelio A. Doebber (2019), membro pertencente à comunidade de Tapera, que coloca que a maioria dos sobrenomes alemães da região são provenientes de Lajeado. Para contextualizar as novas construções é posta a explanação de Márcio A. Lima (2016) e Paolo Portoghesi (2002), que descrevem aspectos do estilo e período moderno e pós moderno. Por fim, Márcia Chuva (2003) traz aspectos da nova profissão de arquiteto e urbanistas que eclode no período moderno, o que finda os debates referentes aos aspectos das obras em questão.

A conclusão demonstra uma nova análise para findar os questionamentos sobre a técnica construtiva da mata-junta. Juntamente a uma narrativa sobre a mudança de visão no decorrer dos tempos perante o patrimônio histórico, sob um olhar macro e micro, dentro das comunidades. A construção, modificação e adaptação cultural de uma etnia em terras desconhecidas, sob influências de um período em questão.

Ao observar as comunidades, a percepção que transforma o espaço em lugar está muito além de fazer uso dele. A “mágica” se dá no momento em que ele se torna presente fisicamente e simbolicamente para o usuário. As particularidades, influências, modificações, representações de necessidades, agregam valor e significado, caracterizando sua transmutação e o nascimento

singular do lugar. Na arquitetura os espaços são criados, seus usuários o utilizam como lugares, podendo tanto ser de passagem como de permanência, e o que o define é a importância que ele exerce na vida de cada um, para cada indivíduo. Espaços religiosos são uma fonte importante para entender esse processo. Sua forma material mescla-se com a sagrada, originando um lugar referencial, único. Seu poder de influência gera transformações e humaniza espaços em todo âmbito social.

## **2. LUTERANISMO IECLB E A TRAJETÓRIA DO (I)MIGRANTE À REGIÃO DE ESTUDO**

Com o objetivo de situar historicamente elementos que irão compor as escolhas técnicas e estéticas somadas aos usos do espaço religioso, o capítulo que segue aborda aspectos dos preceitos da religião luterana IECLB e de que modo a religiosidade se manteve como elo congregador no arranjo dos imigrantes alemães no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul e na mesorregião do planalto médio. O capítulo se concentra em discorrer sobre a trajetória do imigrante alemão, com proeminência ao grupo religioso luterano. A contextualização apresenta-se necessária para explicar os processos, pois os sujeitos em tela, além de sua classificação religiosa, possuem a categorização étnica.

### **2.1. Construindo identidades**

A IECLB, como muitas outras Igrejas Cristãs, citando também a Católica Apostólica Romana, a Ortodoxa Grega e outras menores, é uma religião que comunga, do mesmo sentido religioso cristão, a fé por um Deus único e pelo seu filho Jesus Cristo, que tem a missão de salvar os homens de seus pecados, tendo como base os princípios judaicos do Velho Testamento. A introdução do protestantismo no Brasil é considerada recente, a partir do século XIX, mas os movimentos reformistas se iniciaram na Europa no século XVI, com causas políticas e religiosas interligadas. “De um lado a Reforma representou pontos de vista teológicos e de prática religiosa contrárias à ortodoxia Católica. De outro, refletiu os posicionamentos dos monarcas contrários às ingerências da Igreja na esfera da vida laica” (CAPELLARI, 2001, p. 18). Ao contrário do catolicismo, que possuía como alicerce os sacerdotes, os protestantes tornaram a valorizar mais as palavras da Bíblia (CAPELLARI, 2001).

A partir do século XVI começaram a despontar movimentos na Europa, que ganharam maior repercussão no século XVIII: “entre estes pode-se mencionar movimentos como o iluminismo, a queda do absolutismo, a ascensão da burguesia, o início do capitalismo, a revolução industrial, entre outros” (MATTE, 2009, p. 22). Consequências de adversidades sociais sofridas pela população europeia, como a fome, epidemias e guerras, culminaram na necessidade de mudanças sociais. A origem do universo, do homem e suas crenças foram temas postos em debate. Dentre as mudanças se destacavam as artes, a política e a religião. Em meio

a ditos movimentos, o protestantismo propunha formulações de maior autonomia e nacionalização (MATTE, 2009). Iniciando uma nova visão de religiosidade, os protestantes obtiveram esta denominação por que eram contrários ao pensamento hegemônico católico, discordavam de uma série de postulados consolidados na Idade Média e eram contra a postura do clero para com os crentes (RADÜNZ & LIA, 2007).

Apesar de já existirem, no final da Idade Média, teólogos que criticavam a monarquia pontifícia e movimentos existirem como os lolardos e hussitas, que exigiam a simplificação do cristianismo, estes, viram nas novas reformas um potencial para a execução de seus ideias, principalmente a luterana, vinculando-se e ampliando a base de apoio e poder da reforma (BERTOLLA, 2008). À frente da linha protestante destacou-se Martin Lutero<sup>10</sup>, Zwínglio, Calvino entre outros. Lutero alvitava a doutrina da justificação pela fé e pela palavra (Bíblia), ou “doutrina do sacerdócio universal”, que propagava a ideia de que a graça divina não era obtida com as boas obras enfatizadas pelo catecismo católico. Obtendo maior aceitação em países como Alemanha, Suécia, Noruega e Dinamarca. Zwínglio e Calvino defendiam um rompimento mais radical, “postulando a salvação enquanto graça de Deus (*sola gratia*), dando menos valor ao batismo e à eucaristia (mantidos por Lutero) e julgando vital mexer na organização da igreja, que passou a ser dirigida por representantes eleitos” (CAPELLARI, 2001, p. 19), princípios originários da Igreja Presbiteriana. Como o presente trabalho traz o contexto luterano, o enfoque dar-se-á à reforma praticada por este grupo em específico.

Lutero<sup>11</sup> propunha redirecionar as obrigações de Estado e Igreja, no intuito de ambos respeitarem seus espaços. Para o Estado cabia o poder e o direito de guiar o cidadão dentro de princípios estabelecidos com bases estatais e para a Igreja ficava o dever de servir os indivíduos e apaziguar relações entre ações do Estado e de seus membros caso houvesse perturbações relacionadas às crenças da fé. Como afirma Matte:

Com esta visão, Lutero leva para os seus seguidores a ideia de que a obediência ao Estado é tão necessária quanto a prática do bem aos semelhantes. Deste modo, segundo ele, a Igreja teria o dever de instruir seus seguidores, no plano imanente, à obediência ao Estado, ao serviço ao próximo e à busca pela orientação das

---

<sup>10</sup> Martin Lutero, nascido em Eisleben, Alemanha, no ano de 1483, titulado Doutor em Filosofia, aos 22 anos de idade, titulou-se Doutor em Teologia e lecionou na Universidade de Wittenberg.

<sup>11</sup> Lutero apresentou no dia 31 de outubro de 1517 as suas famosas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg com o intuito de dispersar a ideia e colaborar para a reforma da Igreja. Frente ao resultado do crescente interesse social e a propagação de suas palavras, a igreja entra em conflito, posicionando-se de forma negativa a tais mudanças, pois vê itens da reforma como a retirada da exclusividade do clero ao domínio do ensino e interpretação da Bíblia, tornando-se acessível aos fiéis pela leitura vernácula e não mais apenas nas línguas originais como o latim, grego, hebraico e aramaico, como ameaça a sua preeminência (MATTE, 2009).

autoridades, quando essas deixassem de servir aos cidadãos. Isto ele deixa claro quando prega na trilogia que escreve de 1523 a 1525, a obediência às autoridades, a necessidade da paz e a não interferência entre os “estamentos” Igreja e Estado (MATTE, 2009, p. 23)

Presume-se que parte das motivações reformistas tinha como maior atrativo o controle das riquezas e poderes a serem retirados da igreja, e não propriamente os fins da religião. Com o enfraquecimento da Igreja, os reis expandiram o seu poder. Lutero sustentou um discurso de passividade perante os superiores, ocorrendo uma substituição de poderes, que passou da Igreja para o Estado, ou seja, ao governo não carecia prestar contas ao povo, somente a Deus. O movimento era controlado pelo Sacro Império Romano Germânico, em algumas cidades ele nem chegou a existir graças a negação das famílias reais, já em outras, principalmente as controladas por um príncipe local, existem poucos indícios que ele tenha se realizado de forma popular, como é o caso de Magburgo e Nuremberg, se expandindo nas regiões norte e oeste da Alemanha, enquanto o catolicismo se expandiu no oeste e sul (BERTOLLA, 2008). O que significa que o poder imperial teve grande influência na dissipação da reforma e no perfil regional dos protestantes juntamente com o movimento popular.

Para a reforma ser aceita houve três pontos decisivos que o governo alemão reformulou, como Bertolla coloca:

O primeiro foi a concessão de uma proteção governamental a líderes luteranos, que antes eram perseguidos, e o incentivo que a estes difundissem as doutrinas de Lutero. Um exemplo disso foi em Nuremberg, onde Osiander foi nomeado o pregador oficial, sendo colocado até acima da Igreja antes estabelecida. O segundo passo foi a convocação de uma Assembleia nacional, onde os governos locais puderam declarar sua indignação definitiva contra os abusos dos poderes da Igreja e do papado em seus territórios. Isso gerou, em todos os casos, a legitimação da mudança através do estabelecimento da Igreja luterana como uma congregação espiritual, sem aspiração política ou a quaisquer poderes, senão em pregar a Palavra de Deus. O último passo realizado pelos governos locais foi aproveitar as consequências dessa indignação contra a Igreja, transferindo as jurisdições da Igreja à Coroa e estabelecendo o rei como chefe da Igreja, em lugar do papa (BERTOLLA, 2008, p. 75 e 76).

O seu direcionamento à população leiga foi com o propósito de trazer reformas sociais e na educação, auxiliando a correção cultural com a construção de uma “cultura comum”, para uma maior qualidade de vida, frente a uma nova leitura do mundo. Seus debates sobre a educação, sugeriam grandes mudanças no ensino de escolas e universidades. A abordagem

revelava um discurso relacionando o Estado como um todo, sem distinção entre indivíduos leigos e classe eclesiástica, tornando as intenções claras de pregar a integração entre campos tão distintos até então. Acredita-se que esse fato tenha colaborado para Lutero receber apoio de diferentes segmentos da sociedade (MATTE, 2009). Com foi o caso de vários humanistas que fortaleceram as bases intelectuais da reforma. (BERTOLLA, 2008).

Propõe-se também uma reforma educacional, na qual, o ensino tornava-se obrigatório a todos os cidadãos cabendo ao Estado o cumprimento deste ofício: “estão a ênfase no estudo do direito civil nas universidades, a proposta humanista do cuidado com a natureza (...), além do estudo de retórica, prática, lógica aristotélica, línguas clássicas, matemática e história” (MATTE, 2009, p. 35). Aduzia-se aos pais a importância do ensino a seus filhos, na justificativa de que a multiplicação dos bens e a prosperidade da nação seria de fato concebida pela formação educacional, indiferente da classe social de inserção. À cargo da Igreja que até então possuía uma conduta seletiva em relação aos seus ensinamentos, foi delegada uma nova maneira de doutrinar pais e filhos: através dos catecismos, que instruía seus fiéis tanto em assuntos religiosos como de cunho social. Reconhecendo ser dever da Igreja ir além da pregação mística. Matte (2009) destaca os ideais luteranos, sua nova visão religiosa na citação de Schüler:

Lutero, nos ideais de educação, foi revolucionário. Na Idade Média o homem era educado para a igreja, agora esta ênfase está no indivíduo, o homem deveria ser educado para si mesmo. A educação deveria levar o homem a uma vida individual e responsável (SCHÜLER, 1969, p. 8 apud MATTE, 2009, p. 38).

As expressões étnicas e linguísticas,<sup>12</sup> além da educação, também tornaram-se fatores marcantes de identidade. A tradução da Bíblia para o alemão padrão consolidou parte dessa educação estabelecendo um processo de transição importante (MAYER, 2003). Como Trentini coloca (2003), os cultos passariam a ser ministrados na língua alemã, incluindo os cânticos. Se diferenciar dos demais, segundo Mayer (2003) teria criado um vínculo familiar entre os membros, ao mesmo tempo que fortalecia o poder e a união de determinado clã, enfatizando estima e distinção aos seus próprios olhos e diante dos não pertencentes a grupos sociais,

---

<sup>12</sup> Houve neste processo uma transição com significância nas línguas. Mayer (2003) aponta que durante a Idade Média, uma das mediações feitas entre Deus e os homens era pela língua latina, a qual poucas pessoas de restritas classes sociais possuíam acesso. Com a proposta da Reforma Protestante em traduzir a Bíblia para o alemão, esta mediação passava a ser realizada por uma língua vulgar, proporcionando livre acesso a qualquer pessoa alfabetizada (que era minoria da população), fragmentando o monopólio da Igreja. Com a tradução da Bíblia que se estabeleceu um alemão padrão, que até o século XIX era multifacetado.

glorificando sua origem, seu credo, seu modo de ler o mundo e, principalmente, seu meio religioso. “Pode ser visto como forma de procurar suprir suas carências na busca de uma “adequação da identidade étnica, como auto-consciência de grupo” (2009, p. 33 e 34). A escola modificou o cenário, consolidando-se como um foco de socialização e formação cultural. Diante destes aspectos, Kreutz (1994) enfatiza que se torna mais coerente o entendimento à tradição escolar que o imigrante luterano traz em sua bagagem cultural. Como abordaremos no segundo capítulo, para os luteranos foi comum a utilização do espaço da igreja como escola. A valoração da educação acompanhou os protestantes e mediou, junto com a religião, as práticas de sociabilidade.

Esse perfil identitário os luteranos trouxeram em sua bagagem cultural na vinda para o Brasil no século XIX, condicionando seu comportamento ao idealizado na pátria de origem, concentrando grupos pertencentes às mesmas regras. Estas concentrações fizeram com que um novo sistema se criasse, (que hoje se percebe nitidamente pelo português que sofre forte influência no sotaque da população de origem e descendência de imigrantes), como destaca Prade (2003), restringindo uma integração social entre etnias diferentes, e estabelecendo certa fronteira com indivíduos que não compartilhavam das mesmas tradições e crenças.

A língua mãe e a religião foram fatores que favoreceram certo isolamento, a criação das escolas<sup>13</sup> dentro das comunidades luteranas colaborou para propagar e manter viva a cultura de origem. A língua para esse grupo foi um elo de ligação e de união com a unidade étnica, que se constitui fora de sua terra de origem, que mesmo em contato com outras culturas conseguiu proceder à nova forma de viver, adequando-se as situações que antes já pertenciam a seu cotidiano como trabalho, comércio, lazer e religião (MATTE, 2009). Nas palavras de Mayer (2003) muitas vezes os luteranos se achavam mais compatriotas e alemães que outros imigrantes da mesma origem.

Como descreve Matte:

Nesta perspectiva, a diáspora possibilita a reinterpretação das identidades criadas ou reinventadas. Isto não pode ser visto como assimilação de uma nova identidade, mas a transculturação, ou a releitura do ideário etno-religioso que liga estes imigrantes à terra natal dentro do contexto sócio-econômico-cultural no qual estão inseridos. Neste, procuram recriar os sonhos e ideais que possuíam, desconectados com os que

---

<sup>13</sup> Os colonos que não se comprometeram com a escolarização de seus filhos, não possuíam a permissão de celebrar a primeira eucaristia (católicos) ou confirmação (evangélicos) e outras celebrações de iniciação, afirmando a forte ligação entre escola e religião (KREUTZ, 1994).

os cercam, procurando fixar fronteiras rígidas ao redor do seu grupo cultural para estabelecer sua dominação neste novo ambiente (MATTE, 2009, p. 29).

Estes (i)migrantes buscaram criar formas de estarem agrupados desenvolvendo laços étnicos, sob aspectos de interesses comuns, para facilitar a vivência na terra desconhecida. Pela literatura luterana foi possível a solidificação desse vínculo, recorrendo à linguagem singular “que servia de referência na unificação da comunicação e também do pensar nestes centros de irradiação migratórios que se formavam no interior do Estado” (MATTE, 2009, p. 49). Como Mayer (2003) argumenta, a linguagem foi o elo para a criação de uma nova identidade cultural, unindo diferentes grupos sociais, diretamente conectados com a noção de representação, que constrói o indivíduo em seu contexto. São estes sistemas que criam os lugares e o nomeiam, com embasamento na hierarquização e no poder, definem quem está incluído ou excluído de grupos ou posições sociais. Roche (1969, v2) coloca que, por exemplo, até o ano de 1875, nas colônias, se falava somente o alemão, ocorrendo a necessidade de tradução das leis, para a compreensão dos colonos.

Quando Mayer analisa a cultura – no âmbito de seu estudo, a alemã -, ele a avalia não só como sendo um conjunto de crenças, experiências, valores, tradições e hábitos de um determinado povo, ele acredita que o conceito gira em torno de algo mais abrangente como os processos, categorias e conhecimentos que são vivenciados pela sociedade, moldando-a e unindo-a conforme suas necessidades, estando sempre em constante movimento: “estes fenômenos manifestos são produzidos através de sistemas de significação, estruturas de poder e instituições” (MAYER, 2003, p. 190). Para Jungblut (1994) a identidade grupal se forma nessas circunstâncias, os luteranos tem peculiaridades de fácil análise, tratando a religiosidade muito circunscrita à etnia, sendo que cerca de 90% <sup>14</sup>(dados referentes ao ano de publicação do livro) de seus adeptos são de origem alemã.

## **2.2. Cruzando oceanos: A trajetória do (i)migrante**

Entre outros fatores, o que acarretou a emigração da Alemanha<sup>15</sup> no final do século XVIII e início do século XIX, foram os episódios decorridos por consequência das guerras do

---

<sup>14</sup> Estando nesta estatística as duas igrejas IECLB e IELB (JUNGBLUT, 1994).

<sup>15</sup> A Alemanha foi o contexto da emigração em estudo nesta dissertação.

Império Napoleônico e do ápice da Revolução Industrial, que provocaram o deslocamento dos pequenos agricultores para um trabalho assalariado no perímetro urbano ou como empregados dos latifundiários que adquiriram as terras que antes pertenciam aos colonos. Isso gerou um desconforto aos olhos de artesãos, burgueses e camponeses que buscaram outras formas para sobrevivência dentro da grande crise social e econômica. (MATTE, 2009).

Para a Alemanha a emigração deveria satisfazer aos interesses do Estado alemão. Portanto, considerando que ao ingressarem em outra pátria os nativos tornavam-se concorrentes economicamente, ao produzirem e consumirem novos produtos, há o despertar da ideia de torna-los ligados a suas origens e continuar nutrindo sua cultura e economia. O império alemão viu no Brasil, devido a características geográficas (visto que as paisagens e o clima do Sul do Brasil lembravam as terras alemãs), pontos que facilitariam suas pretensões para manter a germanidade, o controle político e econômico (CUNHA J. L., 2003).

A política do Império criada em 1896 para os emigrantes alemães, foi regida por uma legislação que procurava direcionar os colonizadores para regiões de seu interesse. Dentre as propostas estavam a criação de organizações e associações que protegiam seus patriotas e descendentes em nação estrangeira, além de uma estruturação cultural baseada na conservação da língua, música, cultura, costumes e crenças. Essas organizações e associações eram, por exemplo, a “criação e manutenção de escolas alemãs no exterior, do apoio a organização da igreja evangélica alemã, da articulação das representações diplomáticas da Alemanha” (CUNHA, 2003, p. 30). No dia 9 de junho de 1897 foi publicada no Nr. 26 do Reichs-Gesetzblatt, a lei sobre a emigração pelo Kaiser Wilhelm II, que dizia que o transporte de emigrantes e de companhias de colonização somente poderiam acontecer perante permissão do Império (CUNHA J. L., 2003). Também neste mesmo período A Lei *Delbrück* deu o direito aos imigrantes e seus descendentes de conservar sua nacionalidade, mesmo fazendo cidadania em outro país, conforme Mayer (2003).

A maioria dos alemães que chegou no Rio Grande do Sul partiu das regiões que permitiam a emigração, como foi o caso de Renânia (Hunsrück), localizada próxima à França, segundo colocações de Günter (2012, p. 160) “aproximadamente um quinto da Pomerânia (região limítrofe entre a Prússia e a Polônia<sup>16</sup>) e outro tanto da Vestefália (região meridional da Saxônia)”, territórios estes que sofreram mais com a guerra e o final do feudalismo (MATTE,

---

<sup>16</sup> Motivo este que explica a grande influência pomerana na arquitetura do imigrante. (WEIMER, Arquitetura popular brasileira, 2012).

2009). Günter (2012) descreve que, etnicamente, os primeiros eram francos, os segundos saxões miscigenados com eslavos e os últimos saxões, majoritariamente aldeões. Dreher (2014) aponta a vinda de hamburgueses, saxões, mecklenburgueses, hannoveranos, birkenfeldianos.

Figura 1 - Região de origem dos imigrantes alemães



Fonte: Pereira, 2019

Nas palavras de Prade (2003, p. 83). “os primeiros imigrantes vieram do Reino da Prússia (Norte da Alemanha), outros do Reino da Baviera (Sul da Alemanha) e outros da região do atual Palatinado, da Boêmia e da Áustria”. O mesmo se repetiu com as posteriores levas de imigração: cerca de 50% dos imigrantes eram de origem da região montanhosa de *Hunsrück* (entre os rios Reno, Meno e Nahe), a maioria era de pequenos agricultores prejudicados pela era industrial

Os imigrantes possuíam identidades regionais, baseada na ausência de uma unificação étnica-cultural nacional. Como é o caso dos “hunsreecker”, pomeranos, entre outros. Dentre suas particularidades estavam variações dialéticas, filosóficas, religiosas e propriedades culturais. “Incluía-se, entre os imigrantes, adeptos de várias correntes como liberais, anticlericais, maçons, católicos e protestantes” (MATTE, 2009, p. 49). A língua falada nas regiões de colonização não era homogênea, além do alemão padrão os imigrantes utilizavam o dialeto de origem específico da sua região (PRADE, 2003).

Assim, “sob os governos de Dom Pedro I e de Dom Pedro II a imigração foi incentivada por motivos de ordem econômica uma vez que havia a pretensão de substituir a mão de obra escrava que até 1888 era predominante” (SANTOS; CECCHETTI, 2013, p. 01). Essa imigração interliga-se com a escravidão, uma depende do insucesso da outra para dar certo, ou seja, a

imigração só começa a fluir com a proibição do trabalho escravo. Com a abolição da escravatura o preconceito dos escravistas fez com que estes não contratassem a mão de obra negra e desejassem sua substituição. Diante a este cenário os imigrantes se promoveram, e as contatações ganharam intensa repercussão, movimentando o desenvolvimento econômico, em especial a cultura de café e, na região sul, para o sistema de colonização.

Para receber os imigrantes o Brasil criou colônias, sendo que, no Rio Grande do Sul, elas foram classificadas em três fases, a primeira foi administrada pelo Império, e, após, pelo governo republicano e estaduais, totalizando 60 colônias, das quais 32 foram executadas pelo governo imperial e republicano, 18 pelo governo provincial e estadual e cinco por municípios. A segunda foi a colonização por empresas privadas que se deu a partir da metade do século XIX, quando as companhias adquiriam as terras sob determinadas condições do governo, comprando-as de grandes proprietários e assumindo-as para a colonização. No total 27 colônias foram implantadas por diversas companhias privadas. A terceira foi a colonização particular que se deu por um processo de burlar o sistema, tornando-se dono de terras que não lhe pertenciam, e as revendendo (AMSTAD, 1999). Para Neumann (2016), as colônias são divididas entre pelas colônias oficiais (governamentais) e as colônias privadas.

Cada estado orquestrou seu próprio plano de colonização, o Rio Grande do Sul buscava por imigrantes para desenvolver a agricultura em pequenas propriedades familiares, em contrapartida ao poder econômico dos estancieiros (NEUMANN, 2016). Não possuiu uma uniformidade e correspondeu a diferentes períodos e situações no continente europeu (DREHER, 2014).

A primeira fase (1824 até 1889) teve a intenção de dar liberdade aos colonos. Como Cunha descreve:

O imigrante deveria vir livremente para o Brasil, desobrigado, não deveria prestar serviços a algum proprietário, ou ao governo, e chegando, não deveria ser separado de seus compatriotas e ter garantidos todos os direitos (inclusive liberdade de culto) que qualquer país civilizado oferecia aos seus cidadãos e que, finalmente, a própria Constituição do Império previa. Num país, como o Brasil, onde a maioria da população era escrava, onde praticamente não existiam escolas, onde em matéria de atendimento, condições de saúde e atendimento religioso a situação era calamitosa, isolar os colonos seria condená-los à desgraça (CUNHA, 2003, p. 21).

Segundo Neumann (2016), quando os colonos começaram a chegar encontraram uma forma administrativa precária, carência de leis específicas e funcionários especializados. Essa

fase se divide em três períodos, sendo que o primeiro abrange os anos de 1824 a 1847, nos quais o início da colonização<sup>17</sup> alemã deu-se em São Leopoldo<sup>18</sup>, datada no dia 25 de Julho de 1824 (HUNSCHE, 1983). Como Dreher (2014) aponta, os imigrantes vindos nesse período são originários do Norte da Alemanha (Hamburgo e Gão-Ducado), de Mecklenburg-Schwerin e do Planalto do Hunsrück (Principado de Birkenfeld, súditos do Duque Oldenburg).

Na prática, somente os primeiros habitantes receberam as terras, os que chegaram em dezembro de 1824 esperaram meses para o recebimento do lote, o que acarretou em grandes confusões com a demarcação das terras. Como Tramontini relata (1994), os colonos preferiam receber um espaço menor de terra, de menor valor, a se afastar de seus conterrâneos e morar próximos a territórios em que a presença indígena era marcante.

Em todo o território gaúcho existia a ocupação de povos indígenas, na primeira colônia os Caingangues e Guaranis eram os grupos que predominantes. Para os Caingangues e “sua relação de territorialidade não se dava apenas por delimitação de lugares onde obtinham os recursos para a subsistência - caça, pesca, coleta de pinhão e demais recursos - mas constituía um espaço “de dimensões sociopolítico-cosmológicas mais amplas” (STOCKER JR, 2019, p. 53), um sistema que compreendia práticas ancestrais através de gerações. Os Guaranis possuíam características de criação de aldeamentos e caminhos para a ligação de áreas afastadas. Geralmente as aldeias se situavam em espaços hidrográficos o que facilitava a comunicação com outras áreas e grupos e o desbravamento de novas terras. Esse traçado facilitou a implantação do imigrante no seu novo habitat, “pode-se dizer, portanto, que os elementos de origem europeia foram introduzidos nestes territórios de forma “mediada”, em consequência das relações já estabelecidas pelos povos indígenas que ali se encontravam” (STOCKER JR, 2019, p. 54).

Na narrativa de Pereira & do Valle (2019), o norte do Rio Grande do Sul foi uma das últimas regiões do estado a ser explorada economicamente, antes da (i)migração encontravam-se no local indígenas, birivas, negros e caboclos. Alguns caboclos eram originários das

---

<sup>17</sup> Para atrair os imigrantes foi elaborado um programa no qual as despesas com a viagem seriam pagas pelo governo brasileiro, com nacionalização imediata, poderiam exercer a liberdade de culto, receberiam 160000 braças quadradas de terra por família (77 hectares) como propriedade livre, além de animais como cavalos, bois e vacas. Durante um ano receberiam ajuda, em moeda corrente, de um franco por pessoa e de cinquenta centímetros no segundo ano. Seriam também isentos dos impostos e prestação de serviços por dez anos. Contando com a única imposição de que as terras somente lhes pertenceriam a partir do décimo ano de uso (ROCHE, 1969)

<sup>18</sup> Seu objetivo inicial era criar áreas de cultivo de alimentos para abastecer as cidades e os centros militares. Esse processo estagnou durante a Guerra Civil Farroupilha (1835-1845), na metade do século XIX com a aprovação da Lei de Terras (1850) houve o retorno do comércio imigratório (RADÜNZ & LIA, 2007).

bandeiras paulistas que se mestiçaram com os índios, além de fugitivos dos inúmeros conflitos bélicos que compreenderam a região. Sua subsistência era a extração da erva-mate e ocupavam a área florestal, sendo excluídos do projeto colonial e gradualmente expulsos de suas terras. Conforme Lando & Barros (1980) a imigração foi bastante irregular, totalizando um número de 4856 alemães entre os anos de 1824 e 1830, ao contrário de Mayer (2003), que coloca essa fase como sendo a maior massa imigratória alemã para o Estado. Vanderlinde afirma (2006) que a maioria destes imigrantes era pertencente a camadas marginalizadas, fora dos padrões do novo processo de industrialização que estava iniciando na Europa. Entre eles se encontravam servos das áreas rurais, pequenos agricultores e até presidiários da cidade Hanseática, em Hamburgo, que aproveitou a onda de emigração para esvaziar suas prisões.

Em 1830 foi interrompida a corrente imigratória graças à desautorização de despesas com a imigração decretada na Lei de Orçamento de 15 de dezembro de 1830 (LANDO & BARROS, 1980). O conflito dos Farrapos (1835-1845) interrompeu por dez anos a imigração para o Rio Grande do Sul. Foi determinado um novo perfil de imigrante após este intervalo de tempo, formando as primeiras comunidades urbanas, além dos colonos e soldados, também desembarcaram comerciantes, artesãos e profissionais liberais, que se destinavam para cidades como Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Santa Maria, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Santa Cruz, Taquara, Estrela, Lajeado e Venâncio Aires (RAMBO, 2003).

O segundo período, foi entre os anos de 1848 a 1874 (ROCHE, 1969). Dreher (2014) descreve que os imigrantes eram provenientes da Pomerânia, Saxônia e Boêmia (hoje República Tcheca). A Lei Geral nº 514, de 28 de outubro de 1848 trouxe novas propostas para a imigração, a partir dela, o império daria trinta e seis léguas quadradas de terras livres para as províncias. Além disso, determinava que o trabalho escravo era proibido nelas e os colonos só se tornariam proprietários das mesmas após cinco anos de uso. Neste período a entrada de alemães no estado foi de aproximadamente 20000 pessoas (ROCHE, 1969).

O terceiro período equivale aos anos de 1874 à 1889, com a entrada de 6.000 pessoas, cerca de 11% da imigração total no Rio Grande do Sul. É importante destacar que não houve criação de outras colônias entre os anos de 1870 a 1889 pelo Governo Geral (ROCHE, 1969).

A segunda fase do período supracitado abrange o recorte da pesquisa, onde se deu a criação das colônias particulares<sup>19</sup>, constituídas no Planalto e subindo o Alto Jacuí<sup>20</sup> acompanhando as vias férreas<sup>21</sup>, exceto as de Forquetinha (1895) e Fão (1900) (ROCHE, 1969). O recorte contemplado no estudo é a colônia Alto Jacuí, fundada em 1897<sup>22</sup>, dando suporte à segunda e terceira geração de descendentes alemães que enfrentavam excessiva divisão das terras. Com um total de 647 lotes abertos (329.654,399 m<sup>2</sup> ou 32.965ha) (RÜCKERT, 1996), a divulgação se deu pelo jornal *Deutsche Post* de São Leopoldo, além de cartas e viagens feitas pelo colonizador Alberto Schmitt nas colônias de São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul, Estrela e Garibaldi (HISTORICO DA CIDADE DE NÃO-ME-TOQUE, S/D).

Em Tapera<sup>23</sup>, que por muitos anos pertenceu ao município de Lagoa dos Três Cantos, José Baggio, um dos responsáveis pela colonização, foi o primeiro morador. Posteriormente os primeiros migrantes vieram em 1898, das colônias de Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias do Sul, Silveira Martins, com registro das primeiras famílias Viero, Gatto, Bragagnolo, Bonon, Morgenstern, Kaste, Pellenz, Petry, Corazza, Salvadori e Bortolin. No final do século chegaram as famílias Sarturi, Mocelin, Salvadori e Nordari. No ano de 1906 as famílias Bonatto, Rizzi, Soder, Vizotto, Batistella, Corazza, Dozza, Dalanora, Rigon, Manfrin, Danielli, Bosa, Piovesan,

<sup>19</sup> Também foram fundados os núcleos de Santa Clara (1896), General Osório (1898), Dona Ernestina (1900), Selbach (1906), Barra do Colorado (1897), Boi Prêto (1897), Neu Württemberg (1899), Ijuí Grande (1892), Vitória (1900), Buriti (1908), Timbaúva e Boa Vista (1912), Steglich (1914), Cêrro Azul (1902), Bela Vista (1903), Dona Júlia (1912) e Rio do Peixe (1911) (ROCHE, 1969).

<sup>20</sup> “Alto Jacuí localizado no planalto rio-grandense, fez parte do território missioneiro espanhol. As reduções jesuíticas de São Joaquim (1633), Santa Tereza (1632) e a de Natividade (1633) localizavam-se nesta região” (EDUCAÇÃO, 1996, p. 26) (RÜCKERT, 1996).

<sup>21</sup> A construção da ferrovia faz a ligação do norte do estado as demais regiões, facilitando a vinda dos migrantes e o comércio entre as regiões. A estação de Carazinho e Passo Fundo passam a ser pontos estratégicos para as novas colônias (RÜCKERT, 1996).

<sup>22</sup> A empresa colonizadora “Schmitt e Oppitz era constituída por Alberto Schmitt e o Dr. Fernando Oppitz, ao se mudar para a Europa logo após o início da colonização Oppitz da lugar ao coronel Gervasio Lucas Annes” (RÜCKERT, 1996). No ano de 1897 foram adquiridas as terras do governo federal na região do Alto Jacuí (hoje abrangendo os municípios de Não-Me-Toque e Tapera), ficando a responsabilidade pela colonização alemã desta área para Alberto Schmitt e pelo lado italiano por José Baggio (HISTORICO DA CIDADE DE NÃO-ME-TOQUE, S/D).

<sup>23</sup> Nas informações localizadas em Barboza et al. (1906, p. 51/52) os pioneiros da colonização alemã são Germano Krössin e seu filho Guilherme, com chegada no ano de 1897 em Tapera. Após, em 1900, Augusto Krössin; em 1901, Carlos Krössin; em 1902 os irmãos Felipe, Guilherme, Carlos, Pedro e Jacó Morgenstern; em 1903 Henrique Webber, Jacó Karster, Adão e Luiz Petry, José Pellens e Paulo Roething. Entre 1904 a 1908 chegam de São Leopoldo José Koehler, Conrado Soder e as famílias Rohe, Roos, Sefrin e Conrado Sauer. Nos anos de 1910 a 1915, Augusto Koehler, Mathias Vogel, Henrique e Carlos Fang, Francisco Schenkel, Luiz Klein, João, Reinaldo, Leopoldo e José Bervian, Pedro Würzius, Vva, Catarina Simon, Humberto Lampert, Frederico Orth, Jorge Heck, Felipe Haupenthal, Guilherme Frederico Rauber, Luiz Grhal, Guilherme Floss, Leopoldo Neis, Pedro Koch e seu filho Fridolino. De 1916 a 1925 chegam João Bervian Senior, Norberto Ruschel, Jacó Staudt, Emilio Fanck, João Back, Vendelino Stumpf, João Daniel Rockembach, Jacó Henrich, Dr. Avelino Steffens, Theodoro Júlio Erpen, Afonso Gotlieb, Aloysio Stein, Emilio e Theodoro Fiebig, Otto Radtke, Luiz Maldaner, Jorge Henrich, Daniel, Jorge e Adão Sauer.

Scolari, Denardin e Haster chegam a região, nos anos seguintes entre 1907, 1908 e 1909 as famílias Ross, Koehler, Dolza, Bini, Bertoncelo, Seffrin, Bragagnol totalizam 52 famílias instaladas no município (FONSECA, 1987, p. 10).

Em início do século XX, o regulamento garantiu propriedades particulares<sup>24</sup>, que foram preferencialmente distribuídas para os descendentes dos antigos colonos, adquiridas pelas Leis de 1850, 1854, 1899 e 1900. Nestas leis constava a obrigação de ser mantido o reflorestamento de metade ou um terço da superfície, com o apoio do Estado na assistência técnica agrícola, ficando fixado lotes de 25 hectares por família, tendo a vantagem de se conseguir adquirir mais cinco, caso os pagamentos fossem à vista (ROCHE, 1969).

Segundo Vanderlinde (2006), entre os anos de 1888 e 1910 se dá o auge da imigração, com a vinda predominante de alemães, italianos, espanhóis e portugueses. Com a unificação do estado alemão a emigração tornou-se expressiva no campo econômico entre os anos de 1890 a 1914, como Carneiro descreve:

Nos primeiros 25 anos da República, entraram, no Brasil, 2.524.504 imigrantes estrangeiros, dos quais 50.583 eram alemães. Um crescimento significativo em relação aos últimos 25 anos do império (1865-1889), quando entraram, ao todo, 771.609 imigrantes nos quais 39.745 alemães (CARNEIRO apud CUNHA, 2003, p. 28).

Entre os anos de 1824 e 1914, 48.000 alemães entram no Rio Grande do Sul, destes 64,3% entre 1824 e 1870 e 35,7% entre 1889 e 1914 (ROCHE, 1969, v1, p 123). Com a análise feita pelo autor, a superfície de terras exploradas em 1920 é de 24.000 quilômetros quadrados colonizados pelo Estado e 10.800 por empresas privadas. Já em 1940, os números passam para 35.000 quilômetros quadrados colonizados pelo Estado e 15.000 por particulares. Em 1915 restavam ao Estado somente 8.000 quilômetros quadrados de terras livres, protegidas, relativas às zonas de fronteira. Conforme colocação da autora Neumann: “a população de estrangeiros e descendentes formavam mais de um terço da população total do estado. Desses, 60% de origem germânica e eslava e 40% latina” (NEUMANN, 2016, p. 49).

### **2.3. Luteranos no planalto rio-grandense**

---

<sup>24</sup> As colônias fundadas foram: Santa Rosa (1915), Guarita do Iraí, Capão Grande, Três Passos, Criciumal e Alto Uruguai (ROCHE, 1969).

Acima foram mencionados os movimentos imigratórios de modo amplo, nesse momento restringira-se ao fenômeno relativo aos luteranos, no âmbito da imigração e migração. Para Gertz (2001), o primeiro grupo expressivo de protestantes alemães chegou por volta do ano de 1819<sup>25</sup>, tendo mais fluxo no ano de 1824, intitulando-se como luteranos. Mayer (2003) descreve que a vinda destes imigrantes foi regida por promessas falsas: agentes brasileiros vendiam a ideia de um país onde poderiam viver sua cultura sem repreensão, com liberdade de culto e nacionalização, promessas essas que não se efetivaram, pois eram contra os princípios da Constituição que regia o Estado, que até então possuía o Catolicismo como religião oficial. Nas palavras de Hunsche (1983) os protestantes emigraram de países da Saxônia Baixa, de cidades hanseáticas como Hamburgo, Bremen e Lübeck, de diferentes estados de Hessen e das regiões do Hunsrück e Palatinado.

Paralelamente ao desenvolvimento da Colônia Alemã de São Leopoldo, berço da imigração germânica (1824), surgiram, inicialmente, sempre em direção norte, as primeiras comunidades evangélicas: Feitoria Velha, em 1824, mais tarde transferida para São Leopoldo; Hamburger Berg (Hamburgo Velho), em 1825; Três Forquilhas, em 1826; Dois Irmãos (“Baumschneis”) e Bom Jardim (“Berghanerschneis”), em 1827; São José do Hortêncio ou, inicialmente, Picada do Cadeia (“Bernardinerschneis” e, ainda hoje, “Portugieserschneis”), em 1929. Muito mais tarde fundaram-se as comunidades protestantes de Porto Alegre em 1856, de Santa Cruz do Sul, em 1850, e de Nova Petrópolis em 1865 (HUNSCHE, 1983, p. 11).

Genericamente na região de estudo a grande maioria das famílias luteranas é oriunda das colônias velhas, como Nova Petrópolis, Linha Nova, Picada Café, Vale do Caí e Teutônia (Estrela), entre outros, como Resener (1979) e Arenhardt (1996) colocam.

Para Santos & Cecchetti (2013), corroborando também Mayer (2003), a Igreja Católica Apostólica Romana, que no período da vinda dos luteranos classificava-se como Igreja oficial do Estado, sendo que este proibia qualquer outro tipo de manifestação religiosa não sendo a católica, considerava a celebrações luteranas, como casamentos, sepultamentos e batismos, atos não reconhecidos perante a legislação. Até 1863, o registro se dava pelo batismo católico, os casamentos (permitidos casamentos mistos) só possuíam validade se realizados por um sacerdote católico e os filhos obrigatoriamente teriam que seguir o catolicismo.

---

<sup>25</sup> Apesar dos primeiros relatos de imigração protestante constarem do ano de 1555, com as invasões francesas, e no século XVII com a vinda dos holandeses segundo o autor Gertz (2001) não causaram marcas relevantes que pudessem oferecer perigo a Religião Católica dominante na época.

O Estado, por possuir influência sobre o poder da igreja, tornou-a frágil, criando condições para que os missionários protestantes iniciassem suas pregações e a formação de novas identidades religiosas adentro de diferentes camadas sociais. Assim, a nação iniciava algumas mudanças na legislação: “com o Decreto n.º 1.144, de 11 de setembro de 1861, que permitiam casamentos mistos<sup>26</sup>, e o Decreto n.º 3.069, de 17 de abril de 1863, que reconhece a legalidade civil do matrimônio protestante<sup>27</sup>” (MATTE, 2009, p. 51) instituiu-se a autorização constitucional para práticas religiosas de diferentes credos, mas que permitia somente que os imigrantes a praticassem em sua língua dentro das suas casas, é que proibia expressamente construção de templos (MATTE, 2009), ou edificações com tipologias, elementos e traços arquitetônicos que lembrassem construções religiosas.

Anterior às mudanças jurídicas, os luteranos já haviam infringido às leis e iniciado sua estruturação de um sistema que respondia às suas demandas, construindo seus cemitérios e casas de oração, sem torres nem campanários, casando-se frente às suas crenças com a presença de um pastor ou leigo destinado a este fim (MATTE, 2009). A vinda dos imigrantes trouxe uma época de grandes reflexões sobre os direitos de cidadania, como Dreher (2014) aponta, foi um período no qual se discutia, além da liberdade para os escravos, o lugar da igreja católica perante a nova sociedade e suas transformações.

Segundo Mayer (2003), foi com a Proclamação da República que ocorreu o início da naturalização, incluindo a compulsória, dada aos cidadãos que no período de seis meses não se manifestassem contrários. Nas palavras de Matte (2009), é dentro deste contexto que o Estado se separa da Igreja, marco do Estado Moderno. A legislação confere aos cidadãos a liberdade da escolha religiosa, a consagração de seus cultos e rituais e a igualdade cívica e política, “uma igualdade que as constituições de 1934 e 1937 revisaram e redefiniram, restringindo-as, mais uma vez” (MAYER, 2003, p. 198).

Metaforicamente, Mayer coloca o Brasil como sendo o “homem”, o pai para os imigrados alemães, que possibilitava moradia, progresso e sustento pelo trabalho para sua sobrevivência e de seus descendentes, perante isso via nele o direito à conferência de sua

---

<sup>26</sup> “Faz extensivo os efeitos civis dos casamentos, celebrados na fórmula das Leis do Império, aos das pessoas que professarem religião diferente da do Estado, e determina que sejam regulados o registro e provas destes casamentos e dos nascimentos e obitos das ditas pessoas, bem como as condições necessárias para que os Pastores de religiões toleradas possam praticar actos que produzão efeitos civis” (Ementa do Decreto N. 1.144 – de Setembro de 1861) (MATTE, 2009).

<sup>27</sup> “Art. 1.º Os casamentos de nacionaes ou estrangeiros que professarem religião diferente da do Estado, celebrados fóra do Imperio (art. 1.º, §1.º da lei de 11 de Setembro de 1861) não dependem de registro algum do Império, para que lhes sejam extensivos os efeitos civis dos casamentos catholicos” (MATTE, 2009).

cidadania. Já a Alemanha, nesta metáfora, é a representação da “mulher”, da mãe, da geração da vida, responsável pela bagagem cultural, pelas emoções e sentimentos de afeto, amparo e proteção. E era a língua que transmitia esta significância, pois trazia com ela todo o valor cultural e a crença religiosa que moldava os sentimentos mais íntimos e os afetos familiares.

#### **2.4. A organização do espaço**

A ocupação física das comunidades alemãs seguia a nomenclatura de picadas<sup>28</sup> ou linhas, que “eram unidades de convivência humana nas quais se organizou a vida comunal” (DREHER, 2014, p. 116). Contavam com cerca de 80 a 130 famílias por núcleo, com distâncias de até seis quilômetros do “centro”, cada qual ocupando seus lotes, que ficavam em torno de 25 a 75 hectares por família (KREUTZ, 1994). A primeira atividade realizada pelos imigrantes foi a derrubada e queima da mata para expandir suas áreas de plantação e construir sua propriedade. A extração da erva-mate era a prática mais difundida, o que proporcionou a aproximação com os índios e caboclos, tradicionais moradores que possuíam a técnica do saber-fazer, também mostraram como trabalhar e sobreviver naquelas paragens (PEREIRA N. B., 2019).

Conforme colocações de Roche (1969, v1) os lotes formavam retângulos de 2.200 a 3.200 metros de fundo e com frentes de 110 a 220 metros, como mostra a figura 02. Suas propriedades mantinham auto sustento além de produzir para o mercado interno. Suas moradias primeiramente eram choupanas ou ranchos, que, conforme a Pereira coloca, tiveram, possivelmente, grande influência das construções caboclas, como descreve:

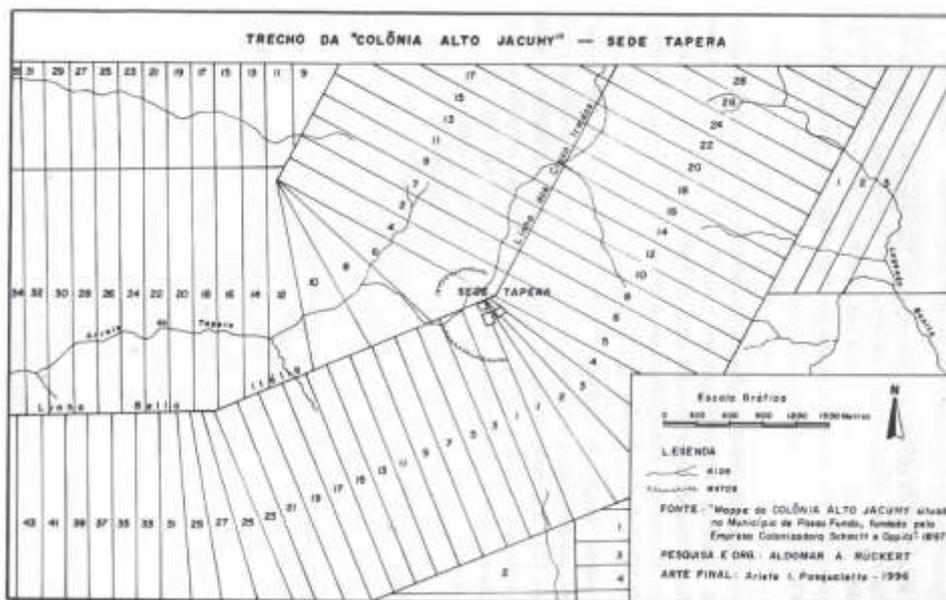
Os ranchos eram construídos similarmente às casas dos caboclos, que tinham armação estrutural de madeira com fechamento com tábuas verticais ou utilizavam o pau-a-pique. É provável que no momento de apropriação do lote, tenha havido um intercâmbio dos imigrantes com os caboclos para a construção dos ranchos, como houve com relação à derrubada das matas. Traçando um paralelo com o contexto paranaense, pesquisadores relatam que desde a época colonial no estado existia a casa cabocla em madeira, com telhado de grande inclinação e tábuas de madeira colocadas na vertical (PEREIRA, 2019, p.173).

---

<sup>28</sup> Se designa pela forma como se deu a abertura de trilhas nas florestas, as abrindo com facões e machados, que a uma distância de aproximadamente 300 metros eram assentadas as famílias. Sua típica nomenclatura era de acompanhar os relevos e acidentes dos terrenos e veios de água (DREHER, 2014).

As propriedades eram cercadas por jardim, pomar, horta, um paiol onde eram guardados instrumentos de trabalho e feno, que alimentava os animais nos meses de inverno. No estábulo ficavam as vacas para ordenha, que eram soltas nos pastos junto com os cavalos, que serviam para a locomoção. Os porcos eram engordados em uma pocilga. As galinhas, tanto produziam ovos como serviam de alimento; as penas dos gansos eram utilizadas nos travesseiros e cobertas; a lã das ovelhas era tricotada. Além dos animais, cuidavam de suas plantações, como milho, trigo, aipim, batatas, feijão, arroz, cana-de-açúcar e centeio (DREHER, 2014).

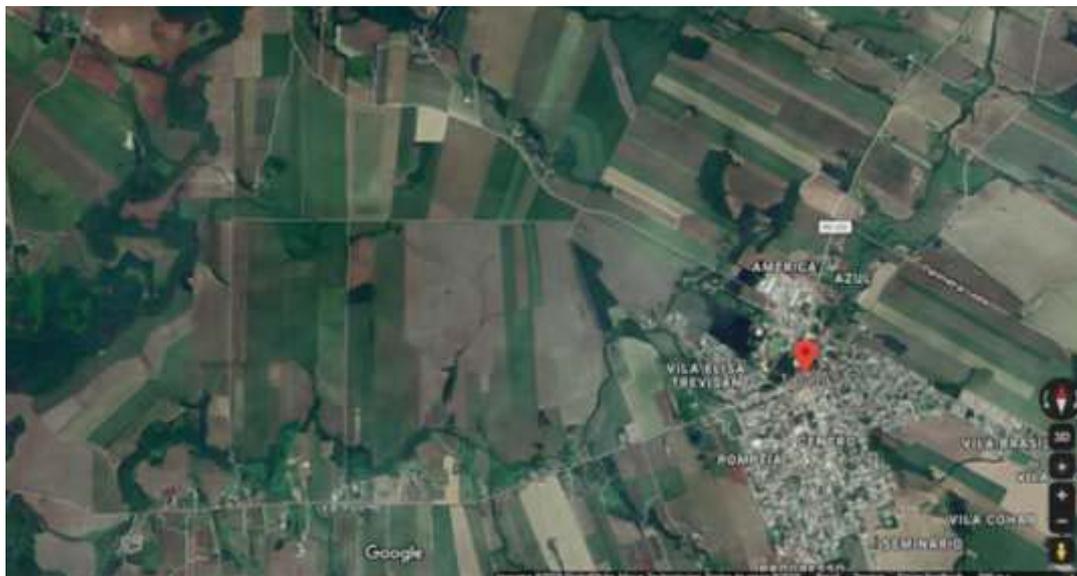
Figura 2 - Mapa da Colônia Alto Jacuhy trazendo o zoneamento dos lotes para venda



Fonte: Rückert, 1996, p.38

É interessante observar que a estrutura de divisão dos lotes (em faixas), organizados por “linhas” ou picadas, ainda se mantém, adentrado o século XXI. Como se observa na imagem de satélite do município de Tapera e seus arredores.

Figura 3 - Perímetro do município de Tapera



Fonte: Printscreens da autora do Google Maps, 2019

As picadas possuíam a disposição de um centro (vila) onde se localizavam as fundamentais infraestruturas com comércio, artesanato, atendimento religioso e escolar, e também onde ocorriam as festas e encontros comunitários. Uma característica peculiar dos imigrantes é a sua forte participação tanto nos trabalhos da comunidade como nas festividades, vindo a ser reforçada pelos laços religiosos (KREUTZ, 1994).

Uma colocação importante de Dreher (2014) é que cerca de 60% dos imigrantes alemães que chegaram até 1850 no Estado eram artesãos. Aspecto que se reflete na estruturação das picadas que ganham funilarias, marcenarias, carpintarias, serrarias, ferrarias, moinhos. Fator esse que influenciou na estruturação das comunidades estudadas, pois o perfil dos imigrantes luteranos possibilitou a construção do novo espaço com igrejas feitas pelos próprios membros da comunidade (PETRY, 2020). Como Rückert (1996) enfatiza, as serrarias eram importantes na economia da colônia Alto Jacuí, juntamente com a produção agrícola se somavam oito serrarias a vapor e oito hidráulicas além de 30 carpinteiros entre os anos de 1907 e 1908. Como mencionado em entrevista com Bratz (2020) em Linha Coronel Gervásio chegaram a ter cinco serrarias por volta da década de 1910 a 30. Abaixo nas figuras 4 e 5 ilustram serrarias em Linha Glória e na figura 6, uma serraria da família Bratz em Serra do Pontão, que expandiu seus negócios além da comunidade onde moravam.

Figura 4 - Serraria em Linha Glória



Fonte: Elaine Bohn, 2019

Figura 5 – Madeira retirada da mata em Linha Glória



Fonte: Elaine Bohn, 2019

Figura 6 - Serraria em Serra do Pontão



Fonte: Leonida Bratz, 2020

Com o crescimento das famílias e o rápido desenvolvimento econômico, as propriedades começaram a ser divididas entre herdeiros e coerdeiros. Com o esgotamento do solo houve a necessidade da migração para novas regiões, tendo dois tipos de migração: as efetuadas em um pequeno raio (entre cem quilômetros), que era a preferível para os colonos, para manter o vínculo familiar mais próximo; e as grandes migrações, como eram consideradas as de maior distância, dificultando o convívio com seus familiares. Santa Cruz, colônia provincial, recebeu muitos descendentes de imigrantes de São Leopoldo (migrando para inúmeras colônias particulares) além dos novos imigrantes. Após a primeira guerra mundial, 60% dos habitantes das novas colônias eram migrados das antigas. Por muito tempo estas migrações foram as mais importantes fontes de povoamento branco, as colônias fundadas no Planalto são um reflexo dessa transição (ROCHE, 1969), como é o caso da região abordada em estudo, que abrange a colônia particular do Alto Jacuí (1897).

## **2.5. A construção de espaços identitários: escola e igreja em interface**

A simbologia espacial trouxe um sentido de identidade para a colonização, como é constatado com o surgimento dos povoados que se davam (e podem ser visto ainda nos dias atuais) circundantes aos templos religiosos. Lugares de grande significado simbólico e material que influenciam diretamente o espaço habitado e possuem o poder de modificar e conferir um papel de destaque na configuração visual do local. Sua consagração os faz onipotentes, marcos de localização espacial e propagadores do crescimento da localidade (RIBEIRO, 2006). Esses espaços proporcionavam ambiências de aconchego e amparo, lembrando suas origens e

culturas, fazendo uma releitura do que foi vivido e adaptando ao novo ambiente que, a seus olhos, era hostil e pouco anfitrião (PETRY, 2020).

No início da colonização os colonos se organizavam religiosamente de forma autônoma, sem amparos eclesiásticos, partindo do princípio da preservação da fé e atendimento as necessidades religiosas dos seus membros (ALTMANN, 1994 apud VANDERLINDE, 2006). Gertz enfatiza a resistência eclesiástica como uma característica nas colônias de luteranos, pois, para eles a emigração da Alemanha foi uma forma de libertação de imposições sociais, políticas e religiosas, “por isso, a distância entre aquilo que pastores diziam e faziam e aquilo que os membros diziam e faziam foi um reflexo das tendências autonomistas” (2001, p. 16). As colônias tiveram grande influência da sua língua nativa na formação do agrupamento, utilizando esse meio para diferenciação dos demais povos, enfatizando a preocupação identitária. Como discorre Matte:

Mesmo diante desta precariedade de formação, encontra-se aqui um dos sinais que acompanhará este grupo – o uso de uma língua comum. Esta servirá para mostrar o pertencimento e ao mesmo tempo limitar o ingresso a este grupo social e religioso. A despeito de haver, entre os usuários do alemão, outros credos, como o católico ou aqueles que se professam ateus, a língua torna-se um símbolo marcante, especialmente pelo fato de diferenciá-los dos “brasileiros”, como se estes fossem um grupo social inferior, ou menos qualificado (MATTE, 2009 p. 53).

Assim, os imigrantes que se instalaram no país não contavam com o auxílio de pastores, pois estes mesmos não estavam incumbidos no projeto de imigração. Buscando alternativas cabíveis para solucionar a questão, designavam um membro do grupo que possuía maior conhecimento, tanto da literatura religiosa como de assuntos gerais, para assumir a função de pastor, o que na maioria das vezes o tornava o líder, já que também agregava o ofício de professor e conselheiro na comunidade. “Havia como unidade o uso do alemão e dos textos trazidos da Alemanha, lidos e interpretados pelos pseudo-pastores<sup>29</sup>, pastores-coloniais ou pastores-livres” (MATTE, 2009, p. 53).

Gertz (2001) relata que, durante os séculos XIX e XX, o perfil luterano era de pouco fanatismo e ligação com a instituição Igreja, porém a sua forma mais livre não interferia na conduta ante a religião. Radünz & Lia (2017) explicam que a relação da comunidade com o

---

<sup>29</sup> Pseudo-pastores é o nome designado aos homens que mesmo sem a preparação teológica e estudos necessários para sua formação e ordenação, são escolhidos pela sua comunidade para exercerem o pastorado (MATTE, 2009).

pastor variava de comunidade para comunidade. Como chegaram ao Brasil e iniciaram do zero, possuíram uma autonomia que em solo alemão não lhes era concedida. Essa circunstância levou a formas diferentes de se ver a importância do pastor, em algumas, o tratavam com respeito, vendo em sua imagem o representante de Deus, e, em outras, de forma desrespeitosa e como um objeto comercial. Suas responsabilidades eram com os cultos, manutenção e afazeres gerais das igrejas e da comunidade. Ao trabalhar para a comunidade mostravam para os fiéis que desprezavam sua profissão e que também poderiam exercer outras funções além de exercer o pastorado.

Em 1881 houve o início da vinda de pastores<sup>30</sup> para as regiões interioranas do Brasil, por intermédio da associação *Evangelische Gesellschaft fuer die protestantischem Deutschen in Amerika*. A organização *Gotteskasten* formava todos seus pastores no seminário de Neuendettelsau e adeptos da Liturgia Luterana da Baviera (SANTOS & CECCHETTI, 2013). Ao assumirem as comunidades, os pastores tiveram inúmeros empecilhos, já que os imigrantes eram originários de diferentes regiões europeias, com tradições protestantes diferentes, dentre elas estavam luteranos, reformados<sup>31</sup> e unidos<sup>32</sup>.

Com o aumento progressivo da vinda de pastores para dar auxílio às comunidades, a organização eclesiástica foi criando forma, levando à gradativa centralização da religião e à formação do primeiro sínodo Rio-grandense em 1886, ao qual seguiu semelhante aos de outros estados até o ano de 1910 Jungblut (1994). Por um longo período as organizações contavam somente com a participação de pastores, pois os fiéis viviam em comunidades livres e relutavam em tornar-se membros da igreja, porém já eram atendidas por pastores formados, mas com critérios estabelecidos pela comunidade (VANDERLINDE, 2006). A fundação da Federação Sinodal se dá no ano de 1949, quando os Sínodos então existentes no Brasil se uniram, adotando o nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil no ano seguinte (SANTOS & CECCHETTI, 2013). Vanderlinde (2006), em suas colocações, aponta que, somente a partir de 1968, se desenvolve a estrutura vista atualmente. Contando no presente com 18 sínodos distribuídos pelo país, localizando-se a maioria na Região Sul. Sua localização geográfica se dá devido as particularidades do espaço.

---

<sup>30</sup> Em 6/11/1824 é chegado o primeiro pastor evangélico Johann Georg Ehlers (1779-1850) e no ano de 1864 chega o Dr. Hermann Borchard, fundador do primeiro sínodo do Rio Grande do Sul, em 1868 (HUNSCHE, 1983).

<sup>31</sup> Originalmente eram luteranos, mas se formaram com um cisma em 1555 (SANTOS & CECCHETTI, 2013).

<sup>32</sup> Membros da Igreja Unida da Prússia que foi obra do rei Friedrich Wilhelm III em 1817, fusão da igreja luterana e reformada prussiana, estabelecida aos 300 anos do início da reforma na Alemanha, com as 95 teses de Lutero na igreja do castelo de Wittenberg (SANTOS & CECCHETTI, 2013).

Característica marcante nas comunidades luteranas foi a criação de suas próprias escolas com base nas propostas de Lutero<sup>33</sup>. O Brasil, tanto no período imperial como no início do republicano, carecia de escolas para sua população, o estudo era exclusivo e servia para uma minoria, com raízes católicas, não atendiam às necessidades luteranas. Para os fiéis a fundação de uma escola nas colônias era algo conjugado à fé, om base na doutrinação secular de Lutero, como Santos & Cecchetti enfatizam:

[...] o luteranismo chegou ao Brasil e se consolidou posteriormente principalmente numa proposta protestante de escola como um complemento natural à igreja, sobre uma base de orientação doutrinal que levou os imigrantes a edificar uma obra que afastasse as crianças do analfabetismo, dando as condições para que elas aprendessem as bases do luteranismo expressas na Bíblia e em outros documentos (SANTOS, CECCHETTI, 2013, p. 13).

Ao chegarem no estado não haviam escolas públicas à disposição, tanto que o governo da Província solicitou ao governo imperial a criação de escolas nas zonas de colonização. Resultando, 51 escolas públicas e 24 escolas teuto-brasileiras entre os anos de 1824 a 1850 (KREUTZ, 1994). Segundo dados de Roche (1969, v2), que traz mais detalhado esse quantitativo, em 1846 existiam 51 escolas; 152 em 1860; 252 em 1870, sendo que 85 não estavam em funcionamento; e em 1888 existiam 619 escolas primarias, das quais 242 possuindo vagas.

Entre 1920 e 1930 chegavam a 1041 escolas teuto-brasileiras com 1200 professores no Estado, em 1935, as escolas evangélicas totalizavam 570, 429 católicas e 42 mistas. A média nacional era de 80% de analfabetos em áreas rurais, mas nestas comunidades o analfabetismo era raro. Os currículos escolares buscavam suprir necessidades das colônias, como formas de relacionamento dentro das comunidades, aspectos religiosos e de trabalho, na maior parte eram consideradas escolas confessionais, por estarem diretamente ligas à religião (KREUTZ, 1994). No ano de 1937 o número de escolas evangélicas construídas no Rio Grande do Sul era de 513 com 650 professores lecionando (SANTOS & CECCHETTI, 2013).

---

<sup>33</sup> Tendo como embasamento principalmente os textos: *Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs* (1524) e *Uma Prédica Para que se Mandem os Filhos à Escola* (1530). (SANTOS & CECCHETTI, 2013)

Eram utilizadas edificações improvisadas como as próprias casas dos colonos, neste contexto, foram nascendo construções que serviram tanto para cultos como para escolas (SANTOS & CECCHETTI, 2013). Ratificando a afirmação, Mello acrescenta que:

A criação das primeiras escolas do estado do Rio Grande do Sul devem-se ao esforço solitário e solidário dos primeiros colonizadores imigrantes. Por ser a educação um dos tripés dos valores germânicos (assim como os valores da língua e religião), os imigrantes e seus descendentes sempre estiveram preocupados em possibilitar educação a seus filhos (MELLO, 2004 p.179).

Os professores ou eram os próprios pastores ou pessoas da comunidade escolhidas pelo seu grau de conhecimento, experiência e vivência. Como Kreutz (1994) aponta, deveriam exercer ampla liderança social e religiosa, pois a escola exercia importante missão de orientação religiosa para os primeiros anos. O ensino se dava em língua alemã, com enfoque na cultura europeia. Em comunidades mais prósperas, o professor vinha da Alemanha. A formação em instituições brasileiras de grupos escolares e institutos especializados em formação docente se deu nas primeiras décadas do século passado, e que tiveram vinculação com as associações religiosas (SANTOS & CECCHETTI, 2013).

Todavia, as dificuldades existiam, Dreher (2014) aponta que, nas picadas, o ensino só começava aos 9 anos de idade, com frequência altamente irregular pelos longos trajetos e deslocamentos que as crianças enfrentavam. Em dias de chuva e época de colheitas não havia acesso à escola e o período médio de frequência era de dois anos.

Como Mello (2004) expõe, na década de 30 os imigrantes possuíam o sentimento de consciência alemã (*Deutschtum*) muito forte, porém, estavam divididos entre sua fidelidade à cidadania brasileira e sua identificação cultural e nacional alemã. No início houve uma certa confusão, pois, os imigrantes se viam presos a leis e critérios de cada estado do Império Alemão, “pois o cidadão só passa a existir a partir de 1871 com a unificação da Alemanha”. (MELLO, 2004, p. 180). No Brasil, a lei de regulamentação da imigração foi decretada somente em 1897, tornando anteriormente a sua estada aqui com muitas dificuldades. Diante desses fatores Roche (1969, v2) coloca que as escolas exerceram um papel importante para conservar o uso da língua alemã até a quarta e quinta geração.

As escolas particulares começaram a enfraquecer a partir de medidas governamentais impostas, como a submissão do ensino da língua portuguesa por pelo menos duas horas por dia

a partir de 1909, a criação de novas escolas públicas gratuitas nas colônias no ano de 1920, a subvenção dos professores pelo governo na década de 30 (KREUTZ, 1994). Roche (1969, v2) sinaliza que foi necessário enviar professores que falavam alemão para as escolas públicas para facilitar a comunicação com os alunos. Como foi o caso das escolas das comunidades em estudo, como a de Kronenthal, que, em 1942, pede o cancelamento de seu registro na 7ª Delegacia de Ensino de Passo Fundo, porque contava somente com 12 alunos e para o ano seguinte não conseguiu a garantia de um professor para lecionar (RESENER, 1979).

Além de instaurar o temor, pelas perseguições aqueles que pudessem estar vinculados à política alemã nacional-socialista, o governo brasileiro iniciou um projeto de nacionalização, acarretando no fechamento das escolas teuto-brasileiras (ROCHE, 1969). No governo ditatorial de Getúlio Vargas (1937-1945) foram consideradas como inimigas da identidade nacional as formas de expressão das culturas estrangeiras (italianas, alemães e japonesas) sendo proibido o uso da língua originária para comunicação, ensino nas escolas, publicações em jornais e periódicos e em qualquer forma de propagação de outra cultura ou ideologia diferente daquela considerada nacional. Uma situação diferente da que ocorria antes da nacionalização, que dava autonomia às comunidades, pois o Estado não tinha condições econômicas para cumprir as promessas das propagandas realizadas na Europa para a fixação das famílias em solo brasileiro (MELLO, 2004).

No ano de 1938 as escolas alemãs foram proibidas de atuar por decretos federais, banindo o uso da língua alemã e qualquer instituição cultural germânica. Em 1941 o número de escolas caiu de 513 para 120 unidades (SANTOS & CECCHETTI, 2013). A língua alemã foi proibida tanto na fala como na escrita, Prade (2003) salienta que se iniciou uma crise social, com adaptações drásticas a uma cultura “não desejada”. Os reflexos são vistos até hoje, quando muitos cidadãos de faixa etária aproximada aos 50 anos não conseguem se comunicar no dialeto (que, apesar de se diferenciar de uma região para outra, é de fácil compreensão entre os alemães) mas entendem a comunicação pela audição. Situação que é comprovada na Paróquia em estudo, sendo que, ano de 1943, são fechadas várias das escolas particulares da região, entre elas, a de Lagoa dos Três Cantos, no dia 15 de março (RESENER, 1979).

O escopo do capítulo introdutório dessa dissertação concentrou na contextualização dos elementos basilares da conformação do espaço e da identidade dos (i)migrantes luteranos. Adentrar a esfera da religiosidade - cujo alcance compreendia a educação, o acesso às escolas como meio para apropriar-se da “palavra”, ou seja, da religião -, conduz a dinâmica das

comunidades frente as demandas do novo espaço. A utilização das igrejas como escolas, bem como das escolas como locais de culto, direciona o ajustamento de uma arquitetura pensada para funções distintas, mas interdependentes. Além daquilo que dá sentido aos vínculos entre forma e função, apresentou-se nesse capítulo a precariedade estrutural que encontraram esses indivíduos ao chegarem nas “picadas”, e a ausência de líderes religiosos aponta para ausência de inúmeros outros profissionais. A assimilação de técnicas e conhecimentos de indígenas e caboclos constitui mais um elemento de diferenciação de uma arquitetura realizada pelos membros das comunidades em situação de adaptabilidade.

### **3. PARÓQUIA DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL DE TAPERÁ**

O capítulo que se segue versa sobre as particularidades dos grupos e das localidades contempladas no estudo, apresentando dados estatísticos dentro do recorte temporal proposto. Destacam-se as flutuações na quantidade de membros e, em decorrência disso, na presença e ausência de espaços religiosos, apontando para construção ou uso de edificações, por hora efêmeras ou que tiveram suas funções alteradas de acordo com a existência ou não das comunidades religiosas. Cabe sinalizar que a menção aos nomes e sobrenomes dos sujeitos envolvidos a conjuntura de construção, consolidação e reformulação das edificações pertencentes a paróquia obedece ao objetivo de conferir-lhes reconhecimento histórico, visando uma devolutiva social à pesquisa acadêmica. Bem como, os que não possuem seus nomes em documentos e a grande importância do papel da mulher na geração destas comunidades, que também em decorrência a época não são vistas e mencionadas, ganhando espaço somente a partir da criação da OASE, dentro desta composição demonstrar que a edificação das igrejas foi fruto de comprometimento comunitário, seja na doação de materiais construtivos, seja com a de mão de obra ou na realização de eventos para arrecadar fundos.

A Paróquia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, foco desta pesquisa, localiza-se na cidade de Tapera e abrange os municípios sob sua concessão, tendo como fonte de estudo a igreja da cidade e das comunidades da Linha São Rafael e Linha Coronel Gervásio, a cidade de Lagoa dos Três Cantos, fazendo parte a igreja da cidade e das comunidades de Linha Glória e Linha Kronenthal, a cidade de Espumoso com a da igreja da cidade e Jacuizinho, na comunidade de Campo Comprido.

No início da colonização, em 1897 a Companhia Schmitt & Oppitz realizou a doação de terras para a formação das comunidades evangélica e católica de Lagoa dos Três Cantos. A Paróquia, no entanto, teve sua fundação no dia 17 de julho de 1909, em Kronenthal, (sendo sua sede por vinte anos), quando as famílias evangélicas de Kronenthal, Lagoa dos Três Cantos e Cinco Irmãos, juntamente com o pastor itinerante Otto Arnold, enviaram uma carta para o Sínodo Rio-Grandense, solicitando um pastor efetivo para atender as comunidades. Em 1910 chegou o pastor Ernest Schmidhammer para suprir as demandas expostas no documento (RESENER, 1979).

Em 1912, com a vinda do pastor Georg Algayer, houve a formação da comunidade de Linha Glória, Coronel Gervásio e Colorado. No ano de 1930, após ordens do Sínodo Rio-Grandense, o pastor Osvaldo Atkinson recebeu orientações para transferir a Paróquia para a cidade de Lagoa dos Três Cantos. Em janeiro de 1974 foi transferida a sede pastoral para a cidade de Tapera sob cuidados do pastor Gerhard Kurt Adolf Briese (RESENER, 1979).

No ano de 1915 as comunidades da Paróquia eram: Kronenthal, Lagoa dos Três Cantos, Colorado, Tapera e Linha Santa Ana (Linha Glória), contando com 1420 fieis, em 1918 diminuindo para 1340 pessoas. Em 1924 as comunidades pertencentes à Paróquia eram Kronenthal, Lagoa dos Três Cantos, Linha Coronel Gervásio, Linha Glória e Colorado, deixando de funcionar a comunidade de Tapera por falta de fiéis, retomando suas atividades em 1946. No ano de 1932 é fundada a comunidade evangélica de Bela Vista no interior de Soledade, com 14 famílias participantes, que perdura até o ano de 1946 por falta de famílias, o restante dos membros passam a pertencer à comunidade de Coronel Gervásio (RESENER, 1979).

Em 1956 a Paróquia conta com as comunidades de Lagoa dos Três Cantos, Kronenthal, Coronel Gervásio, Linha Glória e São Rafael. No ano de 1959, a comunidade de Campo Comprido é agregada ao conjunto. A transferência paroquial para a cidade de Tapera se deu em 1973. As figuras abaixo ilustram a localização da região em estudo e a rota entre as cidades de Lagoa dos Três Cantos, Tapera, Espumoso e Jacuizinho.

Figura 7 - Indicação da região no Brasil, onde localizam-se a Paróquia em estudo



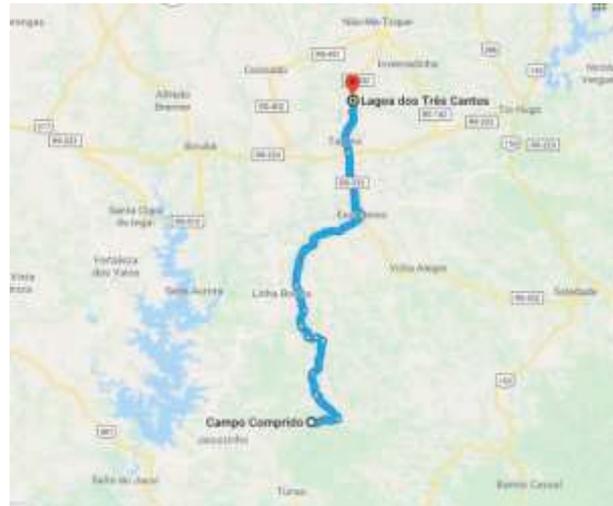
Fonte: Printscreen da autora do Google Maps, 2019

Figura 8 - Indicação da região no Rio Grande do Sul, onde localizam-se a Paróquia em estudo



Fonte: Printscreen da autora do Google Maps, 2019

Figura 9 - Distância de 66,7km entre municípios



Fonte: Printscreen da autora do Google Maps, 2018

Figura 10 - Indicação dos municípios em estudo no Rio Grande do Sul.



Fonte: Printscreen da autora do Google Maps, 2019

Os municípios em análise pertencem à Bacia Hidrográfica do Alto Jacuí, mesorregião noroeste do estado do Rio Grande do Sul. São cidades interioranas com índice populacional baixo como apontam os dados a seguir especificados. Identificando os municípios por cores, respectivamente, na cor verde Lagoa dos Três Cantos, em vermelho Tapera, em azul Espumoso e na cor roxa Jacuizinho

### 3.1. Tapera: Comunidade de Tapera, Coronel Gervásio e São Rafael

No período da colonização (1897) Tapera pertencia ao município de Passo Fundo, sendo o oitavo distrito do mesmo, com a emancipação de Carazinho passou a ser seu terceiro distrito em janeiro de 1931, e em 18 de fevereiro de 1954, teve sua emancipação política. Sua população, em 1954, era de aproximadamente 11 mil habitantes, contando na época com a área territorial do atual município de Selbach. Na zona urbana viviam 2500 (sede de Tapera e Selbach) pessoas e na zona rural 8.500 pessoas (RESENER, 1979, p. 15)

Tapera possui área de unidade territorial (2018) de 179,935km<sup>2</sup>; população estimada (2019) de 10.584 pessoas; e população, conforme o último censo (2010), de 10.448 pessoas. (IBGE, 2019).

Figura 11 - Perímetro do município de Tapera



Fonte: Printscreen da autora do Google Maps, 2018

Nos anos de 1906 a 1908 formou-se uma pequena comunidade em Tapera, com 10 famílias, onde o pastor itinerante Otto Arnold atendia os membros com cultos nas suas próprias residências. Por dados de uma escritura lavrada em 27 de março de 1914, acredita-se que a comunidade foi fundada no ano de 1911 e a primeira igreja construída e inaugurada entre 1911 e 1913 (HOFFMANN P. , 2009).

Foi doada pela Companhia Colonizadora Gervásio & Schmitt uma área de oito hectares para ser dividida entre a comunidade católica e a evangélica, com fins para construção de igreja, escola e cemitério. Os quatro hectares pertencentes aos evangélicos foram vendidos aos católicos, pelos irmãos Morgenstern, ao valor de 500\$000 (quinhentos mil réis) para a compra de uma área de 12 hectares de João Keitel, na Linha Cinco Irmãos, para ali formar a sede da

comunidade. Com esse valor foi construída a igreja, que também era escola, em outro terreno doado pelos colonizadores. Lavrada a escritura do terreno da comunidade Augusto Bratz Segundo, determinou que esta área não poderia mais ser vendida, garantindo que as terras permaneciam à comunidade. Na época a igreja contava com 38 membros, sendo regidos pelo pastor Alberto Adam, de General Osório, atual cidade de Ibirubá (RESENER, 1979).

No ano de 1927 por falta de membros na comunidade houve a interrupção dos trabalhos, somente sete membros participavam, que eram, Carlos Gross, Paulo Roething Senior, Helmuth Jost, Emilio Müller, Frederico Puetov Senior, Reinaldino Keitel e Leopoldo Keitel, tendo como última diretoria Henrique Kroessin, Paulo Roething Senior e Carlos Gross. A igreja foi abandonada e teve muitos objetos roubados, servindo também de abrigo para criação de cabritos. Ao procurar a igreja em março de 1931, o pastor Atkinson encontrou-a sem portas, sem escadas, sem altar, nem bancos, mesas e o quadro negro que pertencia ao professor. O púlpito pendia sem escada na parede dos fundos. Na parede dupla faltavam mais da metade das tábuas e das janelas pouco restava. A cobertura de tabuinhas estava podre e prestes cair, porque as paredes haviam cedido com seu peso. Dentro da Igreja no assoalho havia a cobertura de palha seca de coqueiro e esterco de cabritos (RESENER, 1979).

No ano de 1931 os restos da igreja foram vendidos para Júlio Henrich no valor de 150\$000 (cento e cinquenta mil réis), que revendeu as vigas e barrotes que estavam em bom estado para a subprefeitura de Tapera, que as ocupou na construção e reforma de pontes. O valor da venda foi dividido entre os últimos cinco membros Carlos Gross, Paulo Roething Senior, Reinaldino Keitel, Leopoldo Keitel e Pedro Cornélius, cada um com 30\$000 (trinta mil réis), repassando o dinheiro para substituição da cobertura (zinco) da igreja de Lagoa dos Três Cantos, na qual ingressaram como novos membros (RESENER, 1979).

Carlos Gross, o último tesoureiro, alugou para Albino Cardoso a casa de moradia que ficava no terreno por 5\$000 (cinco mil réis) ao mês, esse dinheiro era mandado para a comunidade de Lagoa dos Três Cantos. Jorge Suer Senior foi o primeiro pastor do local e professor da escola, escreveu o estatuto da comunidade, porém, não foi aceito pelo pastor Georg Algayer, assim a comunidade ficou sem a filiação com o Sínodo Riograndense, contudo sempre foi servida por pastores sinodais (RESENER, 1979).

Em 1946, foram reiniciados os cultos na moradia do pastor, contando com 14 famílias. Mas logo no ano de 1947, quando houve a substituição do pastor Osvaldo Atkinson (transferido para Carazinho) pelo pastor Bernhard Theunert, que só falava alemão, o centro de pregação foi

abandonado pela “indiferença do pastor com os fiéis”. Quando no ano de 1949 a comunidade iniciou o projeto de uma nova igreja, o pastor Theunert começou uma campanha para a venda das terras com o intento de aplicar o dinheiro na construção do templo de Lagoa dos Três Cantos, mas, como constava em escritura, as terras não poderiam ser vendidas e, com o apoio da diretoria de Willi Gruen as terras continuaram pertencentes à comunidade de Tapera (RESENER, 1979).

Os membros solicitaram o retorno do pastor Osvaldo Atkinson para registrar a nova comunidade, em 1950, contando com a diretoria: Helmuth Brenner, presidente, Adolfo Weber, secretário e Abúlio Kern, tesoureiro. A reorganização deixou o pastor Theunert incomodado, alegando que o pastor Atkinson estaria se intrometendo em questões de outras Paróquias, não dando o suporte que os membros solicitavam, inclusive recolhendo estatutos e livros de atas. Com a chegada do pastor Karl Erich Alt, em 1955, voltaram a ocorrer alguns cultos, em 1957 foi fundado a OASE<sup>34</sup> e a instalação do ensino confirmatório. Contudo, as solenidades ocorriam em Lagoa dos Três Cantos, dentro destas objetividades, os membros tiveram a necessidade da construção de um salão para a realização dos eventos da comunidade, destacando-se o nome de alguns integrantes que contribuíram de forma direta em sua construção em 1958, como: Helmuth Brenner, Adolfo Weber, Paulo Schöllkopf, entre outros (HOFFMANN P. , 2009).

Em 1961, durante a diretoria de Paulo Schöllkopf, mobilizou-se a construção da nova igreja em alvenaria. A “igreja mãe” da Alemanha encaminhou um valor de DM 7.500 marcos, equivalente a Cr\$1.222.500,00 cruzeiros. Sendo inaugurada no dia 10 de janeiro de 1965. Contando com 18 membros e o pastor Briese. Adotados como padrinhos<sup>35</sup> da inauguração estavam os casais: Walter Rollwagen e Gremilda Kern, Adolfo Weber e Trude Weber. Em 1980, a torre da igreja foi construída, com inauguração no final de abril de 1981.

Em entrevista realizada com Sidelio A. Doebber, presidente da comunidade por três mandatos (2002/2003 – 2004/2005 e 2018/2019) a igreja recebeu verba da Alemanha para a sua construção e o faltante a comunidade forneceu com a realização de eventos para a arrecadação financeira. As reformas na nova construção foram financiadas pelos eventos que a

---

<sup>34</sup> Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas.

<sup>35</sup> Padrinhos e Madrinhas são as pessoas que em eventos comemorativos como na inauguração das igrejas doam o maior valor em dinheiro para a comunidade, ou, se disponibilizam em doar contribuições no andamento da construção.

comunidade realizava (festas, jantares, rifas) ou por doações dos membros.<sup>36</sup> A torre foi construída pela construtora Serra Construções de Edvino Maldaner, e em seguida o pavilhão das festividades (1982). Ele ainda afirma que muita documentação escrita em alemão no período da segunda guerra mundial foi confiscada, relatando que o pastor Atkinson, de Lagoa dos Três Cantos, que já estava em Panambi, foi preso juntamente com toda a documentação da Paróquia e levado a Porto Alegre. Depois de dois ou três dias ele foi solto, mas a documentação não foi recuperada.

Em Ata de nº 24 do ano de 1978, foi sugerida a reforma da igreja e o fechamento do terreno, João Hein ofereceu a madeira para a reforma da aba; a torre, ainda inacabada, foi colocada em pauta, com a decisão do aguardo para melhores condições financeiras da comunidade para finalizá-la. Em Ata de nº 25 do ano de 1978, foi escolhida uma comissão administrativa para contratar os serviços de reforma da igreja, tendo como integrantes Ilmo Babber, Silvério Roeding e Otto Kern. E outra para organizar fundos para a conclusão da igreja, com os membros: Pastor Cláudio Helortz, Ilmo Dobler, Otto Kern e Juceno Roeding. Os eucaliptos para os andaimes foram doados por Juceno Roeding e as calhas colocadas por Otto Kern e Alenlio Kern, que cobraram somente os materiais (COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE TAPERA. Livro I, 1971).

Em Ata de nº 34 do ano de 1979, está descrita a realização de uma rifa para a aquisição de um sino, porém este valor não foi suficiente, assim em Ata de nº 37 do ano de 1980 foi proposta a realização de mais eventos para a arrecadação de dinheiro para a conclusão da torre e compra do sino. Sob presidência de Rudi Hofstaeter, em Ata nº 40 do ano de 1980, foi apresentada a proposta do engenheiro João Maldaner para a conclusão da torre, com o custo de Cr\$ 163.000,00, sendo a metade no início do serviço. Sem o dinheiro, a comunidade fez uma campanha para a colaboração dos membros no pagamento.

No dia 22 de março de 1981, foi inaugurado o sino com uma festa na comunidade, com padrinhos Henrique Brats e Hilda Hein. Em Ata nº 89 do ano de 1989 a igreja passou por reformas, sendo doado por Narciso Stärlinck 35 latas de tinta e, por Sidelio Doebber, outras três. A casa paroquial está inserida em terras que eram da comunidade de Tapera, a Paróquia adquiriu uma parte do terreno e, em permuta, construiu, nos fundos, o pavilhão da comunidade, em 1982

---

<sup>36</sup> A mensalidade paga por cada integrante não fica na comunidade, tem destino à Paróquia e um percentual é destinado ao Sínodo do Planalto Riograndense que se localiza em Carazinho e abrange cerca de 22 Paróquias, o que ocorre com as demais comunidades em estudo.

(DOEBBER, 2019). Em Ata nº 111/99 do ano de 1999, sob presidência de Gilberto Kern, a igreja foi reformada e pintada.

Adentrando o século XXI<sup>37</sup>, em Ata nº 116 do ano de 2002, sob presidência de Sidélio Doebber, foi questionado como seria paga a reforma, pois era necessária a troca das portas, o piso, rever a parte elétrica, além de reformas gerais e pintura. Foi sugerido que cada membro poderia doar um valor. Até a Ata de nº 119 do ano de 2003 foi pautada a reforma e enfatizada a colaboração de seus membros na parte financeira. Nesta reunião a reforma já estava em execução, e o presidente solicitou que a janela atrás do altar fosse retirada e fechada com tijolos, que três folhas do forro fossem substituídas, que a parte interna fosse pintada e a porta do banheiro mudada de posição, pois ficava de frente ao público durante o culto, sendo considerada uma situação constrangedora. Com o novo acesso no corredor que se puxa os sinos (COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE TAPERÁ. Livro I, 1971).

Em 2009, na presidência de Délcio Henrich, para o centenário da Paróquia foi realizada uma reforma externa, com a troca do telhado de zinco pelo de aluzinco, feita uma nova calçada nova com acessibilidade, pintada toda a área externa e, em 2015, na presidência de Vaniza

---

37 Em Ata de nº 139 do ano de 2008, sob presidência de Délcio J. Henrich, consta que no dia 19 de julho iniciariam as reformas na calçada da frente da igreja, solicitando a ajuda de todos. Na Ata de nº 140 do ano de 2008, foi colocado os quantitativos de calçada feita no total de 180 metros e 19,2 metros de muro, para as despesas Elio Starlick doou o valor de R\$10.000,00 para a igreja. A pintura externa e arrumação do telhado foram debatidos em reunião. Na Ata de nº 145 do ano de 2009, a reforma estava em andamento, sendo que o telhado já estava finalizado, a pintura em andamento com o auxílio do arquiteto Clovis Gengnagel. As doações dos membros da comunidade chegaram a quase R\$10.000,00 (ATA L. I., 1971).

Em Ata de nº 146 do ano de 2009 foi colocado os custos da reforma da igreja, sendo, cobertura (telhado) R\$17.529,22, pintura externa R\$6.750,00, pintura interna R\$6.410,00, com um total de R\$30.689,22 gastos na reforma. Valores doados chegaram a R\$10.430,00, sendo os doadores: Adriano Martins, Alessandro Wommer, Anderson Schenkel, Antonio Bescopf, Ari Kern, Arlindo Bratz, Arsídio e Rosane Zumach, Claucio Elger, Dari Schenkel, Delcio J. Henrich, Dirce Cornelius, Edson Starlick, Elani S. Araujo, Enio Brune, Erica Gengnagel, Evandro Kuhn, Família Simon, Geraldo Sturzberger, Gilberto Kern, Gomercindo Sasse, Gosvino Bortz, Helga e Gelson Wommer, Hildegart M. Fingler, Ilário Neoberger, Jeferson Schenkel, Jussara e Evaldo Gengnagel, Leandro Keitel e Rosana Silva, Lira Lowall, Luceno Roethig, Marcio Thielke, Marli Strauss, Nazira Schaker, Nilson Keitel, Olano Kern, Pauline Lavall, Plínio Wommer, Romeu Kuhn, Romito Schumann, Rosa Schwartz, Sergio Garmatz, Silfrena Doelber, Silvana Magni, Valdeci Leonhardt, Victor e Ledi Muller, Vilma Keitel, Vilson Lavall, Volmar Kuhn, além dos não membros: Amélia Becker, Arlindo Bauermann, Comercial Bortolon, Darci Graeff, Decio Wogner, Elio Starlick, Henique Bratz, Banco Sicredi Taperá, Supermercado Santa Clara. O valor de bens e serviços totalizou R\$1.580,00 (ATA L. I., 2009).

Em Ata de nº 181 do ano de 2018 foi realizada uma prestação de contas sob a presidência de Sidélio Doebber, onde foram feitos reparos na igreja em função de um raio que atingiu a torre. Em Ata de nº 182 do ano de 2019, sob a mesma presidência, foi colocado a reforma do forro da igreja, que estragou devido as infiltrações. Em Ata de nº 186 do ano de 2019 a comunidade foi contemplada com o Fundo Social da Sicredi Integração Rota das Terras RS/MG, através do Projeto de Revitalização do Templo, com destinação de R\$4.000,00. Valor destinado a lavagem das paredes da igreja e sua reforma, com um gasto total de R\$6.896,00 (ATA L. I., 2009).

Rutcen, houve a substituição do forro para aglomerado, reparos na pintura, na parte elétrica e iluminação. Em 2018 um raio bateu na torre danificando toda a parte elétrica e as paredes da torre, sendo necessária a troca das luminárias. Foi realizado o acesso ao pavilhão com calçamento de paralelepípedo. Neste ano (2019) foi pintado novamente a parte externa. Hoje a comunidade conta com 136 membros, nem todos ativos, já que não há participação efetiva de alguns filhos que foram inscritos pelos pais (DOEBBER, 2019).

Na antiga Linha Alemã, no ano de 1912, os cultos se davam na residência de Augusto Bratz e outros membros, celebrados pelo pastor Georg Algayer. Carlos Bratz que, em 1914, doou um terreno de 5.625 m<sup>2</sup> (75mx75m) para a construção da escola, igreja e cemitério. Em 1915, foi construída a primeira igreja de madeira, sem torre, tendo também a função de escola. No ano de 1932 aos cuidados de Guilherme Bratz dono de uma serraria, iniciou-se a construção da segunda igreja, a madeira utilizada na construção ficou a seu tento, juntamente com os bancos da igreja. O altar e púlpito foram executados na cidade de Ibirubá. Os construtores foram Carlos Bratz Filho (mestre de obras), Felipe Kirchner (chefe de obras), Otto e Albino Nienov. A obra contava com uma dimensão de 13 metros por 8 metros e capacidade para 180 lugares. A inauguração se deu em 26 de abril de 1934.

Em 1956 foi adquirido um sino de Bromberg S/A (de aproximadamente 400 quilos), gerando um impasse no núcleo, ocasionado pela construção da torre, um grupo solicitava sua construção na frente da igreja, e o grupo opositor, sua construção ao lado. Por fim a decisão foi de implantar na parte frontal do templo, e sua inauguração ocorreu no dia 28 de outubro de 1956 (HOFFMANN P. , 2009).

Mencionando as dificuldades dos imigrantes da região em estudo no período de nacionalização, Hoffmann relata:

A troca da Linha Alemã para Coronel Gervásio aconteceu em 1938 durante o Estado Novo, quando houve a Nacionalização. A sugestão do nome Coronel Gervásio foi dada pelo professor Antônio Gengnagel em homenagem ao Coronel que, com a venda dos lotes, trouxe a povoação para a Colônia Alto Jacuí e esta foi aceita pelas autoridades de Carazinho (HOFFMANN, 2009 p. 39).

Em assembleia, mediante a diretoria de Arno Schoelkopf, Edison Rolwagen, Almiro Tiegemann, Luiz Oldemar Roething, deliberou-se a construção de um novo templo, tendo como organizadores da construção Arno Schoelkopf, Ermindo Becker, Walter Rollwagen e

Helmuth Sipp (HOFFMANN P. , 2009). Em entrevista com Heriberto Bratz (2020) foi mencionado que o construtor foi Edvino Maldaner. O valor da obra chegou em Cr\$3,5 milhões de cruzeiros, destes, cerca de Cr\$800.000.00 cruzeiros foram auxílio vindo da Alemanha (HOFFMANN P. , 2009). Nas palavras de Heriberto, não era necessário ter recebido o dinheiro, pelo poder financeiro que as famílias da comunidade possuíam. Com recursos próprios poderiam ter construído a igreja, sem a ajuda de outras instituições. Sua construção teve um tempo aproximado de quatro meses, inaugurada no dia 17 de janeiro de 1982. Por leilão foram escolhidos os padrinhos da nova edificação. Sendo Otilia Bloss e Amélia Becker com lance de Cr\$56 e Cr\$65 mil, respectivamente e, Arno Grunitzki e Edio Thielke, com lances de Cr\$55 e Cr\$61 mil (HOFFMANN P. , 2009).

Bratz (informação oral) relata que a região da comunidade era rica em mato de pinheiros (araucárias), sendo que chegou a ter cinco serrarias. Com o material disponível, as famílias que conseguiam, doavam a madeira para a construção, a comunidade ajudava em geral na mão de obra, inclusive ele. A compra do sino teve pequenos conflitos, havendo competição entre as famílias de quem daria o valor maior para a compra, também foi proposto a compra de três unidades, contudo, apenas uma foi comprada. A segunda igreja, construída em 1934, recebeu a cobertura com telha de zinco. Ao indagá-lo sobre o porquê da substituição, na década de 80, por outra edificação, o entrevistado coloca que não teve um motivo concreto, a comunidade queria uma “mais bonita”: o seu acesso elevado, que era dado por uma escada, também foi um argumento do entrevistado, que colocou ser uma problemática para a acessibilidade.

Na entrevista com Leonida Bratz nora de Guilherme Bratz, a primeira igreja construída por volta de 1915 estava no lado de baixo do cemitério, em 1934 a segunda edificação foi construída acima, onde também permaneceu a terceira. A primeira igreja, após a construção da segunda, recebeu a função de escola. Os filhos de Leonida a frequentaram. Segundo relata, havia uma *capunga*<sup>38</sup> nos fundos do terreno e se buscava a água em uma vertente. Em sua narrativa expõe que seu avô veio da Suíça e se instalou em Roca Sales antes de chegar a Linha Glória, e os pais de seu sogro vieram de São Sebastião do Caí, se instalando em Coronel Gervásio. A festa de inauguração da terceira igreja foi “realizada no mato”, Leonida Bratz (2020) discorre que haviam tantas pessoas que a comida não foi suficiente.

---

<sup>38</sup> Sanitário construído de uma forma precária, geralmente com fechamento em madeira, sem sistema de coleta de esgoto.

Em Ata de nº 13 do ano de 1979, sob presidência de Arlindo Bratz foi aberta a possibilidade da construção de uma nova igreja ou a reforma da existente, após muito debate foi autorizada a diretoria solicitar auxílio da Alemanha para a construção, sob intermédio do pastor Cláudio, juntamente com aprovação das trocas de terras com Albino Thielke. Na ata de nº 15 do ano de 1980 foi decidida por votação não permutar as terras, com nove votos a favor, 15 votos contra e dois nulos. A construção da nova igreja foi acordada para localizar-se em outro local, pois o terreno seria pequeno para a nova edificação.

Em Ata de nº 16 do ano de 1980, o presidente manifestou o desejo de reformar a igreja já existente, com a proposta de comprar madeiras de lei para revestir a parede externa, colocar uma cobertura nova, novas aberturas e nova pintura. Em suas palavras, com essa reforma a igreja duraria mais quarenta anos. Contudo, os presentes não concordaram já que o auxílio tinha sido solicitado para a Alemanha.

Ao modo de ilustração das discordâncias entre os membros e do quão complexa poderia ser a proposição de substituição das igrejas, consta em ata que realizou-se outra votação - para resolver se a nova igreja seria construída no mesmo local ou em outro espaço -, com 31 participantes, 17 votaram para construir no mesmo local e 12 em um outro e dois votos em branco. Quando a assembleia aprovou a votação o presidente se negou a colaborar, falando que não ajudaria nem com cinco cruzeiros. Em seguida se retirou do recinto. Após, foi realizada outra votação para definir a quantidade que cada membro ajudaria financeiramente, ficando o valor de 2,5% da colheita da soja do ano de 1981. A construção do pavilhão se deu em 1985, definido em Ata nº02/85. Na Ata de nº 02/2011, foi colocado a necessidade de uma reforma na igreja e sua pintura (COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE TAPERA. Livro I, 1971).

Inicialmente a comunidade de São Rafael se desenvolveu em Barra do Colorado, regida pelo pastor Oswaldo Atkinson. No dia 15 de fevereiro de 1936 foi iniciada a construção do primeiro templo, sendo inaugurado no dia 18 de abril de 1936. Com a migração de muitos membros para São Rafael em 1947, houve a necessidade de mudar a igreja de Barra do Colorado para Linha São Rafael, ideia aprovada em reunião. Ainda que com a resistência de alguns membros, a transferência da igreja se realiza (HOFFMANN P. , 2009).

Dezesseis membros iniciais compraram um terreno de Albino Paulatta, no valor de Cr\$500.00, para a implantação da igreja e cemitério. A inauguração deu-se no dia 30 de maio de 1948, contando já com 40 membros. Mediando a sua construção estava a diretoria de Libório Mai,

Narciso Stärlick, Márcia Stärlick, Nereo Egberto Stärlick, Delcido Zumach, Anildo Lammers (HOFFMANN P. , 2009).

Em entrevista, com Libório Mai conta que seu pai, um dos fundadores da comunidade veio de carroça, puxada a cavalo, de uma colônia de São Sebastião do Caí. Sem muita certeza, diz que seu avô veio da Alemanha ou da Rússia. Seu pai ajudou na construção da primeira igreja de São Rafael, que ficava ao lado do cemitério. Ele discorre que em 1981 teve início a execução do projeto da nova igreja, elaborado pelo Engenheiro Cívil Júlio César Zanon, de Guaporé e com colaboração do Arquiteto Paulo Alaor Pierezan para o acompanhamento da obra. A edificação possui área de 253m<sup>2</sup>, com capacidade para 150 pessoas. Foi realizada por pedreiros, e a madeira da antiga igreja foi vendida para a construção de uma casa na cidade de Tapera.

Segundo palavras de Mai (informação oral), para a construção da igreja foi arrecadado de cada membro 2% do valor bruto da safra de soja, e como não foi adquirido o total dessa quantidade em um ano, o membro Hélio Stärlick fez um empréstimo cobrindo o valor, que no decorrer dos anos foi devolvido pelos membros, com a venda de soja. Foi solicitado ajuda para a Alemanha para a construção da nova edificação, porém, pelo atrito ocorrido entre os membros da comunidade e o pastor responsável, esta foi negada. Os primeiros desejavam uma construção maior e mais elaborada e o pastor insistia em na execução de um pequeno templo, semelhante ao existente.

A construção iniciou no dia 27 de junho de 1988 e sua inauguração ocorreu em 26 de novembro de 1989. Como padrinhos teve o casal Élio e Norma Stärlick, com a contribuição de cinco mil cruzados novos, e padrinhos do sino Narciso e Débora Stärlick, com a contribuição de um mil e quatrocentos cruzados novos (HOFFMANN P. , 2009).<sup>39</sup>

### **3.2. Lagoa dos Três Cantos: Comunidade de Lagoa dos Três Cantos, Linha Glória e Linha Kronenthal**

---

<sup>39</sup> Em Ata nº 43 do ano de 2007, sob presidência de Delmar A. Mai, foi colocado que no ano de 2006 foram realizadas manutenções na igreja, em Ata nº 45 do ano de 2009, foi solicitada a ajuda da comunidade para fazer reformas na edificação. Em Ata nº 46 do ano de 2009, foi acordado que uma pessoa especializada faria uma avaliação da igreja para passar um valor de orçamento, com isso seriam vistas as possibilidades da reforma. Sendo somente realizada a pintura interna da igreja como consta em Ata nº48 de 2012. Em 2019 na Ata nº52 sob presidência de Darlei L. Schwantes foi colocado novamente a importância de fazer um trabalho de conservação na igreja.

Lagoa dos Três Cantos possui área territorial (2016) de 138,635 km<sup>2</sup>; população estimada (2017) de 1650 pessoas; e população, conforme o último censo (2010), de 1598 pessoas (IBGE , 2018).

A constituição do município iniciou-se no ano de 1900. Entre os primeiros moradores estavam Guilherme Radtke, Jacob Übel, Henrique Alberto Ernesto Rahmeier, Fernando Harter, Cristhian Baumgardt, Guilherme da Silveira, João Kopper, as famílias Beutler, Fiebig, Müller, Worst, entre outros (RESENER, 1979).

Figura 12 - Perímetro do município de Lagoa dos Três Cantos



Fonte: Printscreens da autora do Google maps, 2018

Para as comunidades católica e evangélica de Lagoa dos Três Cantos foram doados 11,5 hectares pela Companhia Schmitt & Resener. A escritura de compra e venda lavrada em 10 de outubro de 1900 mencionava o destino da terra para a construção da escola e cemitério, sem menção à igreja. Entretanto, houve uma divisão e o documento foi assinado por ambos os responsáveis, tendo em registro os nomes de Luis Petry e José Pellenz do lado católico e pelo lado evangélico, por Guilherme Radtke e Jacob Übel. (HOFFMANN P. , 2009)

Algumas divergências seguiram ante a construção da primeira igreja, como cita Hoffmann:

Muitos conflitos aconteceram em relação ao local da construção da casa pastoral e da igreja. Teófilo Fiebig queria a casa pastoral perto de sua loja, que estava localizada em frente a atual igreja de Lagoa dos Três Cantos. Otto Radtke queria que a casa de moradia do pastor fosse construída a uns 200 metros do fundo para deixar a frente livre para a construção da igreja. Ainda havia outra corrente: o pessoal de Kronenthal queria que a casa fosse construída na beira da estrada que dá acesso a Kronenthal. Sem nenhum consenso entre os membros de Kronenthal e Lagoa dos Três Cantos

houve a decisão entre os membros das duas comunidades. Então, Alberto Knop, de Kronenthal, faz doação de uma área de terra de meio hectare para a construção da casa para o pastor e da igreja (HOFFMANN, 2009 p. 23 e 24).

Após um processo de desentendidos, no ano de 1912 a primeira igreja foi construída, tendo dimensões de 6 metros de largura por oito metros de comprimento. Em outubro de 1925 foi iniciada a execução da sua torre, ampliando em 4 metros o comprimento original, tendo como mão de obra os trabalhadores Rasch, Guilherme Kroessin, Cristian e seu filho João Baumgardt. A inauguração da torre foi na data de 20 de dezembro de 1925, juntamente com três sinos adquiridos da Bromberg S/A, importados da Alemanha (HOFFMANN P. , 2009). No início foi a comunidade com maior número de fiéis, em 1915 possuía 33 membros, em 1926 tinha 107 membros (RESENER, 1979) .

Durante a Segunda Guerra Mundial problemas referentes à escritura das terras afligiam os membros do núcleo evangélico. Sem a comprovação do seu pertencimento, o pastor Atkinson pediu ajuda a Julio Erpen, escrivão de Tapera, para montar uma documentação com abaixo-assinado reconhecido no cartório de Jacob Übel, com a declaração dos herdeiros de Guilherme Radke dizendo que as terras em questão teriam sido doadas e pertenciam à Comunidade Evangélica. Passado esse fato, pouco depois, em 1941, Julio Erpen comunica ao pastor Atkinson que as terras da comunidade seriam leiloadas por falta de pagamento dos impostos:

[...] O leilão foi por duas vezes transferido e Atkinson reuniu a diretoria da comunidade formada por Pedro Schenkel, Otto Roetting, Carlos Krauspenhar numa sessão confidencial, informando da gravidade do problema. Eles resolveram guardar segredo do que estava por acontecer. O edital foi publicado em 1942 no jornal o Noticioso e a diretoria pediu ao Escrivão Julio Erpen comunicar-se com seu colega do civil e crime de Carazinho, que atendia arrematações, informando do interesse da Comunidade Evangélica de Lagoa dos Três Cantos em arrematar estas terras “cheias de barba de bode” onde se achava o cemitério da comunidade, sendo com isso evitada a procura e avaliação das terras por um Oficial de Justiça (HOFFMANN. 2009 p. 26).

O leilão foi realizado no dia 23 de novembro de 1942, no Fórum de Carazinho. Representando a comunidade compareceram o pastor, a diretoria e o escrivão Julio Erpen. Não existindo outros interessados, com o lance de 905\$000 (novecentos e cinco mil réis),

exatamente a dívida dos impostos e demais taxas, arremataram as terras (HOFFMANN P. , 2009).

Outro marco importante é o fechamento da Escola Evangélica que ministrava aulas em língua alemã, no dia 15 de março de 1943, sob ordens da 8ª Delegacia de Educação de Passo Fundo, decorrentes do processo de Nacionalização e da posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Além disso, de todos os documentos e registros encontrados escritos na língua alemã serem queimados (HOFFMANN P. , 2009).

A comissão composta por Guilherme Resener, Osvaldo Spode, Pedro Schenkel, Miguel Soder, Arthur E. Schilling, Edgar Fries, Ervino Krüger e o pastor Bernhard Theunert, no dia 21 de abril de 1949, organizou a construção de uma nova igreja, com custo estimado de Cr\$200.000,00, adquiridos com a venda das terras da igreja velha e por coletas e doações dos membros do núcleo. O projeto arquitetônico é de autoria do arquiteto Kurt Gunther Schmeling, de Porto Alegre, entregue em março de 1950. No mês de junho de 1951, o arquiteto Germano Muller, de Carazinho, aprovou o projeto e foi iniciada sua execução no dia 20 de janeiro de 1952, sendo responsáveis pela mão de obra Rudolfo e seu filho Guido Beutler (HOFFMANN P. , 2009).

Em 1952, a pedra fundamental foi lançada, recebendo como padrinhos, por intermédio de um leilão, Guilherme Resener e Hilda Petry. Durante o processo de construção eram frequentes as limitações por dificuldades financeiras, sendo sugerido pelo pastor Theunert a venda do maior sino entre os três pertencentes à comunidade. Todavia a ressalva foi negativa, e optaram por buscar outras fontes de arrecadação de verbas. A inauguração foi no dia 28 de novembro de 1954. Entre os percalços registrados sobre a edificação, menciona-se que “em abril de 1966 um temporal com chuva de granizo causou grande prejuízo na casa pastoral e na igreja, quebrando telhas e vidraças.” Dentre essas circunstâncias, sob a presidência de Othomar Kirst, em 1967, houve a substituição do telhado por telhas de alumínio<sup>40</sup>.

Em entrevista Edite Dressler (informação oral) relatou que a primeira igreja em madeira se localizava no mesmo lugar em que a construção existente hoje, próximas a ela estavam localizadas uma escola e a casa pastoral. A edificação já estava construída quando seus pais chegaram das antigas colônias (o pai vindo de Teotônia e a mãe de Ivoti) na região. A sua substituição se deu pela necessidade de um espaço maior e pelo estado precário da edificação. Apesar do apoio da comunidade e grande esforço da presidência, a obra ficou por algum tempo

---

<sup>40</sup> Nos anos de 1999 e de 2009 foram realizadas pequenas reformas e reparos na pintura (HOFFMANN P. , 2009).

parada por falta de verbas e pela decisão de construir em anexo um espaço para a OASE, que por alguns membros era vista de forma negativa. Segundo Edite, para os seus avôs esse espaço era para as “mulheres focarem”. Elucidando que na época pouca gente sabia qual era a função da OASE.

A construção da segunda igreja foi dirigida por uma comissão, mas a comunidade esteve ativa na construção. Hoje, com aproximadamente 150 membros, a manutenção da igreja se dá pela festa anual que a comunidade celebra, já que as mensalidades são encaminhadas para a Paróquia.

Os dados em atas iniciam na nº09 do ano de 1977 onde foi aprovada a compra do telhado para cobrir a igreja, em zinco ou alumínio, e fazer a instalação de luz, ficando a compra sob responsabilidade do presidente Ottmar Kirst. No ano de 1982, sob ata nº 20, foi acordado a construção do muro e calçada para a igreja, sob presidência de Rudy Port, sob a mesma presidência, no ano de 1987, sob ata nº34, foi aprovada a reforma da igreja na parte de reboco e pintura, ficando estipulado a divisão de custos entre os sócios, já no ano de 1989 em ata nº36 foi sugerido e assentido a colocação de uma cerca acima do muro no entorno da igreja<sup>41</sup> (COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE LAGOA DOS TRÊS CANTOS. Livro I, 1971).

No ano de 1909 se estabeleceram os primeiros moradores em Linha Glória, tendo sido o primeiro culto celebrado pelo pastor Georg Algayer no dia 19 de maio de 1914, na residência de Rudolfo Haag, contando com a participação de nove famílias, sendo elas as de Rudolfo Haag, Marinho Dorst, Eduardo Von Fruhauf, David Zart, Adolfo Jorge Kuhn, João Kuhn, João

---

<sup>41</sup> Após a festa da comunidade no ano de 1995, sob ata nº42 foi decidido a realização de uma reforma interna na igreja, com os lucros adquiridos, já na ata nº43 de 1996, ainda sob presidência de Rudy Port foi proposta uma reforma externa na igreja, com o lixamento e pintura do telhado, a manutenção das calhas, a retirada do reboco velho com a execução do novo reboco e pintura, a sugestão era fazer por etapas para aproveitar o dinheiro do caixa, na ata nº44 sob presidência de Ari Brune, houve a sugestão para os membros participarem da arrecadação das verbas para a reforma e em ata nº45 ficou decidido que além da reforma já mencionada seriam trocados os vidros quebrados e a massa ao redor deles, juntamente com os vitrôs da torre, para os custos a decisão foi de buscar maiores alternativas de apoio, como os membros pagarem 10% a mais nas mensalidades, além do auxílio financeiro prontificado pelo prefeito, que inicialmente propôs em colaborar na pintura externa, e também do pastor que autorizou que o valor da arrecadação da festa ficaria para a comunidade. Na ata de nº46 do ano de 1997, foi registrado a doação da OASE para fazer as venezianas na torre e a reforma dos banheiros, em ata nº47 do ano de 1998 foi solicitada a pintura interna e externa da igreja (ATA L. I., 1971).

No ano de 2002 sob presidência de Adilson Gilmar Papke, sob ata de nº58, foi acordado a reforma no reboco da igreja, em ata nº78 do ano de 2011 sob presidência de Lara Ahlert foi sugerida a troca por um novo altar de madeira e o telhado por aluzinco. No ano de 2013 a igreja recebeu um ofício dos bombeiros para a regularização de extintores e portas de saída. Constando em ata nº82, a última reforma da igreja se deu no ano de 2017, sob ata nº93, na presidência de Régis A. Simon, onde foi ajustada a troca do telhado da igreja e do pavilhão da OASE, acabando por acarretar maiores reformas como troca do perfil das aberturas de madeira por metal, reparos no reboco e pintura, como colocada em ata posterior (ATA L. I., Comunidade de Lagoa dos Três Cantos, 2017)

Knudzen, Ludwig Berlt e Aloisio Blau. Em 15 de julho de 1914, a comunidade de Linha Glória foi fundada, contando com 15 famílias. Além das supracitadas, Ernesto Kolberg, Augusto Wendpap, Frederico Petry, Sr. Stumb, Sr. Thaubert e Henrique Duderstadt (HOFFMANN P. , 2009). Na parte interna da igreja se encontram quadros com o nome das famílias fundadoras.

Segundo entrevista com o casal Elenio Hoffmann e Noeli Dorst Hoffmann, o avô de Noeli, Marinho Dost, chegou em Linha Glória vindo de Roca Sales, próximo a Estrela, tendo o seu tataravô vindo da Alemanha com dezessete anos. Conta que sua tataravó, durante a viagem de navio, faleceu depois de dar à luz a uma criança e seu corpo foi jogado ao mar, dias depois a criança também acabou tendo o mesmo fim.

A primeira igreja foi inaugurada no dia 30 de janeiro de 1916, com terreno doado por Rudolfo Haag. Na assembleia do dia 19 de dezembro de 1936 foi aprovada a substituição por um novo templo, que teve início em 14 de março de 1937. Com dimensões de 8 metros de largura por 13 metros de comprimento, mão de obra prestada por Rudolfo e Guido Beutler. Os serviços de janelas e altar foram realizados por Walter Berres, aberturas por Franz Schimango e púlpito executado pela firma Roos (HOFFMANN P. , 2009).

A comunidade teve influente participação na construção como Hoffmann descreve:

[...] todos os membros ajudaram na construção. O falecido Adolfo Antonio Dorst e Selma Kuhn Bohn sempre ilustraram muito bem o tempo da construção da igreja. Eles contavam que moças, rapazes e crianças buscavam água de carroça na sanga próxima da igreja para o pedreiro fazer a massa. A areia e as pedras foram trazidas com juntas de boi a arrasto para fazer o fundamento da igreja. Inclusive viúvas, para contribuir, preparavam o alimento para quem trabalhava na obra (HOFFMANN, 2009 p. 44).

O casal Elenio e Noeli Hoffmann (informação oral) discorrem que a nova igreja foi construída ao lado da antiga, e que a substituição ocorreu pela precariedade em que a edificação se encontrava, tendo algumas das madeiras podres, e por ser pequena para o número de membros que a comunidade possuía. Toda a verba utilizada para a construção e compra do sino foi arrecadada por doações de seus membros. A construção foi realizada por profissionais vindos de Lagoa dos Três Cantos, sem um projeto realizado por um profissional técnico. Porém a comunidade ajudou na construção: não havendo água no local, era transportada com baldes e carroça de cavalo de um riozinho que ficava nas proximidades. Elenio comenta que a fundação é toda de pedra ferro e a torre foi feita de madeira pelo fato de não possuírem conhecimento suficiente para fazê-la de tijolo. A nova igreja não teve função de escola pelo fato de existir

uma escola na comunidade que atendia tanto evangélicos como católicos. As festas eram realizadas “dentro do mato ao lado da igreja” e no mato que pertencia a sua família, até a construção do pavilhão comunitário.

Seu custo foi de 22,494\$300, representada pela diretoria de Adolfo Jorge Kuhn, Alberto Zinzer e Karl Schöelkopf. Teve seu dia inaugural em 13 de fevereiro de 1938. Na data de 30 de setembro de 1947, Adolfo Jorge Kuhn, então presidente do núcleo, adquire um sino da Bromberg S/A vindo da Alemanha. Com o receio de a torre original não comportar o peso, foi construído ao lado do templo outra torre, porém, com o passar do tempo, o sino foi transposto para a torre da igreja (HOFFMANN P. , 2009).

Nos arquivos da comunidade consta a doação para a construção do novo templo em dezembro de 1936 pelos membros: João Kuhn com 1000,00 réis, Eduardo Fruhauf, Aluisio Blau, João kmdsen, Ernesto Kolberg, Adolfo Jorge Kuhn, Henrique Duderstadt e Rodolfo Haag com 500 réis cada um, Luis Berlt com 400 réis, David Zart com 200 réis, Osvaldo Atkinson, Faustino Beffert, Gustavo Marder, Marinho Dorst, Adolfo Weber, Bruno Drehmer com 100 réis e Karlos Scholkoff, Alberto Zinser, Eduardo Klein e Augusto Wendpap com 50 réis. Para a aquisição do sino também houve participação dos membros da comunidade como consta na ata.

As reformas foram acontecendo durante os anos, como pode-se citar na Ata nº2 sob presidência de Helmuth Otto Kuhn, em 1972, que foi em concordada a pintura da igreja e reparos na calçada e cisterna. Em ata nº 4 do ano de 1973, constituído pelo mesmo presidente, foi decidido, juntamente com o presidente da igreja católica, a construção do pavilhão de festas, que seria utilizado em conjunto. No ano de 1976, sob ata nº8, na presidência de Elmo Kuhn, ficou facultado a necessidade de substituição do telhado da igreja por zinco, pela falta de dinheiro em caixa para a compra, foi resolvido comprar uma parte do zinco com o dinheiro e a outra parte com a arrecadação da festa das comunidades. O valor de Cr\$34.227,50 que estava em caixa no ano de 1978, sob ata nº11 mediante presidente Ivo Kuhn, ficou destinado para reformas na igreja. Na ata nº16 do ano de 1982, sob presidência de Helmut Elario Bloss, em caixa constavam Cr\$108.450,00, que seriam designados para a reforma da igreja, mas com o propósito de antes de sua execução consultar um arquiteto e, caso o valor fosse insuficiente, seria convocada uma assembleia geral. Em ata nº22 de 1987 foi concordado a pintura da igreja e a reforma das aberturas, sob presidência de Simplício Vergütz. Sob presidência de Selmo Schmidtel, em 1989, ata nº26, foi solicitado a construção de um sanitário.

No ano de 1993, em ata nº30, sob presidência de Lário Grall, foi discutido se a igreja receberia uma reforma ou se seria construída outra, esta decisão ficaria para uma nova assembleia depois da colheita da soja. Esta nova reunião ocorreu em 5 de maio de 1993, sob ata nº31, na qual o presidente apresentou três propostas para a comunidade, formuladas em conjunto com um engenheiro:

A primeira opção seria a reforma da igreja por R\$35.000,00, sem pintura, com duração do reboco por sete anos, aproximadamente. A segunda opção, a construção de uma nova igreja, com aproveitamento do piso, o telhado seria novo, com dez metros de largura por 14 metros de comprimento, com valor de 1.390 sacas de soja. E a terceira opção, seria a construção de uma igreja nova na vila, de valor aproximado de 1.750 sacas de soja. Com a apresentação das opções houve muita discussão, que influenciou a elaboração da votação, finalizando com 20 votos para a reforma, 16 votos para a construção de uma nova edificação e 2 votos em branco. Em ata de nº 32, do ano de 1994, sob a direção do mesmo presidente, foi apresentado o custo da reforma que ficou no valor de R\$54.146,00 (COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE LAGOA DOS TRÊS CANTOS. Livro I, 1971).

As duas versões do nome da comunidade de Linha Kronenthal contam um pouco o início de sua colonização. Em uma, a hipótese é que teria sido dado pelos primeiros migrantes em homenagem a uma localidade muito similar à direita do Vale do Caí, entre os municípios de São Sebastião do Caí e Feliz, local onde teriam vivido antes de chegar a região. A outra seria pela vista das milhares de copas de pinheiros vistas pelos migrantes ao chega ao local, formando um “vale de coroas” que na língua alemã se traduz a “*kronenthal*” (RESENER, 1979).

A vinda dos primeiros migrantes consta do ano de 1899 e 1900. Em registros do ano de 1902, consta a presença da família Knop com seus filhos Augusto e Alberto. As famílias pioneiras da localidade são: Pellenz, Schulz, Diefenthaeler, Kroessin, Schumann, Gaedicke, Janke, dentre outros. Consta que foi a primeira comunidade evangélica a se formar, em 1900, atendida pelo pastor Guilherme Schulz (RESENER, 1979). A organização do núcleo parte do ano de 1903 a 1906, com o atendimento do pastor Otto Arnold, residente em Ibirubá, oficializando a celebração de cultos em 1906 (HOFFMANN P. , 2009).

Primeiramente houve a construção da casa do pastor (1909), em seguida a da igreja, toda em madeira e sem torre. A segunda igreja foi construída do outro lado da estrada, em frente à antiga, em 1925. Esta era em enxaimel, “a madeira foi doada por Reinoldo Holdefer e o serviço da alvenaria feito por Rudolfo Beutler” (HOFFMANN P. , 2009).

A inauguração do templo deu-se em 15 de novembro de 1925, e da torre e sino em 18 de outubro de 1959, recebendo como padrinhos Reinoldo Fries e Elza Koch Ahlert, e contando com dirigentes o pastor Johannes Flogaus, Wilhelm Janke e Rudolfo Freder. A terra doada para a sociedade (um total de 3000 metros quadrados) somente foi legalizado após 64 anos, sendo assinada a escritura no dia 23 de março de 1973 (RESENER, 1979). Nos dados apresentados pela Ata nº1, a fundação da comunidade evangélica se deu em agosto de 1971 presidindo os trabalhos de forma provisória Carlos Meisner Filho. Conforme descrição na ata nº 17, a igreja recebeu uma nova pintura no ano de 1985.

A diretoria, composta por Atilar Kempf, Adelmo Pedro Willig, Enio Nienow, Ireneu Schumann, Ingo Meisner, Urbano Wiedthauper, Alfonso Lubenow e Jorge Schumann, buscou doações para a construção de uma nova igreja em alvenaria, em 1986, embasados na narrativa de seu estado degradado pela infestação de cupins. Sua inauguração ocorreu em 24 de julho de 1988 (HOFFMANN P. , 2009), segundo Knop (2019) a obra foi realizada por construtores, mas os membros da comunidade trabalharam ativamente durante a construção.

Em entrevista com Edio Knop ele relatou que a segunda igreja estava em boas condições para permanecer em uso, que, precisaria fazer pequenos reparos nos “postes” da torre que tinham sofridos danos por um temporal. E a comunidade também alegava sentir um pouco de medo pela reforma executada em uma parede que havia caído com o temporal e sido novamente erguida, estando fora de prumo e torta. Contudo, ele continua a narrativa contando que no dia da demolição dois tratores quase não conseguiram derrubar a parede dos fundos, que já estava sem apoio, trazendo a evidência da boa técnica construtiva e conservação da edificação. Segundo suas colocações, a proposta de uma nova igreja era o anseio de dois integrantes, o presidente Ingo Meisner e Atilar Kempf, que queriam a nova construção e um pavilhão para as festividades. Com essas mudanças a comunidade perdeu muitos membros pelo fato destes terem a obrigação de em contribuir para as novas construções. Já Noeli Kempf, em entrevista, afirma que a segunda igreja se encontrava muito degradada, sendo esse o grande motivo para a sua substituição.

Na entrevista realizada com Lindamann hoje presidente da comunidade, a primeira igreja também tinha a função de escola. Afirma que a comunidade não possui documentos referentes àquelas datas pelos fatos ocorridos durante a segunda guerra mundial, quando foram queimados inúmeros registros. A segunda igreja foi construída: “com tijolo e ripado de madeira,” ou seja, com o sistema construtivo enxaimel, (técnica construtiva que para muitos

membros das comunidades alemãs não é conhecida na sua real função e significância). O campanário em madeira foi anos mais tarde construído, segundo informações de Meismer em 1959, em madeira. Pelo fato de não terem conhecimento construtivo para uma maior altura, a torre possuía 11 metros de altura, sendo que posteriormente com a degradação da madeira, suas paredes receberam o revestimento zinco<sup>42</sup> para a substituição. Nas palavras de Meismer e Lindamann, a segunda igreja foi substituída porque os cupins tinham danificado muito as madeiras do piso e forro, então a comunidade comprou elementos da igreja, como janelas, arcos, altar e porta. Meismer coloca que o pastor, quando subia no altar, que estava em um nível mais alto, balançava as lâmpadas de luz, todos ficavam apreensivos, e diziam que a igreja ia cair. Alguns pilares do campanário estavam podres, o pilar que estava em boa qualidade foi retirado com o corte da motosserra. Estes mesmos eram parafusados em uma base de concreto. Na primeira pintura as cores foram usadas para destacar o enxaimel, os tijolos foram pintados na cor branca e a madeira na cor vinho, mais tarde ela foi pintada toda de vermelho, pelo fato de ter sido a cor mais barata encontrada.

Na igreja estão expostos, além das fotos da segunda igreja, um documento vindo da presidência da Alemanha com uma dedicatória para a comunidade (ver anexo 01) e um documento (ver anexo 02) com o nome e o valor doado por membros e pessoas que não eram da comunidade para a compra do sino. Segundo Lindamann, quando ocorria um falecimento, era conferido no documento se o indivíduo havia contribuído, o sino era tocado, caso contrário, não. Hoje a comunidade conta com 29 membros no total.

Como consta em Ata nº 21, em 1988, quando a construção da terceira igreja foi questionada na presidência estava Atilar Kempf, Adelmo Willig como vice-presidente, e como tesoureiro Ingo Meismer. Todos os membros presentes em reunião aprovaram a substituição, ficando acordado o valor de seis sacos de cimento e dois metros de areia, que logo foram transformados em 7 OTNS<sup>43</sup>, para cada membro, que poderiam pagar em prestações. A diretoria ficou encarregada de ir olhar algumas igrejas que serviriam como modelos para a nova edificação. Caso algum membro solicitasse transferência nesse período era recomendado a

---

<sup>42</sup> Nome popular de um modelo de telha composta por esse material, durante os anos de 1940 a 2000 foi muito utilizada pelo seu baixo custo.

<sup>43</sup> Sistema de cotas que cada mês tinha um aumento e valor definido. Algo similar ao dólar. (MEISMER, 2019)

quitação das prestações. Na sua construção, como discorre Meismer, a comunidade teve participação efetiva, mesmo tendo sido contratados construtores para a realização da obra<sup>44</sup>.

### **3.3. Espumoso: Comunidade de Espumoso**

Espumoso possui área de unidade territorial (2016) de 783,065km<sup>2</sup>; população estimada (2017) de 15843 pessoas; e população, conforme último censo (2010) de 15240 pessoas (IBGE, 2018).

No ano de 1908 o Estado decidiu compor a “Comissão de Terras de Soledade”, com o propósito de demarcar e dividir as terras públicas nos municípios de Cachoeira, Rio Pardo, Santa Cruz, Venâncio Aires, Lajeado e Soledade. O intento era formar núcleos coloniais, abrindo estradas, regularizando a situação jurídica de muitas posses e abrindo novas frentes de ocupação da terra. No início do século, a composição étnica e a formação cultural do município de Soledade (nesta época Espumoso pertencia a Soledade) teve uma alteração progressiva, passando de um povoado caboclo e indígena para de italianos em Itapuca, irradiados de Guaporé e Anta Gorda, italianos de Espumoso, da Colônia de São Paulo, e de Sobradinho, alemães da Colônia das Tunas, de Arroio do Tigre e das divisas com município de Santa Cruz do Sul. Em 1955, Espumoso é desmembrado de Soledade e se torna um município (FÜLBER & LANER, 2000).

---

<sup>44</sup> Em 1994 a igreja foi novamente pintada pelos seus membros, segundo ata nº27. No ano de 2009 sob direção de Ademir E. Knop, em ata de número nº45 foi acordado a construção de um banheiro e a pintura da igreja, sendo que os valores adquiridos por doações e a mão-de-obra executada pelos membros. E em 2010 sob diretoria de Olga Lindermann, na ata nº48 foi definido a troca de piso interno da igreja, com colaboração financeira dos membros da comunidade e com a arrecadação de um café colonial. Novamente em 2013 foi pintada a igreja e reformada a calçada de acesso, sob diretoria de Olga Lindermann, na ata nº52. Na última ata de nº59 escrita em 2019, sob diretoria de Olga Lindermann, consta a substituição do forro por um forro pvc.

Figura 13 - Perímetro do município de Espumoso



Fonte: Printscreen feito pela autora do Google maps, 2018

A comunidade luterana em destaque para análise é a da cidade de Espumoso a qual define-se por ser a comunidade mais nova da Paróquia. Os primeiros cultos foram celebrados na casa de Carlos Pedro Tatch. Posteriormente, a Igreja Católica cedia espaço na Escola São Luiz para atividades de Ensino Confirmatório e cultos, pela falta de estrutura a Confirmação era realizada na comunidade de Tapera (HOFFMANN P. , 2009).

Uma Assembleia foi convocada para a fundação da nova comunidade, como Hoffmann descreve:

Em 26 de maio de 1983, Telmo Mundstock, presidente provisório, convoca os membros para Assembleia do Núcleo Evangélico no Salão Nobre da Prefeitura de Espumoso. Essa reunião contou com a presença do Pastor Claudio Herberts e Osmar Resener representantes da Paroquia de Lagoa dos Três Cantos, Walter Reinheimer, da Comunidade Evangélica de Tapera. Nesta data é fundada a Comunidade Evangélica de Espumoso tendo como membros fundadores Telmo Mundstock, Ricardo Kleber, Odilo Tatsch, Sergio Keller, Ilmo Knutzen, Darci Pereira dos Santos, Alcibíades Eckerd, Edar Vogel, Nildo Grahl, Adão Alvino Tatsch, Oswaldo Melchior, Caio Salenave, Carlos Pedro Tach, Sérgio Schumann, Ewaldo Gengnagel, Rosalino Keller, Arno Oswaldo Saueressig, Nelsa Tatch, Helma Haas, Traudi Schmidt (HOFFMANN, 2009. P. 55).

Ficaram ajustados nesta reunião os Estatutos da Comunidade e a diretoria vigente, composta por: Telmo Mundstock como presidente, Ricardo Kleber como vice-presidente, Odilo Tatsch e Sergio Keller como 1º e 2º secretários respectivamente, Ilton Knutzen e Darci Pereira dos Santos 1º e 2º tesoureiros respectivamente. Vogais: Alcibíades Eckerd, Edgar Vogel. Conselho Fiscal: Nildo Grahl, Adão Alvino Tatsch, Oswaldo Melchior. Suplentes: Caio

Salenave, Carlos Pedro Tatsch, Sérgio Schumann. Representante junto ao Conselho Paroquial: Ewaldo Gengnagel, Rosalino Keller (HOFFMANN P. , 2009).

No dia 27 de julho de 1984, conforme ata nº2, encaminha-se para a Câmara Municipal dos Vereadores um projeto solicitando a doação de terreno para a construção da igreja, aos cuidados de Telmo Mundstock. Como Fülber & Laner (2000) colocam, o terreno situava-se na rua Pedro Álvares Cabral e teve como responsável técnico o engenheiro Adriano Zarpellon, que realizou o projeto gratuitamente para a comunidade. A obra teve início na gestão de Ilmo J. Knutzen e continuou na gestão de Evaldo Gengnagel. Seguindo nas palavras de Hoffmann P. (2009) Com sua aprovação, iniciam os fundos para a concretização da obra. Contando com a colaboração do núcleo para arrecadação de dinheiro e doações das demais comunidades da Paróquia. Para a Igreja da Alemanha foi encaminhado um prospecto de auxílio financeiro, esta, aprovou o pedido com uma particularidade, requisitou a construção de uma casa de orações e não de uma igreja. Segundo os colaboradores, seu ano inaugural foi 1990, segundo colocações de Tatsch (2019) foi solicitado a aprovação para IECLB de Porto Alegre, que forneceu os dados necessários, com o intermédio de Cláudio Herbertz, e o restante foi doado pela comunidade em geral, empresas e membros da igreja, registrados no livro ouro.

Em Ata de nº5/6 do ano de 1986 e 1987 sob presidência de Sérgio Keller, a dúvida pairava sobre se seria construída a igreja ou inicialmente um pavilhão. Constando em Ata nº 8, de 1988, como a dúvida permanecia, foi sugerida a solicitação de uma “resenha” de um engenheiro para fazer o levantamento de custos para a construção. Na Ata nº10 de 1988, foi feita uma votação para definir se seria construída uma igreja ou um centro comunitário, onde três pessoas votaram pela igreja e 11 para o centro comunitário, que mais tarde chamaram de casa de culto. Na Ata nº13 de 1989 consta que foram apresentados em reunião os rascunhos do projeto da casa de culto, que finalizou com uma área de 200m<sup>2</sup>. Em 1990, lê-se na ata nº14 que foi iniciada sua construção, sob presidência de Ilmo J. Knutzen. No mesmo ano, na ata nº15, foi convocada uma reunião para mobilizar os membros para arrecadação de verbas, com o intuito de finalizar a obra. Na Ata nº3/95 de 1995, sob presidência de Antônio Campos, com o lucro do jantar dançante seria colocado forro de madeira na parte interna da edificação, no mesmo ano, na Ata nº06/95 foi explanado que a diretoria entraria em contato com a prefeitura para solicitar um carpinteiro para a colocação do forro, se o pedido fosse negado, um membro da comunidade o faria (COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE ESPUMOSO. Livro I, 1983).

Em entrevista com Tatsch (2019), hoje pertencente a diretoria da comunidade como secretária, conta que a manutenção do terreno e da casa de cultos se dá pelos membros as mensalidades são encaminhadas para a Paróquia, não sendo repassado para a comunidade estes valores. A casa de cultos também possui espaço para festividades (já que a comunidade não possui pavilhão para estes fins), onde são realizados almoços e jantadas para arrecadação de verbas para sua manutenção. Aos fundos, em anexo, há um quiosque para o preparo de churrascos. Atualmente a comunidade conta com 30 famílias entre seus membros, contudo, sendo a média de uma pessoa por família, o que gera aproximadamente 20 a 15 pessoas por culto, até menos dependendo o tema em celebração.

#### **3.4. Jacuizinho: Comunidade de Campo Comprido**

Jacuizinho possui área de unidade territorial (2016) de 338,535km<sup>2</sup>; população estimada (2017) de 2.666 pessoas; e população, conforme último censo (2010) de 2.507 pessoas (IBGE, 2018).

Em 1857 os primeiros alemães chegaram na região, como consta no relatório do Fiscal José Ferreira de Camargo, que a Câmara de Cruz Alta encaminhou para o governo provincial. Onde dizia que mais de 30 casais alemães, da “picada nova de Santa Cruz” queriam se transferir para “serra entre os campos de Botucará e Cruz Alta, na costa do rio Jacuí”, sujeitando-se a perder os serviços que haviam feito em Santa Cruz, desde que o governo lhe cedesse novas terras e transporte par chegar à nova região. O município foi criado em 16 de abril de 1996, pela Lei Estadual Nº 10.757 e teve sua instalação para 1 de janeiro de 2001 (FÜLBER & LANER, 2000).

Figura 14 - Perímetro do município de Jacuizinho



Fonte: Printscreen feito pela autora do Google maps, 2018

A comunidade luterana em destaque é a de Campo Comprido. Nessa localidade os primeiros cultos eram realizados na casa de Carlos Pedro Tatsch e demais famílias. Os pastores vinham de outras localidades como de Kronenthal, Lagoa dos Três Cantos, Arroio do Tigre, General Osório (hoje Ibirubá e Tapera). A Assembleia para fundação da comunidade ocorreu em 7 de fevereiro de 1950, tendo como diretoria Ernesto Muller, Onitho O. Strelow, Erich Rudolfo Rassweiller, Heins W. Rassweiller, Aduino Becker e Nelson Strelow. A comunidade sempre muito ativa na participação dos núcleos, como Hoffmann elucidada:

Oldemar Hass e Edemar Hass contam que o piazedo se juntava e acampava para retirar e lavar areia nas estâncias velhas perto de Jacuizinho. Os jovens responsáveis por este trabalho eram Otto Hass, Vilson Raissweiller, Edemar Haas. Já as pedras para o alicerce da igreja foram retiradas da propriedade de Edvino Becker. Os membros que ajudaram na construção da igreja foram Pedro Haas, Edemar Haas, Vilson Lothario Niederauer, Oldemar Haas, Oscar Haas, Vilson Raissweiller, Edvino Becker, João Albino Haas, Willi Haas, Otto Haas, Carlos Strelow, Erich Rudolfo Rassweiller, Arno Rudi Rassweiller, Fredolino Felipe Niederauer, Adão Tatsch, Arthur Hass, Henrique Haas, Ernesto Müller, Bruno Koch e Adélia de Castro que fazia a comida (HOFFMANN, 2009 p. 58).

Em entrevista com o casal Henrique e Olinda Niederauer (2020), o primeiro discorreu que seu avô era oriundo de São Pedro do Sul, o sogro de seu avô de Santa Cruz. Diz também que a região possuía uma densa mata de araucária, com serrarias e moinhos. A comunidade antes da construção da igreja, realizava as cerimônias religiosas na casa de seus membros, e Olinda conta que a ideia da construção partiu de Ernesto Müller após ser barrado em um batizado católico, não podendo ser o padrinho da criança porque era evangélico. Diante do

ocorrido ele prometeu que construiria uma igreja para batizar a criança, organizou uma reunião e trouxe o projeto para pauta, sendo aprovado pelos membros. Quando a igreja começou a ser construída, Henrique Niederauer (2020) discorre que estava com aproximadamente 13 anos e no dia de sua inauguração ela não estava completamente acabada. Ernesto Müller, em seu discurso, cobrou mais colaboração dos membros para finalizar a obra. Mas como a comunidade não possuía dinheiro, ele mesmo a concluiu. Cada uma das duas fases da construção durou dois anos. Em sua narrativa ele coloca uma fala de Ernesto Müller dizendo “pois então eu vou aprontar a igreja e fazer um jazigo para mim e minha véia”, e, de fato, no altar da igreja há duas catacumbas, porém os membros não permitiram que o casal fosse enterrado ali. As fundações foram feitas com pedras retiradas da região (até hoje existem pedreiras na comunidade) e os membros ajudaram na sua construção. Sobre esta ajuda, diz Niederauer que “quando tinha concretagem organizavam mutirão” (NIEDERAUER H. V., 2020).

Em relação ao terreno e ao projeto Henrique Niederauer (2020) relatou que o terreno foi doado por Ernesto Müller e o projeto foi feito pelo seu genro, ficando também a execução sob sua responsabilidade, quem trouxe a equipe de três profissionais da capital. Com o projeto da igreja também havia documentos de um projeto de escola agrícola, a qual seria implantada no mesmo terreno, contudo, pela falta de verbas, não ocorreu a construção. Além disso, o sino foi comprado e não chegou à comunidade, H. V. Niederauer (2020) acredita que esse sino tenha se perdido no porto.

Como coloca Olinda Niederauer (2020) por fim, a comunidade fez um acerto com a família de Ernesto Müller e ressarciu o dinheiro que ele havia investido na igreja pagando com parcelas anuais. A igreja contava com aproximadamente 30 membros e para entrar na religião, participar de festas e bailes realizados, “somente eram aceitas pessoas brancas convidadas da etnia alemã, era proibida a participação de pessoas de cor” (NIEDERAUER O. C., 2020).

A edificação, que comporta 100 pessoas sentadas, foi inaugurada em meados do ano de 1959 (HOFFMANN P. , 2009). Conforme informações cedidas pela presidente da comunidade, totalizam 40 membros atualmente. Até o momento nenhuma reforma foi realizada na igreja, contudo, já foram engenheiros fazer avaliações, mas não houve um retorno (NIETERAUER, 2020).

O capítulo retratou as comunidades em estudo, que compõe a Paróquia de Tapera, em uma explanação informativa da sua formação e a recorrente construção das igrejas e das suas substituições. Os informes são decorrentes da instalação nas localidades com registros das

famílias presentes em documentação e na memória dos protagonistas. Evidencia-se que possivelmente muitos nomes aqui não mencionados contribuíram para a formação do núcleo em estudo, não os tornando menos importantes no contexto histórico. O corpo textual traz uma composição densa, porém plausível e necessária para a estrutura dissertativa, entendimento das peculiaridades e analogias que envolvem as comunidades estudadas.

## **4. PRIMEIROS TEMPLOS**

Compreender o processo de instalação e adaptação dos migrantes em seu novo habitat materializada nas construções, em especial as religiosas, é o precursor deste capítulo. Tanto sob o conceito da transformação de um espaço para um lugar sagrado/religioso, quanto da forma construtiva por eles utilizada e o repertório que trazem em sua bagagem cultural e adaptam aos materiais locais e nova forma de construção: o sistema de mata-junta. Pretende-se também contextualizar a identidade visual do migrante, correlacionando com a forma construtiva das primeiras construções dos templos e trazendo uma análise comparativa com edificações regionais de distintos fins, como, por exemplo, residenciais e comerciais. E, por fim, explicar a especulação de que o sistema de mata-junta é resultado da adaptação dos povos europeus que se instalaram na região em templos de diferentes religiões pertencentes tanto a etnia alemã e italiana.

### **4.1. Do espaço para o lugar – a mística experiência do transformar**

Definir espaço e lugar configura relacionar diversos aspectos e correlações. As experiências são precursoras em determinar um ou outro. Espaços são territórios a serem explorados e habitados. Lugares são consequências dele, aos quais são atribuídos valores e satisfeitas as necessidades. Ao especificar a definição para lugar constata-se que este muda conforme a visão de cada pessoa, ou seja, o experienciar será o precursor do sentimento adquirido por esse ambiente, que pode ser tanto em grau positivo e satisfatório como em negativo e repulsivo, o que leva a ter diferentes concepções de um mesmo lugar (TUAN, 1983).

Na visão de Tuan (1983), para compreender o que as pessoas sentem como espaço e lugar deve-se considerar as diferentes maneiras de submeter-se à experiência pelos sentidos tátil, visual, sensório-motor e conceitual. Levando em consideração a vasta cultura e a grande diversidade em relação às necessidades, qualidades e aptidões humanas. Ele subdivide os seguintes temas: fatores biológicos, que apresentam os estágios de aprendizado da criança ao adulto relativos ao espaço e lugar; relações de espaço e lugar, que configuram o espaço em abstrato e indiferenciado, recebendo relevância e transformando-se em lugar a partir do momento em que é conhecido e usufruído; e amplitude da experiência ou conhecimento, que condiz ao tipo de experiência vivida, que pode ser direta e íntima, indireta e conceitual.

As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento. Os matemáticos, por exemplo, afirmam que a expressão de seus teoremas é orientada pelos critérios estéticos – noções de elegância e simplicidade que respondem a uma necessidade humana. O pensamento dá colorido a toda experiência humana, incluindo as sensações primárias de calor e frio, prazer e dor. A sensação é rapidamente qualificada pelo pensamento de um tipo especial. O calor é sufocante ou ardente; a dor aguda ou fraca; uma provocação irritante, ou uma força brutal (TUAN, 1983, p.9-10).

Diante dessas questões, como compreender o domínio que um lugar exerce sobre o ser humano? A essência que emerge da fascinação à lacuna. Interpretando a fantasia, o místico do venerável ao profano, da mente consciente e inconsciente, do material ao espírito.

À medida que o elo familiar com o espaço é concebido ele transmuta e passa a ser um lugar. O ser humano, para viver em equilíbrio, precisa estar conectado com o espaço e o lugar. Inconscientemente são manifestações diárias do cotidiano, realizadas pelo instinto, que consistem em habilidades espaciais. O ato de liberdade correlaciona-se ao espaço aberto, onde a imensidão de possibilidades torna-se atraente e real, seguindo em paralelo com o risco do desconhecido e a vulnerabilidade do não protegido. “O mundo nos parece espaçoso e amistoso quando concilia nossos desejos, e limitado quando eles são frustrados” (TUAN, 1983, p. 74). Minimizar esse contexto para um ambiente fechado, o transforma em um lugar, cujos atributos são definidos como a segurança e o abrigo: “o meio ambiente construído define as funções sociais e as relações. As pessoas sabem melhor quem elas são e como devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não quando o ambiente é a própria natureza” (TUAN, 1983, p.114).

Na percepção do autor Tuan (1983), lugares e objetos definem o espaço. Para reconhecer o espaço é preciso visualizar os lugares, seus objetos e os identificar conforme sua importância. Ao se tratar de lugares, Portoghesi (2002) exemplifica que as características e situações naturais do espaço são partes de um contexto que deve ser respeitado, aproveitando tais particularidades. Essas por si só já podem ser consideradas o projeto. O tempo, no contexto, traz a lembrança, a memória, a relação de distâncias e barreiras para o livre acesso a um determinado lugar. Trazendo significados temporais em experiências do dia-a-dia. O tempo faz a magia de se transcrever no espaço, projetando nele vivências de épocas passadas e futuras (TUAN, 1983). Formas arquitetônicas são manifestações materiais que consagram o poder a um determinado lugar. Edificações importantes são expostas em plataformas, terrenos com níveis mais altos e centrais, dependendo do uso do mesmo. Como linguagem, o meio ambiente construído tem o

poder de ativar a sensibilidade, ampliando os sentidos da consciência: “sem a arquitetura, os sentimentos sobre os espaços permanecem difusos e fugazes” (TUAN, 1983, p. 119). O empoderamento dado à valorização do espaço e lugar gerou na sociedade uma clara definição de zoneamento e o *status* é claramente definido pela localização territorial da obra e pelo seu tamanho. Edificações em zonas centrais possuem maior valor imobiliário do que as localizadas no subúrbio. A atenção e infraestrutura estão mais setorizadas nessas áreas pelo mesmo motivo, por isso, templos religiosos que historicamente possuem um papel significativo dentro da conceitualização e espacialidade da sociedade, estão localizados em áreas centrais, como sugere Tuan: “nas comunidades pré-letradas e tradicionais, as formas de vida social, econômica e religiosa estão bem integradas. É bem provável que o espaço e a localização que tem uma alta posição social tenham também uma significação religiosa” (TUAN, 1983, p.125).

A aquisição de um terreno central ou em posição de destaque possibilitava sua configuração de evidência em qualquer povoado, sendo um importante ponto visual de orientação e localização para seus habitantes e visitantes. Nas cidades contemporâneas essa tipologia ainda pode ser perceptível, porém com algumas alterações. Com o crescimento desordenado das cidades, as igrejas acabaram sendo espremidas pelas demais edificações, subtraindo a monumentalidade e a simbologia da obra em si. Promovendo no homem uma confusão psíquica relativa a definição de espaço profano/sagrado, que ao perder o visual acaba abandonado o espiritual (RIBEIRO, 2006). Como Burmann descreve, “a vida transcorre sempre em algum tipo e forma de espaço. Há o espaço geográfico, o espaço temporal, o espaço natural e o espaço edificado. O espaço denominado religioso ou sagrado localiza-se dentro da dinâmica desses diferentes espaços” (BURMANN, 2009, p. 61).

Em cidades e bairros interioranos as tipologias conceituais dos templos religiosos continuam a manter seu papel de destaque. Essas comunidades têm o templo religioso como o pilar para orientação de suas condutas sociais e integração entre seus moradores. Diretamente ativas são protagonistas de eventos tanto religiosos quanto festivos. Dentre eles destacam-se cultos, cultos infantis, juvenis, batismos, casamentos, velórios, festas para integração dos membros e arrecadação de verbas, gincanas esportivas para os jovens e crianças. Soma-se a ativa contribuição da comunidade, criando um vínculo familiar, afetivo e de harmonia com o lugar consagrado por elas, todos os problemas e desavenças que ocorrem entre seus moradores sofrem uma forma de esquecimento ao se manifestar presente no ambiente, o respeito pelo

sagrado prolifera uma metamorfose com o poder de criar um mundo paralelo ao profano, separado a partir do momento que se entra nesse espaço.

Questões referentes à colonização dos anos de 1850 a 1910, também possuem uma significância na construção dessa esfera. Imigrantes europeus que em seus países se encontravam em estado de miséria e transição para a era industrial sonhavam com a promessa da “Terra Nova”, e optaram por abandonar seu lugar de origem por um espaço desconhecido, que os fascinava com as possibilidades de terra própria e uma qualidade de vida digna. Para seu novo mundo ser humanizado o espaço foi sendo transmutado para algo que os remetia a lembrança e memória do seu lugar de origem, um novo lugar explorado com adaptações de vivências que faziam a dor ser amenizada. A sua cultura marcou a composição do novo espaço, dando a ele a identidade de seus descendentes, cultivada e preservada até os dias atuais.

Para essas comunidades a valorização dos lugares sagrados está relacionada com sua origem, com seus antepassados, porque, além de ser um espaço santo, são templos à memória, lugares de provação e de triunfo. A glória por um lugar somente seu, de seu povo e sua cultura em um espaço inicialmente hostil. Nesse âmbito, Zani (2013) trata a religião como um fenômeno cultural, e a classifica em duas categorias: as religiões étnicas, que são compostas por grupos específicos de pessoas e geralmente estão ligadas a um lugar singular; e as religiões universalizantes, que se associam à crença na mensagem e doutrina de seu deus ou deuses. Esta, ao contrário das étnicas, rompe seu vínculo com lugares de origem para disseminar sua mensagem. As comunidades em estudo se classificam dentro das religiões étnicas, por este motivo o interesse na pesquisa, que além de teológico é étnico e transcende todo o processo de adaptação em um novo ambiente. Outro ponto importante a se observar é que, durante os anos, as comunidades têm diminuído seus membros inscritos, possivelmente um dos fatores seja a desvalorização do apego à etnia de origem.

Zani discorre que “a religião nunca é apenas metafísica” (ZANI, 2013, p.64), independente da religião os objetos de culto “são rodeados por uma aura profunda seriedade moral”, (ZANI, 2013, p.64), ou seja, o lugar sagrado não somente encoraja mas exige a devoção, ele reforça o compromisso emocional do devoto em um sentido de obrigação intrínseca. Os espaços sagrados são significativamente fortes, se destacam de lugares comuns e de rotina e, para o homem, essa definição tanto pode estar contida em objetos, como em pessoas ou em lugares. O que se pode perceber nas comunidades do estudo, por exemplo, são que as doações realizadas para a construção dos templos e a ajuda dos seus fies com a mão de

obra são fundamentais. A percepção de lugar sagrado varia de grupo para grupo, sem generalizar os princípios de lugar, podendo ser edificações, templos, grutas, pedras, árvores que seguem conforme cultura de quem os sacraliza.

[...] O homem consagra o espaço porque sente necessidade de viver num mundo sagrado, de mover-se em um espaço sagrado. O homem religioso, desta maneira, se exprime sob formas simbólicas que se relacionam no espaço: cada vez que se ergue uma nova igreja, o grupo religioso tem a impressão de que cresce e se consolida (ZANI, 2013, p.64).

Na narrativa de Burmann (2009) as igrejas luteranas não possuem um padrão de estética e estilo definido, mas no seu interior os espaços são especificamente destacáveis, como o espaço dos féis, o altar, que é o espaço mais elevado onde ficam o pastor ou pastora, nele também está a mesa do altar, onde se mantém exposta a Bíblia e, na parede ao fundo, pendurada uma cruz. O púlpito também integra a composição deste espaço, com a função de destaque para o pastor ou pastora, que dirigirem a pregação. Os formatos podem variar conforme a localidade e região, mas o simbolismo segue o mesmo sentido. Todos esses elementos são pontes de ligação da comunidade com o sagrado, estabelecem a conexão de seus membros com a fé e com Deus. Os arcos acima das janelas remetem a cálices derramados com o sangue de cristo.

A inserção de algumas igrejas estudadas no contexto espacial não segue uma nomenclatura exata, elas são adaptadas conforme a necessidade do local, sendo o acesso diferente para cada edificação, como se pode ver na igreja de Tapera, o acesso é nordeste, em São Rafael sudoeste, em Coronel Gervásio sul, e que em Linha Kronenthal o acesso se dá ao lado nordeste, em Campo Comprido, por sua vez, o acesso está no lado norte. Somente Lagoa dos Três Cantos e Linha Glória possuem o acesso ao lado leste conforme simbologia explanada.

#### **4.2. Identidade visual da arquitetura popular do (i)migrante**

No período que data a vinda dos imigrantes para o Brasil as técnicas construtivas mais populares conhecidas pelos mesmos era a blocausse e o enxaimel, oriundas e desenvolvidas entre o século XV e o XVIII. A técnica blocausse era a execução do encaixe de troncos roliços e falquejados<sup>45</sup> em duas camadas opostas encaixadas nas extremidades. Foi a primeira técnica

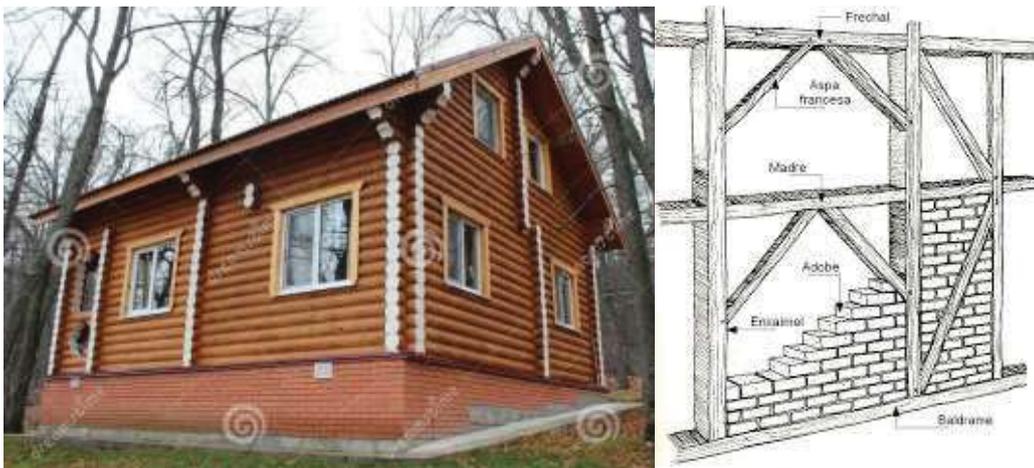
---

<sup>45</sup> Cortada, com menor espessura.

a ser utilizada e também a primeira a ser abandonada pelo uso excessivo de madeira. O enxaimel classificou-se em três sistemas construtivos: o baixo-saxão, o alemânico e o franco, originário e mais usual nas planícies e na região central da Alemanha, onde se encontrava maior quantidade de madeira de lei (mais dura e resistente). Possuía paredes estruturadas por um tramado de madeira com peças horizontais, verticais e inclinadas encaixadas entre si (sem pregos), recebendo o preenchimento de adobe, tijolo, pedra, taipa, entre outros. Pelas características culturais de isolamento das aldeias alemães, em muitos casos houve a mescla dos estilos (GISLON, 2013).

A técnica do enxaimel surgiu na busca da solução dos problemas decorrentes do contato direto da madeira com o solo, que com o tempo vinha a apodrecer por estar sempre exposto a umidade. As fundações começaram a ser pensadas com pedras, contudo, os troncos não seriam mais cravados no solo perdendo a rigidez e a função estrutural. Para resolver o problema colocou-se o emadeiramento com triangulação por meio de peças inclinadas que tornavam a estrutura rígida. Nascendo assim o sistema construtivo enxaimel, que pode receber vários materiais para seu fechamento (preenchimento) como adobe, pedra e tijolo (WEIMER, 2012). Somente a partir do século XV que foi se agregando à técnica maior valor estético com fachadas mais elaboradas e detalhadas (DIEL, 2015).

Figura 15 – As imagens apresentam o sistema construtivo blocousse e o enxaimel



Fonte: Docplayer<sup>46</sup> 2019

<sup>46</sup>Link do site retirado:

[https://www.google.com/search?q=sistema+construtivo+blocousse+desenho&tbm=isch&ved=2ahUKewjfn-q3PHnAhXeGLkGHsZANAQ2-cCegQIABAA&oq=sistema+construtivo+blocousse+desenho&gs\\_l=img.3...16264.17425..17896...0.0..0.122.75.5.1j6.....0....1..gws-wiz-img.TN5Ag9gE1uA&ei=dLRXXt-](https://www.google.com/search?q=sistema+construtivo+blocousse+desenho&tbm=isch&ved=2ahUKewjfn-q3PHnAhXeGLkGHsZANAQ2-cCegQIABAA&oq=sistema+construtivo+blocousse+desenho&gs_l=img.3...16264.17425..17896...0.0..0.122.75.5.1j6.....0....1..gws-wiz-img.TN5Ag9gE1uA&ei=dLRXXt-)

O enxaimel baixo-saxão, sistema construtivo mais antigo, se desenvolveu por toda a Alemanha, tendo como maior características os baldrames e os frechais<sup>47</sup> contínuos ao encaixe dos esteios<sup>48</sup>. Os peitoris e as vigas descontínuas eram encaixadas nos esteios com portas e janelas feitas entre seus vãos sem o uso de vergas<sup>49</sup>. Contraventamentos eram feitos através de uma mão francesa colocada entre o esteio<sup>50</sup> e barroto<sup>51</sup>. Pelo sistema apresentar fachadas rígidas e um pé direito<sup>52</sup> baixo eram feitas esculturas geométricas e inscrições nas peças de madeira horizontais. As cargas dos esteios do pavimento superior eram descarregadas nos esteios do pavimento inferior (GISLON, 2013).

No sul da Alemanha se desenvolveu o alemânico, sistema construtivo mais recente, os esteios principais eram mais afastados e se apoiavam diretamente nas fundações, o vigamento horizontal era maior. Na fachada, a parede superior avançava na inferior (no sistema baixo-saxão esse avanço também ocorria, mas com a diferença de que o alemânico avançava além da fachada no encontro das paredes onde os consoles eram estruturados). Os contraventamentos davam a rigidez e estabilidade feitos com peças na forma de “mulher suaba”, “homem selvagem” e “homem”. A “cruz de Santo-André<sup>53</sup>” era pouco utilizada. As janelas eram menores e seguiam peitoris e vigas contínuas encaixadas por esteios principais. Executados com materiais lisos e caiados<sup>54</sup> recebiam pintura para dar acabamento, com aparência mais sóbria pela tipologia das peças e pelos tramos maiores (GISLON, 2013).

No planalto médio (desde o Rio Reno na França até a fronteira da República Tcheca) se desenvolveu o sistema construtivo franco, com semelhanças ao alemânico, onde diferenciavam-se pela maior proximidade dos esteios. Passou por transformações como as das escoras que a princípio eram retas e com o tempo passaram a ser cada vez mais curvas. Teve grande utilização a Cruz-de-Santo-André e suas variantes. As paredes seguiam alinhadas e as peças transversais eram encaixadas com a utilização de vários tramos na mesma construção (GISLON, 2013).

---

[UE96x5OUPpLOCgA0&bih=754&biw=1536&rlz=1C1GCEA\\_enBR872BR872#imgrc=xd4LZ1d1tcQtCM&imgdii=UAaRBvfVkwCk1M](https://www.repositorio.ufpa.br/brs/handle/2012/20121/1/UE96x5OUPpLOCgA0&bih=754&biw=1536&rlz=1C1GCEA_enBR872BR872#imgrc=xd4LZ1d1tcQtCM&imgdii=UAaRBvfVkwCk1M),

<sup>47</sup> “Componente do telhado. Viga que fica assentada sobre o topo da parede, servindo de apoio à tesoura” (GISLON, 2013, p. 45).

<sup>48</sup> “Peça de madeira que serve para segurar ou escorar” (GISLON, 2013, p. 46).

<sup>49</sup> Vigas em menor proporção acima de aberturas.

<sup>50</sup> Escoras de sustentação (Engenhariacivil.com, 2020).

<sup>51</sup> Peça de madeira em que uma das dimensões é 7cm ou 8cm e a outra varia de 5,5cm a 7cm ou 6cm a 8cm (Engenhariacivil.com, 2020).

<sup>52</sup> Diferença entre a cota do piso e a cota do teto de uma casa. Diferença de cota entre o piso inferior e o piso superior, incluindo a espessura da laje superior (Engenhariacivil.com, 2020).

<sup>53</sup> Cruz em forma de X formada por peças de madeira ou ferro e que serve para apoiar vigamentos (Engenhariacivil.com, 2020).

<sup>54</sup> Revestidos de cal.

O porão era uma característica do sistema, geralmente executado com pedra e semienterrado. Possuía um pé direito baixo, com a função de proteger a madeira do contato direto com o solo e também utilizado para depósito de alimentos úmidos. O telhado recebia a inclinação necessária para cada região de nevada, cobertas primeiramente com palha e depois substituídas por telhas de ardósia. Em residências nobres era comum o sótão para estocagem de alimentos. As madeiras nas fachadas ficavam aparentes e eram impermeabilizadas com alcatrão e as paredes, geralmente, recebiam a pintura com cal (GISLON, 2013).

A substituição dos materiais foi acontecendo de forma gradual e conforme a sua escassez. Como a autora Gislou descreve (2013), a madeira, ao se tornar escassa, foi substituída pela pedra, executados de forma mista: a base e o primeiro pavimento eram em pedra e o segundo pavimento de madeira. Mais tarde, no século XIX, somente os telhados eram em madeira e a partir do século XX o ferro e concreto armado substituíram a madeira, o tijolo (apesar de ser um material existente há milênios) e a pedra.

O sistema construtivo, concebido nesse estudo como parte da bagagem cultural, acompanhou os (i)migrantes para as colônias. A restrição dos materiais e de mão de obra trouxeram adaptações e uma nova tipologia de arquitetura, estabelecendo grande semelhanças entre as casas e os templos religiosos. Estas semelhanças são de uma linguagem que está ao alcance do usuário e do criador, e fomentam sua intenção ao passo que é observada e conhecida, refletindo características próprias. Assim,

outro ponto importante de destaque é correlacionar a semelhança arquitetônica das igrejas com as casas dos (i)migrantes, suas particularidades se diferenciavam da arquitetura colonial que prevalecia na época, a arquitetura que o imigrante trouxe para seu novo habitat é muito peculiar, a memória e as técnicas construtivas foram hibridizadas aos materiais, clima e geografia fornecidos pelo novo ambiente, produzindo uma releitura de sua ancestralidade e cultura adaptadas ao novo espaço (Petry, 2020, p.9).

Como Diel afirma, o sistema mais empregado nas antigas casas do Brasil foi o enxaimel, por ser o mais simples e conhecido pelos colonos, visto que a maior parte dos imigrantes provinha da região norte da Alemanha, que o adaptaram aos materiais locais e o tornaram mais simplificado, abrindo uma grande diversidade, com base na técnica original, pela característica de cada região onde foi implantado. Contudo, na região de estudo essa técnica construtiva foi pouco usada. É notório o uso do sistema enxaimel somente em edificações de famílias com condições financeiras mais elevadas, com poucos exemplares em áreas interioranas. Seu maior

destaque foi em áreas urbanas, o que pode ser relacionado ao perfil (i)migratório em questão. Outro fator que pode ter influenciado essa questão é o apontamento feito pelas autoras Pereira, Valle & Costa (2017) que colocam a escassez do enxaimel nas novas colônias como consequência da nacionalização implantada no Brasil durante a Segunda Guerra. A técnica era fortemente atrelada à etnia alemã, e durante o período de nacionalização foram interrompidas suas construções. Como Pereira explana em uma narrativa de Roche (1969) as construções teuto-brasileiras se distinguem em cinco fases:

Roche (1969, p.199) distingue as cinco fases de construções teuto-brasileiras: “1- Choupana; 2- Construção em Enxaimel; 3-Construção em tijolos; 4- Construção em madeira; 5- Construção estandarizada”. Na primeira fase, da choupana (cabana ou rancho), tem-se um abrigo provisório formado por uma cobertura vegetal apoiada em uma arquitrave. Na segunda fase construtiva se realizava a construção em Enxaimel, casa definitiva, com estrutura Fachwerk aparente, de parede de taipa, e depois, de pedra ou tijolo, telhado de madeira, telha ou zinco. Essa construção poderia ter telhado simétrico ou assimétrico (PEREIRA, 2019, p. 63)

Segundo Emilio Willems (1946, p.230-235) sociólogo e antropólogo alemão, que Pereira (2019) cita em sua tese, analisou as construções dos imigrantes na década de 1940, identificando três fases da construção: a primeira sendo o barracão, rancho ou cabana, construídos com materiais retirados da mata virgem, com semelhanças aos dos caboclos, isto é, de chão batido e paredes de madeira serrada ou rachada a machado, telhas em madeira, internamente com divisão de dois ou três cômodos. A segunda seria mais ampla, em madeira com tábuas serradas em serrarias, com implantação de pilares para apoio, telhado com declive na parte posterior para a cozinha. Nem sempre havia beiral<sup>55</sup> e varanda frontal. Com uma planta retangular, o piso em madeira, e o uso do sótão para celeiro ou dormitório, e térreo com sala de estar e um ou dois quartos. A terceira fase é a casa em enxaimel, frequentemente encontra nas colônias mais antigas.

As primeiras edificações construídas na área contemplada pelo estudo, englobam tanto casas, como igrejas, edificações comerciais e espaços para armazenagem de grãos e cobertura para animais, construídas em madeira, com sistema de mata junta<sup>56</sup>, método este, que Pereira, Valle & Costa (2017) denominam como arquitetura vernacular, por ser a representação de um

---

<sup>55</sup> Remate inferior do telhado para decoração, sendo de início destinada a afastar a queda de água do telhado das paredes (Engenhariacivil.com, 2020).

<sup>56</sup> Régua em madeira de aproximadamente 5cm para fechar as frestas entre as tábuas.

processo histórico de um determinado povo, que, adaptado, forma um novo ambiente em um novo espaço. Este sistema é visto como uma adaptação àquelas paragens desconhecidas e aos materiais disponíveis para a exploração, característico de edificações populares rurais, alemães e de outras etnias, como a italiana e a polonesa, como citam Pereira, Valle & Costa (2017). Neste modelo é perceptível a participação do grande número de artesãos pelo trabalho que é realizado no torneamento da madeira.

Muitos traços arquitetônicos foram trazidos com os migrantes, indicativos de suas referências culturais alemãs e também das antigas colônias, que foram o primeiro contato com o Brasil, resultando em uma nova forma de adaptação arquitetônica, distintos materiais e técnicas. Na antiga colônia alemã de São Leopoldo uma tipologia residencial que teve grande repercussão foi o frontão<sup>57</sup> recortado, ou casa de frontão, que era caracterizado pelo telhado de duas águas simétricas com cumeeira<sup>58</sup> implantada de forma perpendicular ao alinhamento, destacando-se o oitão com platibandas<sup>59</sup> e frontões, rapidamente difundidos na arquitetura vernacular, como a figura 16 da casa Richter (1904) na Rua General Osório em Novo Hamburgo (RS) ilustra (SILVEIRA, 2011). Esta característica arquitetônica o migrante trouxe para a região de estudo, como pode se verificar na imagem 17, da residência de Aloísio Blau em Linha Glória. A edificação do ano de 1935, aproximadamente, atualmente encontra-se em uso residencial.

---

<sup>57</sup> Peça que decora a parte superior das portas e janelas, ou que coroa a entrada principal de um edifício (Engenhariacivil.com, 2020).

<sup>58</sup> Representa a parte mais elevada de uma cobertura, linha de separação das águas de um telhado, telha que cobre a fileira (Engenhariacivil.com, 2020).

<sup>59</sup> Termo que define mureta de alvenaria que se encontra no prolongamento das paredes-mestras, acima dos beirados (Engenhariacivil.com, 2020).

Figura 16 - Imagem do frontão recortado.



Fonte: Silveira, 2011, p. 93

Figura 17 - Residência de Aloísio Blau, 1935, em Linha Glória



Fonte: Leonida Bratz, 2020

Aristóteles assinalava o fato de haver na natureza humana uma tendência a viver em sociedade e que ao realizar esta inclinação o homem realiza o seu próprio bem. A tendência do ser humano seria viver próximo um ao outro, gerando a criação de núcleos de povoamento, como foi o caso da distribuição dos (i)migrantes, Araújo coloca (2005) o conceito da formação das comunidades e cidades na origem da busca por amparo, por um círculo de afinidades e necessidades.

Neumann (2016) apresenta um comparativo entre a arquitetura das colônias alemãs e italianas, colocando que, visualmente a cultura italiana ia se perdendo de geração em geração, suas típicas casas de pedra em seu novo habitat foram se abrasileirando de forma acelerada, já em colônias alemãs o que se via eram casas de cinquenta anos, com um poteiro em frente que fazia a divisa com a estrada e, atrás, a lavoura que seguia até os limites do final da colônia ou

até onde a mata havia sido derrubada, seguindo as mesmas tipologias culturais dos seus ancestrais, com o uso de madeiras, cobertura de zinco ou tabuinhas<sup>60</sup>. Nas colocações de Jungblut (1994) os fenômenos étnicos persistem nas sociedades complexas apesar da homogeneização cultural (PETRY, 2018). Estas características podemos ver na figura 18, propriedade da família de Leonida Bratz em Coronel Gervásio, que foi propriedade e residência de seu pai e, após, sua. Hoje, a casa encontra-se sem moradores, porém em bom estado de conservação, a residência tem mais de 100 anos. A figura 19 mostra a casa por volta dos anos 1980.

Figura 18 - Propriedade da família de Leonida Bratz, formada aproximadamente em 1910



Fonte: Leonida Bratz, 2020

Figura 19 - Propriedade da família de Leonida Bratz



Fonte: Leonida Bratz, 2020

---

<sup>60</sup> As telhas eram de madeira lascada chamada de scandole.

A madeira foi a principal matéria-prima para a nomenclatura arquitetônica das construções dos imigrantes e migrantes de diversas origens. Encontrada de forma abundante, a *araucária angustifolia* foi uma das mais importantes fontes econômicas da época, o que perdurou até meados de 1930. “Os pioneiros imigrantes precisaram inicialmente desmatar para utilizar as terras para a agricultura e a pecuária, com o próprio suor e sacrifício. Por isso, o sentido de domínio da natureza (e da paisagem) para alcançar o desenvolvimento é bastante presente ainda hoje” (PEREIRA, VALLE, & SILVA, 2017). Como Pereira & Valle colocam, a arquitetura popular teve etapas e forte influência dos povos nativos da região:

[...] estima-se que os ranchos, com caráter provisório, e as primeiras construções de caráter permanente existiram no mesmo período, entre 1910 até início de 1920. No primeiro estágio, ao escolher o lote rural para implantar a colônia, geralmente havia a autoconstrução ou, às vezes, esta era erguida em regime de mutirão com vizinhos. (PEREIRA, 2019, p. 288)

Em uma segunda etapa se utilizava madeira serrada à mão, com telhado de duas águas com uma inclinação íngreme, com cobertura de tabuinhas de madeira (PEREIRA & DO VALLE, 2019).

Como Roche (1969 v2) explana, um dos primeiros trabalhos coletivos entre as comunidades foi a construção dos templos que iniciaram a partir de 1845, o que gerou alguns conflitos entre seus membros, como a decisão do lugar da sua instalação e da escolha do pastor ou pseudo-pastor. Nas palavras de Dreher (2014) a composição dos espaços sociais se dava por um conjunto entre capela, cemitério, escola, salão de festa, campo esportivo, casa canônica ou pastoral.

Em algumas comunidades estudadas é facilmente percebida essa composição dos espaços e ainda mais a ligação que os colonos faziam para o agrupamento étnico, na comunidade de Lagoa dos Três Cantos e Linha Coronel Gervásio a igreja evangélica e católica estão próximas e compartilham do mesmo cemitério e salão esportivo, com o campo de futebol aos fundos. No caso da comunidade de Linha Glória, a tipologia do zoneamento mostra a construção da igreja evangélica em um terreno mais elevado, fator este que faz com que a igreja católica se encontre mais afastada. Ao seu redor está o cemitério, que é compartilhado entre as duas religiões (porém a setorização é demarcada), o campo de futebol e, entre as duas igrejas, o pavilhão comunitário para festas, que desde 1965 é realizado em conjunto.

Já as comunidades abaixo citadas organizam-se pelo fator religião, citando a de Campo Comprido e Linha Kronenthal das quais fazem parte da composição a igreja evangélica, o pavilhão comunitário e o cemitério, na comunidade de Tapera o contexto do contorno se dá somente com o pavilhão comunitário e, ao seu lado, também está a casa do pastor. Na comunidade de São Rafael o entorno da igreja conta somente com o cemitério. Espumoso, por ser destinada somente a uma casa de orações e pelo período de sua implantação, não conta com uma imediação integrada.

Nas comunidades estudadas, os templos até os dias atuais são catalizadores da vida comunitária, sofrendo alterações conforme as ideologias das épocas vigentes, na busca pela representação do progresso e provação da consolidação religiosa.

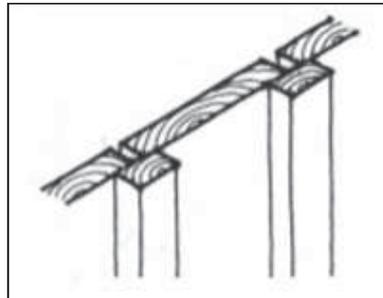
O processo de migração trouxe uma característica espacial perceptível pelo período tempo, que se compreende da chegada até a primeira construção do templo religioso, esse intervalo condiz com a organização territorial que o migrante sofre conferindo a suas condições tanto físicas de instalação e financeiras. De início os cultos foram realizados nas casas dos membros e, após a estruturação da comunidade, foi consolidada a construção dos primeiros templos religiosos pelo próprio grupo, que adaptou os sistemas construtivos peculiares de sua origem de descendência aos materiais disponíveis para a construção, que primeiramente veio a ser a madeira retirada da abertura das matas de araucária, para instalação da moradia, plantação de grãos e criação de animais, como coloca Pereira:

durante a primeira metade do século XX, a exploração econômica da madeira, realizada pelos colonos e por empresas colonizadoras, foi uma realidade no sul do Brasil. A madeira, que tanto abastecia o mercado interno quanto servia para exportação, provinha da devastação da floresta ombrófila mista (*Araucaria angustifolia*), a qual se estendia do Planalto gaúcho até o norte do Paraná. Como resultado, durante o período de exploração nessas regiões, foi produzida uma arquitetura em madeira, a qual remonta não somente a este ciclo econômico, mas também ao processo histórico da política de colonização (PEREIRA, 2019, p. 27).

De acordo com Zani (2013), o sistema era simples e seguia uma modulação constante, com a tábua na vertical e a mata-junta, de aproximadamente 27cm, tábua com 22cm e mata-junta com 5cm, tanto para a vedação interna como externa. Nas palavras de Pereira (2019) as tábuas eram um pouco maiores, com 30cm de largura. A figura 20 exemplifica como é o sistema de tábua e mata-junta. As cores da superfície se davam pela cor e textura natural da madeira ou pela pigmentação das cores utilizada nelas. Nas comunidades em análise pode-se afirmar que o

tipo de madeira mais utilizada era o pinheiro (araucária), que se encontrava em abundância na região.

Figura 20 - Sistema construtivo de tábua com mata-junta



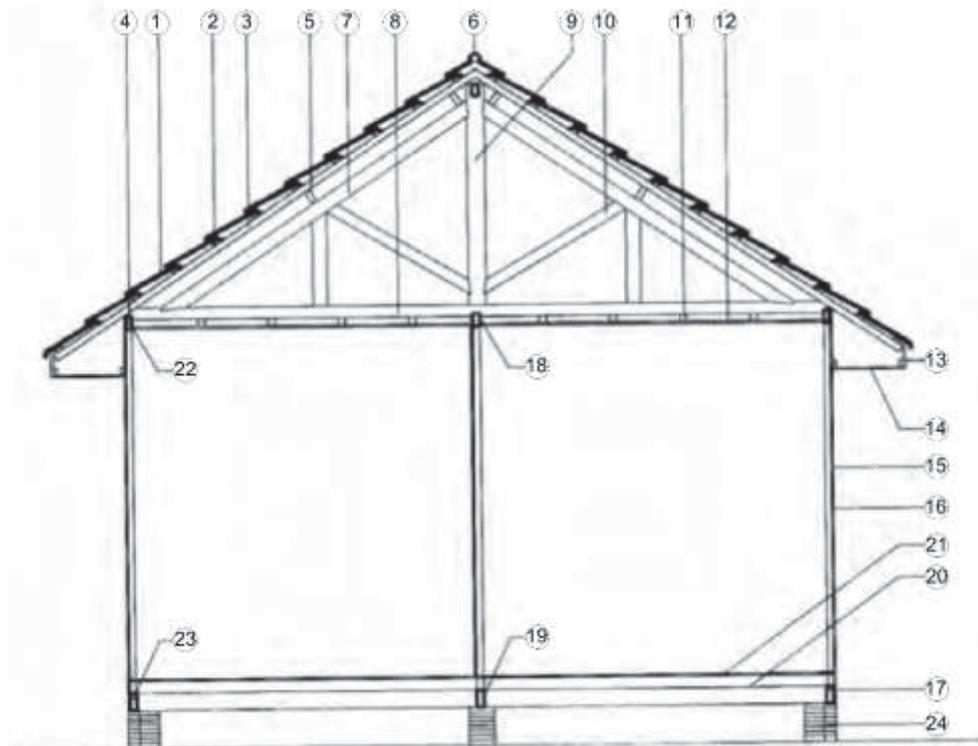
Fonte: Pereira, 2019

Estas construções possuem um número reduzido de componentes materiais, o que pode considerar-se um meio de otimizar trabalho, já que os migrantes possuíam poucos meios de locomoção. A madeira estava presente na estrutura (vigas, pilares), a fundação era com troncos que sustentava o arcabouço<sup>61</sup>, na vedação, piso, forro e aberturas, as telhas eram de madeira lascada chamada de scandole ou cerâmica do tipo francesa, as instalações elétricas e hidráulicas quando existiram ficavam aparentes.

---

<sup>61</sup> “Chamamos de arcabouço o conjunto estrutural formado pela parte portante e estrutura do telhado. A estrutura portante é formada pelos quadros horizontais inferiores e superiores interligados por esteios. A estrutura do telhado é formada por tesouras ou pórticos interligados por terças, caibros e ripas” (ZANI, 2013 p.71).

Figura 21 - Imagem esquemática dos componentes do sistema construtivo em madeira

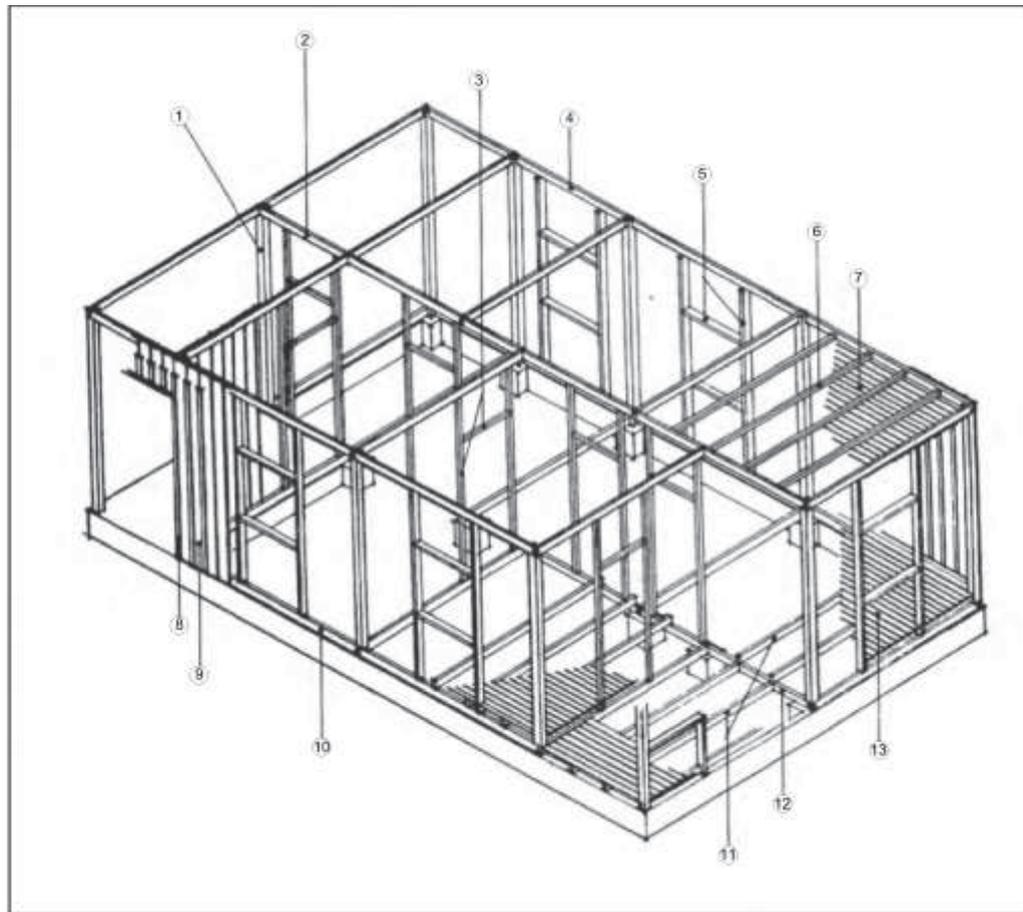


Fonte: Zani, 2013

Peças componentes do conjunto:

- |                                   |                                      |  |
|-----------------------------------|--------------------------------------|--|
| 1 – Telha cerâmica tipo francesa; | 11 – Tarugamento;                    | 19 - Viga mestre do quadro inferior;                 |
| 2 – Ripa;                         | 12 – Forro;                          | 20 – Barrote assoalho;                               |
| 3 – Caibro;                       | 13 – Testeira ½ Tábua;               | 21 – Assoalho;                                       |
| 4 – Frechal;                      | 14 – Forro Beiral;                   | 22 – Arremate do forro;                              |
| 5 – Terça;                        | 15 – Tábua e mata-junta;             | 23 – Arremate do assoalho;                           |
| 6 – Cumeeira;                     | 16 – Pé direito (esteio);            | 24 – Pilarete de tijolo maciço ou tronco de madeira. |
| 7 – Loró;                         | 17 – Linha do quadro inferior;       |  |
| 8 – Rochante;                     | 18 – Viga mestre do quadro superior; |  |
| 9 – Pendural;                     |                                      |  |
| 10 – Escora;                      |                                      |  |

Figura 22 - Sistema da parte portante – estrutura

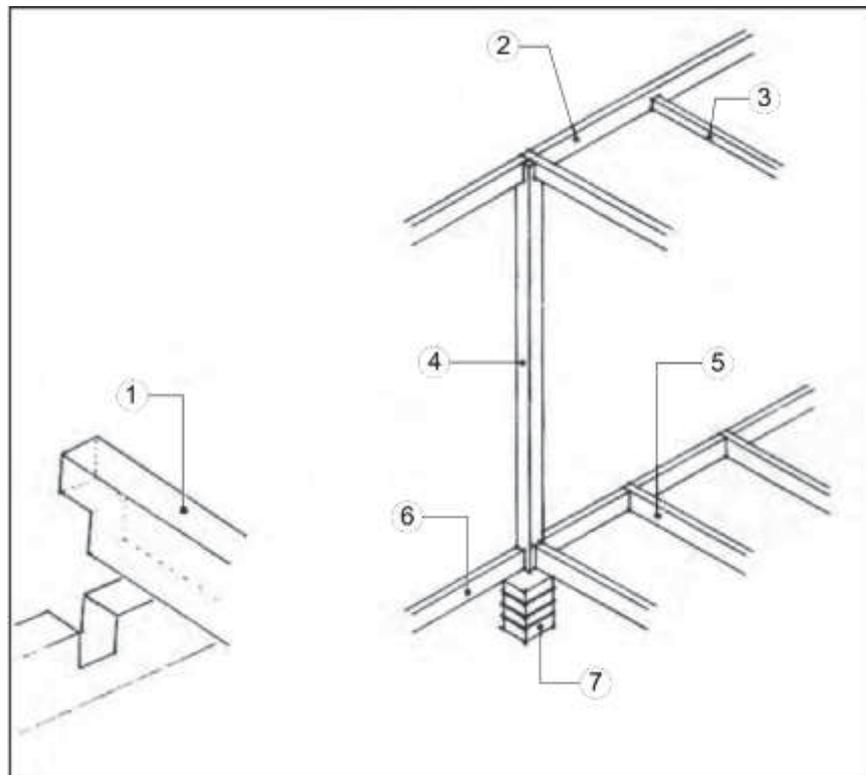


Fonte: Zani, 2013

Peças componentes do conjunto:

- |   |  |
|---|--|
| 1 – Esteio ou pé direito (10x10);               | 8 – Mata-junta (6x1,2);                          |
| 2 – Viga mestra do quadro superior (6x12);      | 9 – Tábua (22x2,2);                              |
| 3 – Quadro da porta (caibro 5x6);               | 10 – Frechal ou linha do quadro inferior (6x12); |
| 4 – Frechal ou linha do quadro superior (6x12); | 11 – Barrote para assoalho (6x12);               |
| 5 – Quadro da janela (caibro 5x6);              | 12 – Viga mestra do quadro inferior (6x12);      |
| 6 – Tarugamento forro (6x5);                    | 13 – Assoalho (10x2);                            |
| 7 – Forro (10x1,2);                             |  |

Figura 23 - Esteio<sup>62</sup>. Detalhe do barrote encaixado na linha do quadro.



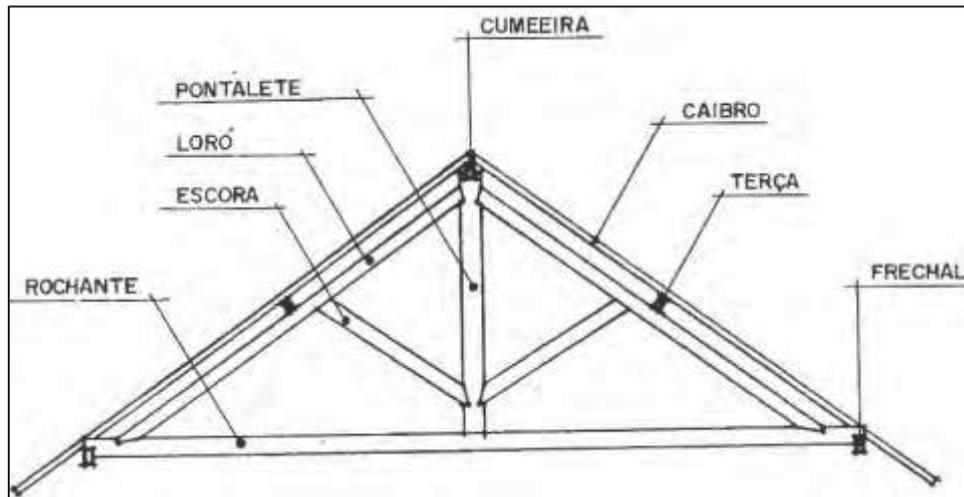
Fonte: Zani, 2013

Peças componentes do conjunto:

- |                               |                               |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 1 – Barrote;                  | 5 – Barrote;                  |
| 2 – Linha do quadro superior; | 6 – Linha do quadro inferior; |
| 3 – Encaibramento do forro;   | 7 – Pilarete;                 |
| 4 – Esteio;                   |                               |

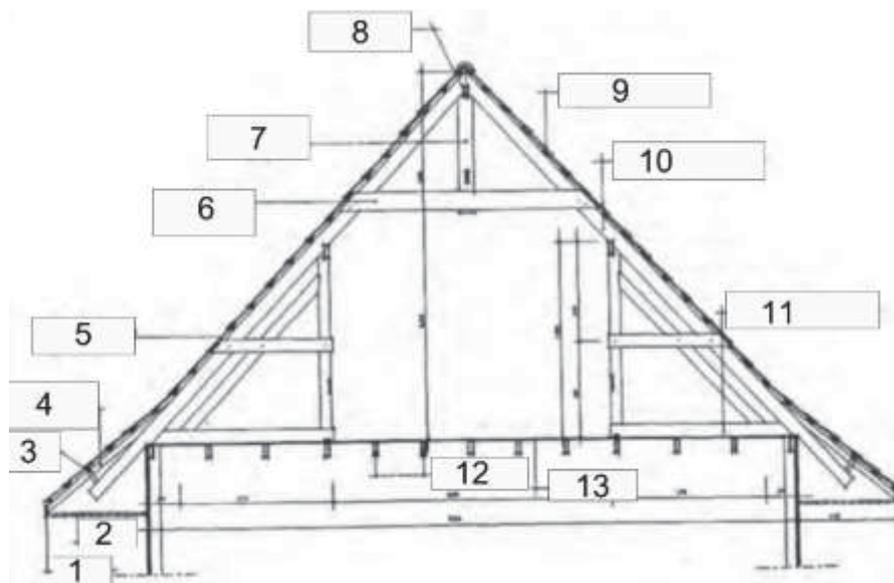
<sup>62</sup> “Os esteios, também chamados de carpinteiros de pé direito, são peças de secção quadrada ou retangular encaixados no quadro inferior e superior, e apoiados nos pilaretes de alvenaria da fundação” (ZANI, 2013). No caso das edificações do estudo esses pilaretes eram tronco de madeira.

Figura 24 - Tesoura romana ou portuguesa



Fonte: Zani, 2013

Figura 25 - Tesoura atirantada



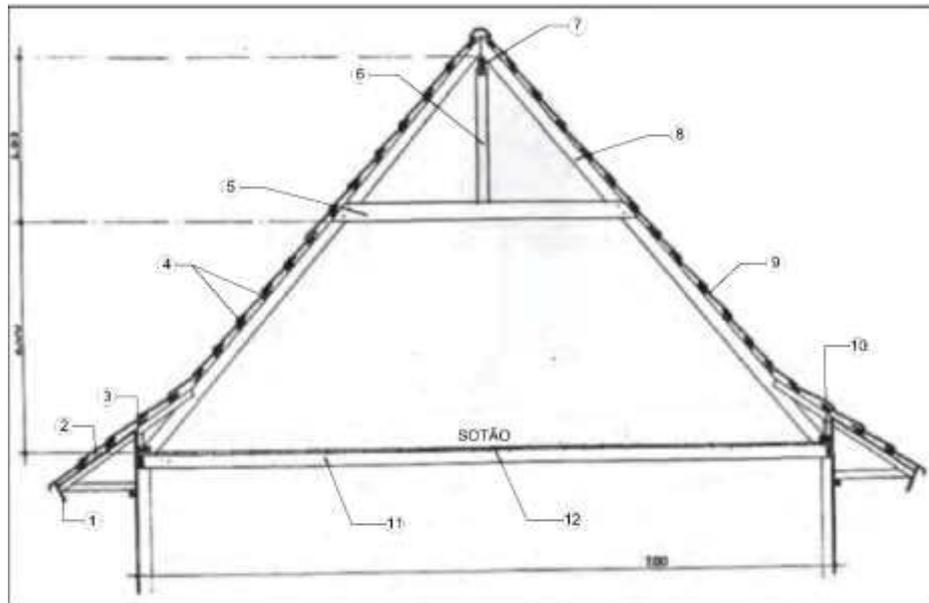
Fonte: Zani, 2013

Peças componentes do conjunto:

- 1 – Testeira (22x12);
- 2 – Forro;
- 3 – Escora;
- 4 – Caibro (6x6);
- 5 – Telha francesa (100%);
- 6 – Tirante (6x16);

- 7 – Pontalete (6x16);
- 8 – Cumeeira (6x12);
- 9 – Ripão (25x5);
- 10 – Banzo superior (6x12);
- 11 – Banzo inferior (6x12);

Figura 26 - Tesoura atirantada



Fonte: Zani, 2013

Peças componentes do conjunto:

1 – Testeira (2,5x15);  
 2 – Forro;  
 3 – Frechal (6x12);  
 4 – Sarrafos (2,5x5);  
 5 – Tirante (6x16);

6 – Pontaleta (6x12);  
 7 – Cumeeira (6x16);  
 8 – Perna (6x12);  
 9 – Telha francesa (100%);  
 10 – Contrafrechal (6x12);

Figura 27 - Imagem do sistema estrutural de uma edificação da região



Fonte: Elaine Bohn, 2019

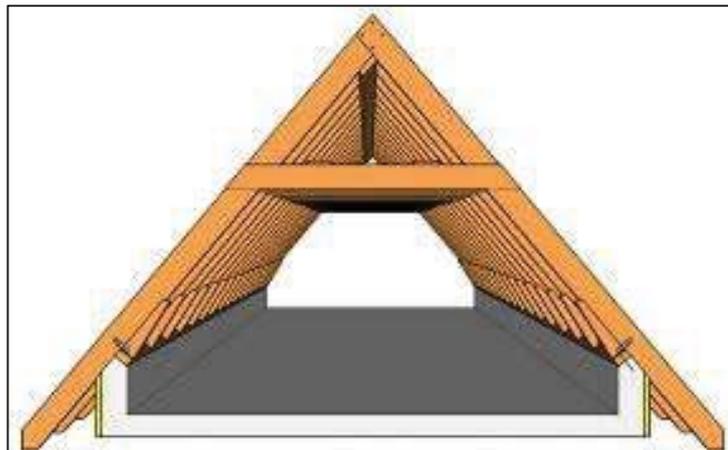
Esse sistema construtivo de tesoura assemelha-se às formas usadas na Alemanha, “Krüppelwamdach” como a figura 28 ilustra, e “Kehlbalkensparrendach” como a figura 29 ilustra, telhado atirantado, que proporciona ao espaço seu uso como sótão (ZANI, 2013).

Figura 28 - Imagem de tesoura krüppelwamdach



Fonte: Holzruser, 2019

Figura 29 - Imagem de tesoura Kehlbalkensparrendach



Fonte: Baubeaver<sup>63</sup>, 2019

#### 4.3. Como foram construídos

Os primeiros templos eram simples e singelos, com ornamentações características de uma construção realizada com a participação de artesãos, juntamente com os demais membros da comunidade, que em sua grande maioria eram agricultores. Pode se perceber pelas imagens

---

<sup>63</sup> Disponível em: < <https://baubeaver.de/kehlbalkendach/>. > Acesso em: fevereiro de 2020.

a evidência da madeira nas construções, o uso do sistema de tábuas verticais e mata-junta para fechamento, o piso e forro em madeira. Além da grande similaridade com edificações residenciais.

As aberturas eram pequenas retangulares, como nas figuras 31, 32, 36, 38 e 39, algumas com arco pleno, como nas figuras 34, 35 e 36, ou na forma de tímpano<sup>64</sup>, como na figura 33, com sistema de abertura em guilhotina como mostra a figura 32, 33 e 34, e outras com sistema de duas folhas de abrir em vidro, como ilustra a figura 35 e em madeira como nas figuras 38 e 39. As aberturas e os frontões eram desprovidos de adornos, exceto a igreja de Tapera que recebia um recorte angular nas madeiras do frontão, com pode-se ver nas imagens 30 e 31. O trabalho em arco como vemos nas imagens 35, 38 e 39 é algo que se perpetuou dentro na arquitetura dos migrantes, como exposto nos exemplos das análises comparativas. A porta principal era central, trabalhada com almofadas, recebendo ou não a proteção e demarcação do alpendre<sup>65</sup>.

Figura 30 - Igreja de Tapera, construída entre 1911 e 1913. As fotos foram tiradas em março de 1931 pelo pastor Atkinson que a encontrou abandonada.



Fonte: Antonio Carlos Teles da Silva, 2019

---

<sup>64</sup> Em arquitetura, tímpano é um espaço geralmente triangular ou em arco, liso ou ornado com esculturas, limitado pelos três lados do frontão, por um ou mais arcos ou por linhas retas que assenta sobre o portal de entrada de uma igreja, catedral ou templo (Wikipedia, 2019).

<sup>65</sup> Termo para definir telheiro (Engenhariacivil.com, 2020).

Figura 31 - Igreja de Tapera, construída entre 1911 e 1913.



Fonte: Antonio Carlos Teles da Silva, 2019

Figura 32 - Primeira igreja em Linha Coronel Gervásio – 1915.



Fonte: Resener, 1979

Figura 33 - Segunda igreja em Linha Coronel Gervásio, construído em 1933.



Fonte: Resener, 1979

Figura 34 - Primeira igreja em Linha São Rafael – 1936.



Fonte: Resener, 1979

Figura 35 - Segunda igreja em Linha São Rafael, com inauguração em 1948.



Fonte: Resener, 1979

Nos primeiros templos a construção do campanário não ocorreu ou demorou alguns anos para ser realizada, como podemos ver no exemplar da igreja de Lagoa dos Três Cantos, figuras 36 e 37, a única deste período que recebeu a torre em 1925, com a instalação dos sinos no dia 20 de dezembro de 1925, mesmo que anos depois da construção da igreja (1912).

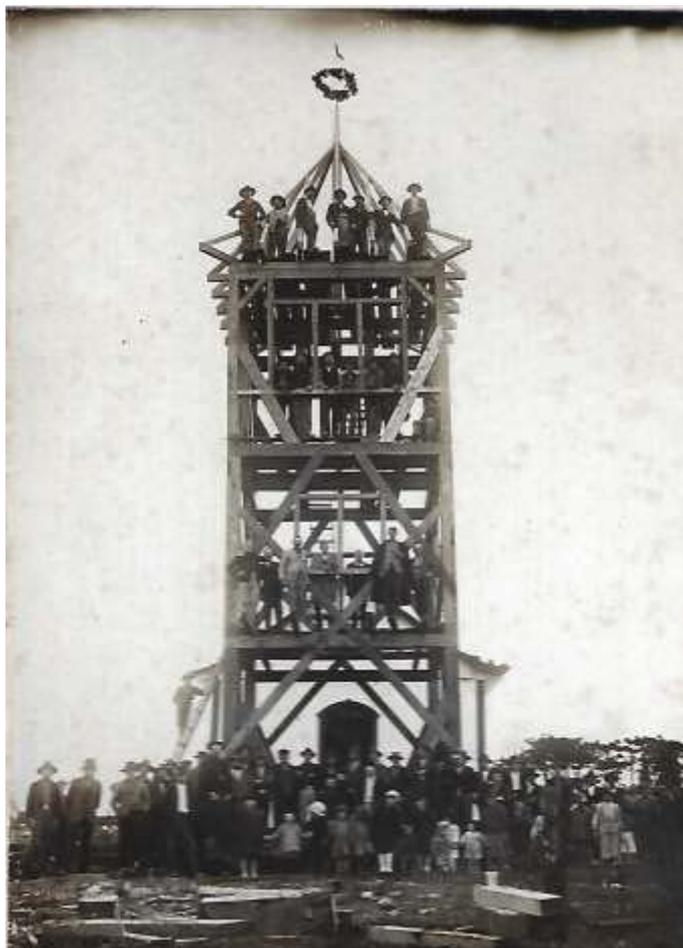
O uso da torre acabava ocorrendo em um momento de maior estruturação da comunidade, que se dá geralmente na segunda construção ou terceira em alguns casos, com a característica de ser construída em um segundo momento, primeiro com a finalização da obra da igreja e, então, com a arrecadação de novas verbas para a sua construção.

Figura 36 - Igreja de Lagoa dos Três Cantos.



Fonte: Resener, 1979

Figura 37 - Construção da torre da Igreja de Lagoa dos Três Cantos.



Fonte: Resener, 2020

A disposição da planta baixa era retangular, com uma nave única que também seguia essa geometria, em alguns exemplares abside<sup>66</sup> semicircular, que gerenciava o altar, como na igreja de Linha Glória, figuras 38 e 39, e a primeira igreja de São Rafael figura 34, o telhado em duas águas com o uso do sistema de tesouras romanas, as mais antigas revestidas com telha de madeira fendida (que com o tempo foi substituída por telha cerâmica romana ou zinco) e conforme a data construída já revestidas com cerâmica romana.

---

<sup>66</sup> Designação do fecho da abóbada (Engenhariacivil.com, 2020).

Figura 38 – Fachada frontal da igreja de Linha Glória - 1916.



Fonte: Patrícia Hoffmann, 2019

Figura 39- Igreja de Linha Glória - 1916.



Fonte: Patrícia Hoffmann, 2019

#### 4.4. Análises comparativas

Para as análises comparativas, foram selecionadas imagens de antigas edificações, como casas, templos e comércios que se encontram/encontravam na região de estudo abrangente, onde percebe-se a forte característica da implantação do sistema construtivo mais simples e prático, considerado vernacular, como Pereira (2019) a classifica. Nos exemplares apresentados podemos ver pela sua tipologia construtiva a que fase pertencem. A primeira fase se classificada com edificações provisórias, descritas como ranchos, entre os anos de 1910 e 1920, período em que se instalam nas novas regiões as massas migratórias; na segunda fase,

entre os anos de 1920 e 1940, no período do apogeu da madeira, as edificações são maiores e com sistema construtivo mais elaborado, geralmente com um porão e sótão, o telhado com duas ou quatro águas, com grande inclinação. Até aproximadamente o ano de 1920 eram cobertas por tabuinhas de madeira e, após, com telha cerâmica ou de zinco. A partir de 1940 mudanças começam a ocorrer nas construções, os telhados não ganham uma inclinação tão acentuada, possivelmente pelo uso da telha de zinco, que não necessita de uma inclinação alta, a mão de obra já é executada por carpinteiros ou firmas contratadas para a execução da obra.

Na imagem 40 e 41 pode-se ver a semelhança entre os templos em estudo com um templo da religião adventista do sétimo dia que também possui seus membros originários da migração alemã. Na imagem 40 observa-se a construção que data da mesma época dos templos em análise, com o sistema de fechamento com a mesma estruturação da madeira, as telhas de madeira fendida com o telhado em duas águas, a mesma composição formal, as janelas que (como em alguns exemplos dos templos em estudo) não possuem arco, e o frontão que recebe um detalhamento característico e que confirma a grande massa migratória de artesãos na leva dos imigrantes.

Na imagem 41, a construção que substitui o primeiro templo traz as mesmas linhas e composição formal, porém mais simples, já não se vê as marcas do artesão no trabalho da madeira, alguns materiais são substituídos, como a telha de madeira fendida pela cerâmica, a base estrutural é feita de concreto<sup>67</sup> para proteger da umidade, do contato direto com o solo e a acessibilidade é implantada, provavelmente uma adaptação ao uso no transcorrer dos anos. Esta imagem mostra um templo construído dentro do período moderno que segue a mesma composição formal, o mesmo sistema de fechamento utilizado nas primeiras construções das edificações, que perdura na construção civil, principalmente em regiões interioranas até meados do século 80, por se tratar de uma técnica construtiva barata.

---

<sup>67</sup> Estrutura de ferros e cimento, água e agregados.

Figura 40 - Imagem da primeira construção da igreja Adventista do Sétimo dia da comunidade de Boa Vista do Guilherme de Lagoa dos Três Cantos, do ano de 1900.



Fonte: Oldemar e Mariza Nowack, 2019

Figura 41 - Imagem da segunda construção da igreja Adventista do Sétimo dia da comunidade de Boa Vista do Guilherme de Lagoa dos Três Cantos, do final da década de 50.



Fonte: Biblioteca Municipal de Lagoa dos Três Cantos, 2019

A imagem 42 ilustra a residência do casal Oldemar e Mariza Nowack construída por volta do ano de 1935, e a imagem 43 de um dos galpões da propriedade construído por volta do ano de 1950, trazendo a contribuição para reforçar a teoria do uso do sistema construtivo da

mata-junta, já que são construções em uso ainda, e que trazem características peculiares dos migrantes.

Figura 42 - Imagem da residência do casal Nowack.



Fonte: Oldemar e Mariza Nowack, 2019

Figura 43 - Imagem do galpão da família Nowack.



Fonte: Oldemar e Mariza Nowack, 2019

As imagens seguintes 44, 45, 46, 47, 48, 52 e 53 são trazidas para analisar como eram semelhantes as edificações, tanto comerciais quanto residenciais, detalhes como arcos eram comuns nos frontões, como as imagens 46, 47, 49, 50, 51, 54 e 55. A imagem 46 é do Salão de festas Kirst onde realizavam-se bailes e festividades no primeiro andar. O sótão servia de pousada para viajantes. Traz características da bagagem cultural dos migrantes coma a tesoura Kehlbalkensparrendach que abriga o sótão. O uso do arco para a marcação do acesso e as janelas

que se assemelham as edificações residenciais, são pontos que trazem semelhança aos templos. A imagem 47 demonstra um conjunto de edificações que trazem o sistema da mata-junta com o uso de arcos em edificações comerciais. As imagens 50 e 51 trazem o uso da mata-junta em edificações de anos posteriores a vinda dos migrantes, seguindo os mesmos traços como o uso do arco, telhado e janelas nas construções.

Figura 44 – Técnica construtiva das casas dos migrantes.



Fonte: Biblioteca Municipal de Lagoa dos Três Cantos, 2019

Figura 45 - Galpão que fazia parte da serraria de Fernando Schüsller e Arthur Graeff em Linha Vitória - Lagoa dos Três Cantos na década de 30.



Fonte: Biblioteca Municipal de Lagoa dos Três Cantos, 2019

Figura 46 - Salão Kirts em Lagoa dos Três Cantos.



Fonte: Biblioteca Municipal de Lagoa dos Três Cantos, 2019

Figura 47 - Da esquerda para a direita as construções Primeira venda, casa comercial e ao lado o salão de baile, todos propriedade de Adolfo Kuhn, Linha Glória.



Fonte: Biblioteca Municipal de Lagoa dos Três Cantos, 2019

Figura 48 - Antigo pavilhão da comunidade Evangélica de Linha Kronenthal, construído aproximadamente em 1911.



Fonte: Biblioteca Municipal de Lagoa dos Três Cantos, 2019.

Figura 49 - Construção da capela de Linha Santana – Lagoa dos Três Cantos, construída por Lindolfo Walker e colaboradores.



Fonte: Biblioteca Municipal de Lagoa dos Três Cantos, 2019

Figura 50 - Casa do Pastor e Linha Glória, ano de 1947.



Fonte: Martha Tilke, 2019

Figura 51 - Residência possivelmente situada em Linha Glória da década de 30-40.



Fonte: Elaine Bohn, 2019

Figura 52 - Moinho Kolboring.



Fonte: Elaine Bohn, 2019

Figura 53 - Casamento Madalena Kuhn – Linha Glória.



Fonte: Elaine Bohn, 2019

A imagem 54 apresenta a mais antiga estação de trem do estado que se localiza em São Leopoldo, inaugurada sua seção até a cidade de Porto Alegre, em 1874. Construída por uma empresa inglesa que usa a mesma estética na construção da estação de Porto Alegre. A estrutura foi trazida da Inglaterra e a revestida com madeira, no ano de 2000 foi tombada e hoje abriga o Museu do Trem como mostra a figura 55 (IPHAE, 2020).

Figura 54- Antiga estação de Trem de São Leopoldo - 1874.



Fonte: Iphae, 2019

Figura 55 - Hoje bem tombado como Museu do Trem – São Leopoldo.



Fonte: Silveira, 2011, p. 89

A imagem 56 traz a edificação comercial de uma cidade distante das comunidades de estudo para ilustrar que essa técnica era utilizada em mais regiões do estado.

Para a compreensão deste sistema construtivo com a madeira - embora alguns historiadores evidenciem as construções no sistema enxaimel como precursoras das edificações alemãs oriundas da (i)migração. Também é fundamental trazer exemplos da imigração italiana<sup>68</sup>, que mostram a similaridade entre características construtivas alemãs e italianas, evidenciando um sistema construtivo pouco abordado, mas muito comum na região do estudo, que pode vir a ser

---

<sup>68</sup> Para maior conhecimento sobre o tema consultar Weimer, 2012 e Posenato, 1983.

um “sistema construtivo do migrante”, com adaptações ao novo espaço com materiais disponíveis da própria região.

Figura 56 - Edificação Comercial em Sede Aurora-Cruz Alta, década de 30/40.



Fonte: Elaine Bohn, 2019

Na narrativa de Weimer (2012) os imigrantes italianos adotaram os métodos arquitetônicos<sup>69</sup> dos alemães que foram seus predecessores na vinda ao Brasil, essas semelhanças são reflexos dos mesmos mecanismos administrativos usados pelos dois países, influências germânicas no norte da Itália são muito presentes até os dias atuais. “Nos Alpes italianos existe um forte contingente de tirolezes que ainda hoje falam dialetos alemães, e muitos descendentes de diversos grupos germânicos que ali se dissolveram, como os ostrogodos e os cimbrós” (WEIMER p.171-172, 2012). Nas partes baixas, Roma teve maior atuação, contudo por ser uma área de fronteira muitos modos germânicos foram incorporados, da mesma forma que muitos imigrantes emanaram de regiões vinícolas, os italianos também eram vinicultores.

Na região da Itália de onde provieram os imigrantes, a construção das casas e edificações era com pedras retiradas da terra, a madeira era muito rara, sendo utilizada somente no telhado e entrepisos. Como menciona Posenato (1983), emigrados de áreas menos propícias para a agricultura, como os alemães, chegam na região sul a partir do ano de 1875, em Fundos de Nova Palmira (hoje Caxias do Sul) e Silveira Martins (1877), áreas mais distantes da ocupação alemã já instalada, mas com terras férteis e topografia significativamente acidentada, encontrando nela a pedra basalto para seguir com sua técnica construtiva. Contudo, com a

<sup>69</sup> A cozinha separada da casa, a construção de vários blocos com diferentes funções dentro de uma propriedade familiar e o uso do sótão para armazenagem de cereais, esse sistema organizacional era diferente do que lhes era familiar na Itália (WEIMER, Arquitetura popular brasileira, 2012).

existência farta de madeira a ser explorada, as pedras foram sendo usadas para as fundações e o levantamento das paredes com madeira, no sistema blocause, que possuíam conhecimento, no transcorrer dos anos o sistema construtivo foi se transformando e a madeira sendo colocada de outra forma na construção.

Como pode-se examinar na figura 49, que é uma capela católica em uma localidade de migração alemã, edificação de outra religião que usa o mesmo sistema construtivo de mata-junta com características da colaboração de artesãos na obra. As figuras 57, 58, 59 e 60, retratam a semelhança construtiva entre etnias (alemã e italiana), trazendo também a diferença entre as épocas das construções. Onde a volumetria da edificação, a inclinação e forma do telhado, proporções das janelas, suas medidas e arcos são equivalentes, além da forma em que a madeira é disposta, com a dimensão maior na forma vertical, trazendo a mata-junta para fazer a união das tábuas.

Figura 57 - Capela construída por volta de 1960.



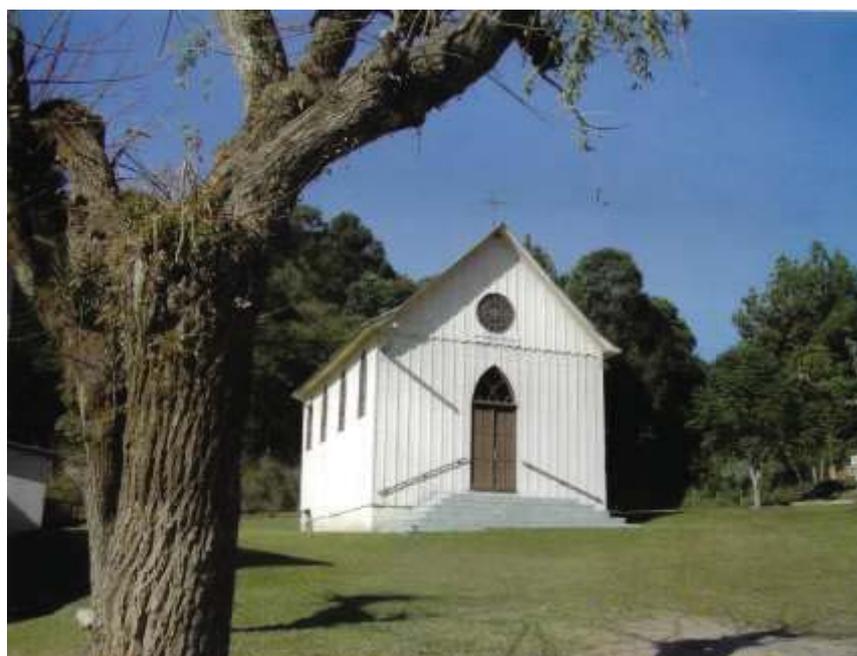
Fonte: Battistel, 2013

Figura 58 - Capela construída aproximadamente em 1960, Ibiraiaras/RS.



Fonte: Fonte: Battistel, 2013

Figura 59 - Capela São Francisco construída em 1945. Linha Marquês do Herval Veranópolis.



Fonte: Battistel, 2013

A diferença entre as etnias é observada nas imagens pelo uso da rosácea<sup>70</sup> e escada. A elevação da edificação para o uso da escada, simbolicamente, se dá para a transição do espaço profano para o espaço sagrada. “Subir para o céu” é conceitos muito utilizados pela religião

---

<sup>70</sup> A rosácea é um ornamental usado no seu auge em catedrais durante o período gótico. Dentro do eixo condutor deste período artístico, a rosácea transmite, através da luz e da cor, o contato com a espiritualidade e a ascensão ao sagrado (Wikipedia, 2020).

católica. Na figura 60, ainda podemos evidenciar o campanário<sup>71</sup> separado da igreja. Segundo colocações de Cremonese e Lima (2016) a madeira foi utilizada pela precariedade da época, mais tarde com a aquisição de mais recursos era construída a igreja em alvenaria, posteriormente, também o campanário. Em comunidades nas quais houve a estagnação dos recursos financeiros é comum observar que o campanário não acompanhou as novas construções, permanecendo em madeira ou pedra.

Figura 60 - Capela São Pietro, construída em 1936, Montauri/RS.



Fonte: Battistel, 2013

Ao findar o capítulo, compreende-se que o sistema de mata-junta foi precursor nas edificações da região além das comunidades de estudo. Considerada como construção provisória pela sua simplicidade, contudo pela identidade regional trazida nas imagens analisadas esta versão ganha outro destaque, a de uma arquitetura popular e peculiar dos (i)migrantes, mostrando um perfil diferenciado entre os deslocados para os campos e os que se instalaram em áreas urbanas, ressaltado pela diferença social/financeira.

Muito mais que as construções em enxaimel trazidas na bagagem cultural dos (i)migrantes, vista a base referencial da arquitetura alemã, esse sistema construtivo na madeira serrada com a mata-junta no recorte espacial estudado é característico dos (i)migrantes da etnia alemã, e sob merecimento deve ser elucidado como patrimônio cultural étnico.

---

<sup>71</sup> Torre onde estão colocados os sinos (Engenhariacivil.com, 2020).

## 5. TEMPLOS MODERNOS

A substituição dos templos se dá em um período de grandes transformações sociais, o desenvolvimento de um nacionalismo e modernidade que adentra o século XX se desenvolve rapidamente e traz efeitos em todos os setores. Respingos desse processo chega à região de pesquisa que influencia as comunidades a enaltecer o progresso em edificações que buscam a simbologia da estrutura social da comunidade – os templos religiosos.

### 5.1 Porque a substituição

A marca étnica e cultural que caracterizava o imigrante alemão e a formação identitária do espaço luterano em seu novo habitat era algo muito peculiar, que se destacava dentro do contexto das sociedades plurais<sup>72</sup>, que conviviam/convivem constantemente com forças contrárias, tanto para manter as particularidades de certo grupo social, trazendo a distinção dos demais, como para buscar afinidades entre os diferentes grupos, unificando e criando uma descaracterização das culturais primárias (FROEMMING, 2009).

Durante o mandato do presidente Getúlio Vargas (1930-1945) o Brasil implantou o processo de “identidade nacional” que foi sendo elaborado com vistas a minimizar a pluralidade étnica até então encontrada no país que se intensificou com a vinda dos imigrantes, principalmente os europeus. A nacionalização impôs o uso obrigatório da língua oficial da nação - a língua portuguesa. No caso dos alemães, proibiu práticas culturais, sobretudo durante a vigência do conflito mundial. Na arquitetura isso se refletiu em novas formas, modernas e livres de significâncias históricas, transmitindo para as obras expressões formais nunca vistas antes, a mensagem subliminar do empoderamento do novo período social e político. A diversidade de estilos arquitetônicos que durante muito tempo não foi motivo de preocupações para nação se tornou incompatível, feio e sinônimo de atraso para novo contexto de unificação nacional (GRIENEISEN, 2013).

Dentro destas transformações, a modernidade implantou um novo pensamento social, na maior parte das em regiões interioranas, entretanto, o novo estilo arquitetônico não chegou (um dos fatores mais relevantes para isso foi a inexistência de um responsável técnico na execução dos projetos). Mas o pensamento de modernização chegou refletindo na busca

---

<sup>72</sup> [...] “grande variedade de etnias que convivem num mesmo espaço social e interagem umas com as outras de diferentes modos” (FROEMMING, 2009, p. 15).

incessante pelo uso dos novos materiais e o novo método construtivo para a substituição dos primeiros templos que rememoravam o passado, a fase de limitações e privações e o isolamento. A nova construção deveria transmitir pela sua estética a inserção do grupo e a sensação de pertencimento à nação brasileira. Como Froemming (2019) cita, as nações e grupos necessitam de um processo de inclusão e exclusão, o “esquecimento”, o apagamento, de culturas peculiares são os principais fatores que moldam a identidade nacional.

## 5.2 Quando se deu

A substituição dos templos e a construção das primeiras edificações de Espumoso e Jacuizinho (comunidades com instalações tardias) estão em uma linha cronológica entre o período de 1936 a 1990, estipulando-as como construções definitivas, já que as anteriores foram substituídas, iniciando-se no período moderno e adentrando no pós-moderno. Na tabela abaixo encontram-se as comunidades com as respectivas datas das construções e substituições das edificações, com a classificação do período arquitetônico.

Figura 61 - Tabela com identificação da construção das igrejas e suas substituições dentro dos estilos arquitetônicos.

	1	2	3	4	5	6	7	8
COMUNIDADE	TAPERA	CORONEL GERVÁSIO	SÃO RAFAEL	LAGOA DOS TRÊS CANTOS	LINHA GLÓRIA	LINHA KRONENTHAL	ESPUMOSO	JACUIZINHO
PERÍODO DE CONSTRUÇÃO DA 1ª IGREJA	1911/1918	1915	1936	1912	1916	1909	1990	1959
PERÍODO DE CONSTRUÇÃO DAS IGREJAS DENTRO DE UM ESTILO DOMINANTE	2ª IGREJA: 1965	2ª IGREJA: 1932	2ª IGREJA: 1948	2ª IGREJA: 1952	2ª IGREJA: 1936	2ª IGREJA: 1925		
		3ª IGREJA: 1982	3ª IGREJA: 1981			3ª IGREJA: 1988		
DENOMINAÇÃO DO ESTILO	PERÍODO PÓS-MODERNO	PERÍODO PÓS-MODERNO	PERÍODO PÓS-MODERNO	PERÍODO MODERNO	PERÍODO MODERNO	PERÍODO MODERNO	PERÍODO PÓS-MODERNO	PERÍODO MODERNO

Fonte: a autora, 2019

A igreja de Linha Kronenthal (1925), figuras 62, 63 e 64 e a de Linha Glória (1936), figuras 65, 66 e 67, são as edificações que mais mantém traços da imigração, possivelmente pela sua data de substituição, anterior ao período moderno. Podemos comparar tais semelhanças com algumas imagens anteriores das edificações, tanto as em tijolo como em madeira. Citando a similaridade entre a maior inclinação do telhado de duas águas, as aberturas pequenas com

bandeiras, com caixilharia envidraçada e arco ogival. O frontão trabalhado de forma tímida, com adornos.

Figura 62 - Imagem igreja de Linha Kronenthal. Construção em enxaimel.



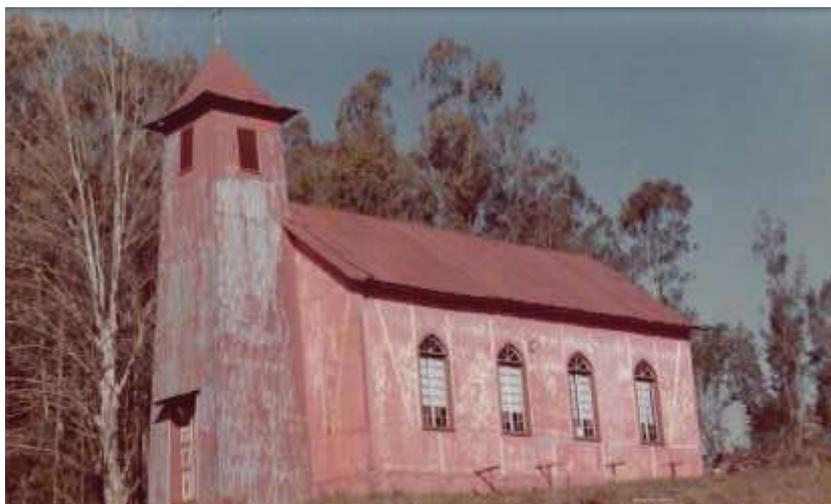
Fonte: Noeli Kempf, 2019

Figura 63 - Imagem igreja de Linha Kronenthal.



Fonte: Igreja de Linha Kronenthal, 2019

Figura 64 - Imagem igreja de Linha Kronenthal.



Fonte: Igreja de Linha Kronenthal, 2019

Figura 65 - Imagem da inauguração da igreja de Linha Glória no dia 13/02/1938.



Fonte: Elaine Bohn, 2019

Figura 66 - Imagem da fachada atual da igreja de Linha Glória.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 27/07/2019.

Figura 67 - Imagem da fachada lateral da igreja de Linha Glória.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 27/07/2019.

Nesta época a rosácea aparece na edificação de Linha Glória, juntamente com traços do neogótico, possivelmente características arquitetônicas trazidas na bagagem cultural que em anos anteriores, pela falta de condições construtivas, não pôde ser colocada em prática. A porta principal central é trabalhada com almofadas, sem a proteção e demarcação com uma cobertura. O campanário em anexo ao alpendre é uma característica das igrejas evangélicas, nestes exemplares, coligada ao acesso, continua a ser de madeira compondo a cobertura da igreja e

possui acesso pela parte interna da edificação. Pelas figuras 62, 65, 66 e 67 percebe-se o campanário em madeira, o motivo apresentado em entrevista com Hoffmann (2019) era o desconhecimento estrutural do novo material de fechamento e sustentação do sino.

Na segunda construção da Linha Kronenthal, figura 62, 63 e 64, foi utilizado o sistema construtivo enxaimel com fechamento em tijolo cerâmico, único sistema estrutural que os migrantes conheciam para conseguir trabalhar com um material mais denso e pesado como o tijolo. Contudo, perante mobilizações de membros da comunidade, a construção não resistiu ao ímpeto de modernização que se alavancou a partir da década de 1940, sendo demolida para a inserção de uma edificação que contextualizasse com a ideologia da época.

O que ocorreu no exemplar de Linha Glória foi a atualização de materiais, a substituição da madeira pela alvenaria (tijolo com paredes rebocadas), o que na época se evidenciava muito, buscando a modernização, no âmbito de acompanhar o processo influenciador da época, tanto que alguns membros falam com orgulho e certa emoção que é a primeira<sup>73</sup> igreja em alvenaria da região. Pela entrevista realizada com o casal Elenio e Noeli Hoffmann, sabe-se da participação efetiva da comunidade em sua construção apesar da mão de obra contratada e da correlação com a data de sua inauguração. O modelo ainda provinha de uma base reverenciadora da bagagem cultura migratória como as figuras 65, 66 e 67 demonstram.

O sistema de abertura na igreja de Kronenthal era em duas folhas e em Linha Glória tipo guilhotina, as duas possuem o tímpano em arco. O uso de vitrais se dá de forma simplória, sem desenhos e ornamentos, somente com o efeito de cores na igreja de Kronenthal, já em Linha Glória além das cores há um trabalhado no recorte dos vidros do tímpano que dá uma formatação diferenciada, com maior detalhe.

### **5.3 Análises comparativas**

Para as análises comparativas, foram selecionadas imagens de antigas edificações com as características referente às construções, como o uso do sistema construtivo enxaimel e o levantamento com tijolo. A imagem 68 é uma edificação comercial de dois pavimentos (o que para a época/região não era usual), construída no sistema enxaimel com fechamento em tijolo aparente. Pela imagem, o segundo pavimento não recebe o apoio estrutural, só o fechamento com os tijolos, o que retrata o conhecimento dos membros que participaram da execução da

---

<sup>73</sup> Pelas datas constatou-se que a primeira igreja em alvenaria foi a da comunidade de Linha Kronenthal.

obra sobre estruturação. Nas suas laterais observa-se edificações em madeira, e o uso do frontão em arco, traços que se repetem no transcorrer dos exemplos, indiferente do seu uso.

Figura 68 - Estabelecimento comercial de propriedade de Adolfo Kuhn, década de 30 aproximadamente.



Fonte: Elaine Bohn, 2019

A imagem 69 também é uma residência em enxaimel. Ainda que pela distância que pela fotografia foi batida fique difícil a sua visualização, na narrativa de Meismer (2019) ele reconhece o lugar e as famílias que viviam nas duas moradias que se vêem, relatando que a casa era construída do mesmo sistema que a segunda igreja de Kronenthal, apontando a cozinha separada, no volume atrás da casa e os outros volumes como sendo para armazenagem de grãos e abrigo para os animais, composição espacial e formal que Weimer (1983) apresenta em suas explanações.

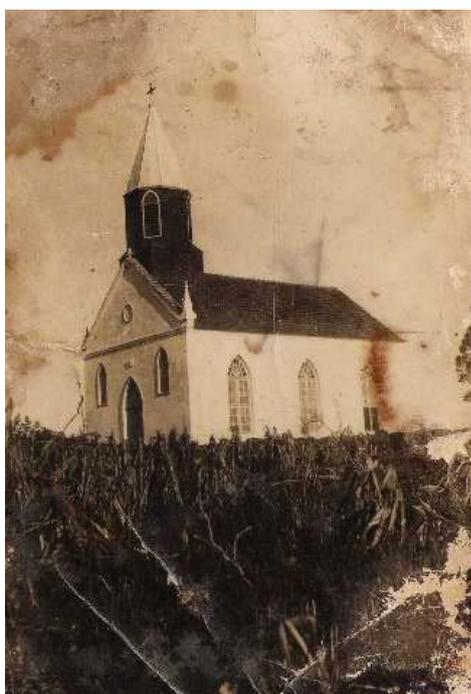
Figura 69 - Casa de Henrique Krösin em Linha Kronenthal, a casa ao fundo é de Fernando Gerke, década de 30 aproximadamente.



Fonte: Martha Tilke, 2019

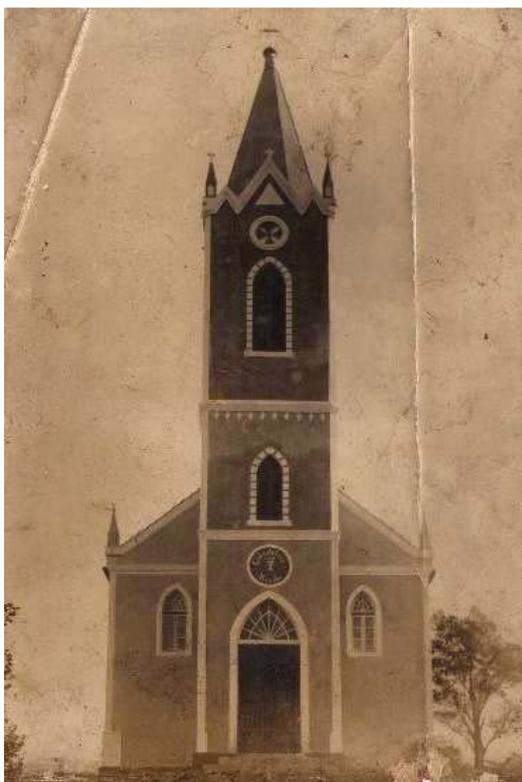
As imagens 70 e 71 são de uma igreja da comunidade evangélica de Boa Vista do Herval, do ano de 1924 (figura 70), batizada como *gedachtniskirche*, (igreja memorial), construída para o centenário da imigração alemã, ela foi finalizada 10 anos após com a construção da torre, como a figura 71 ilustra. Sua semelhança arquitetônica é muito grande com a edificação da comunidade de Linha Glória.

Figura 70 – Fachada lateral de Gedachtniskirche de Boa Vista do Herval, em Santa Maria do Herval (1924).



Fonte: Silveira, 2011, p.114

Figura 71 – Fachada frontal de Gedachtniskirche de Boa Vista do Herval, em Santa Maria do Herval (1934).



Fonte: Silveira, 2011.

A figura 72 ilustra a casa mais antiga da colônia de São Leopoldo no sistema construtivo enxaimel. Nas imagens 73 e 74 que são capelas de comunidades de origem italiana, percebe-se grande semelhança com a igreja de Linha Glória. Um fator predominante é a influência do neogótico nas construções, porém, a composição formal e volumétrica simples e abstrata que ambas trazem é um conceito a ser constatado, a disposição e proporção das janelas na fachada principal em relação às demais, os traços minimalistas, e as referências aos volumes nas duas extremidades da fachada que apesar de estarem em uma proporção menor na igreja de Linha Glória, estão presentes.

Figura 72 - Reportagem do Jornal O Fato de Campo Bom em 1976.



Fonte: Silveira, 2011

Figura 73 - Capela Nossa Senhora de Lurdes, construída em 1940, Linha Guabiroba Alta.



Fonte: Battistel, 2013

Figura 74 - Capela de São Antônio, iniciada em 1947 e concluída em 1941, Linha Tigre, Sananduva/RS.



Fonte: Battistel, 2013

#### 5.4 Período Moderno e Pós-Moderno;

O período moderno, que se desenvolveu no final do século XIX e início do século XX, trouxe grande rupturas com a arquitetura até então desenvolvida, pressupondo-se que o corte de laços com o passado já veio a partir do século XVIII, quando a tradição renascentista cessou, convergindo muitas adaptações não autênticas e recombinações de formas passadas. Um novo estilo de arquitetura era necessário para se adequar às necessidades e aspirações do novo perfil de sociedade industrial moderna, criando formas que transmitissem os seus ideias. Como Curtis, coloca:

[...] A “arquitetura moderna”, se dizia, deveria ser baseada diretamente em novos meios de construção e ser disciplinada pelas exigências da função; suas formas deveriam ser expurgadas da parafernália de reminiscências históricas, seus significados sintonizados com mitos e experiências especificamente modernos; suas questões morais deveriam sugerir uma visão do aperfeiçoamento humano, e seus elementos deveriam ser capazes de aplicações gerais a situações sem precedentes, que surgiam do impacto da máquina sobre a vida e a cultura humana. A arquitetura moderna, em outras palavras, deveria proferir um novo conjunto de formas simbólicas, que refletisse mais diretamente a realidade contemporânea do que a “colcha de retalhos de estilos históricos” havia feito (CURTIS, 2008, p.11-12)

Esse novo estilo simples e enigmático estava propondo se adaptar às necessidades da atual sociedade e economia que sofriam com transformações sociais, buscando levar moradia para todos. Aos olhos do arquiteto Le Corbusier a casa moderna era desprovida de luxos, com o conceito da casa-instrumento ou máquina de morar, afastando-se de qualquer sentimentalismo, com a intenção de trabalhar as emoções perante suas linhas, formas, cores, luzes e materiais, na composição do espaço proposto. Trazendo um espaço necessário para o usuário, puro e limpo, sem a concepção de ornamentos e figurações. O que traria uma grande redução nos custos destas edificações as tornando financeiramente viáveis para todas as classes sociais. Esta seria a concepção do homem/espaço moderno, um indivíduo que se adapte e escolha viver em um ambiente funcional desprovido de “objetos inúteis” (PETRY, 2018).

A subtração de formas, composições históricas e ornamentais, geraram reações novas perante o *lugar*. Apto a adaptar-se às concomitâncias na atual sociedade e economia, que sofriam com guerras e transformações econômicas. O conceito do modernismo era projetar edificações com poder de expressar-se por si mesmas, dirigindo o olhar e as emoções perante suas linhas, formas, cores, luzes e materiais, na composição do espaço proposto. Uma obra pura e limpa, com a proposta de dar somente o necessário a seu usuário, sem a concepção de adornos e figurações.

Essa nova forma de pensar e construir os espaços se propagou também na arquitetura sacra. A arquitetura durante essa época procurou se desprender de todos os estilos do passado, buscando novos métodos de expressar o sagrado, usando como base a funcionalidade, a plasticidade e o místico. De acordo com Lima,

a arquitetura religiosa moderna como meio privilegiado de manifestação de realidade humana, busca entender o homem moderno em suas novas percepções e maneiras de se relacionar com a realidade circundante, e investiga novas formas para esse homem poder encontrar-se consigo mesmo e com a realidade transcendente. Essa busca apresenta-se na diversidade de propostas para a construção de um novo imaginário para a fé, concretizado na expressão material viabilizada pela liberdade que a linguagem moderna concede a Arte e a Arquitetura. [...] Ao se tratar de arquitetura religiosa é necessário trazer um novo olhar sobre a matéria e a forma, incluindo uma apreciação crítica para com os aspectos de significados metafóricos, teológicos, litúrgicos e filosóficos (LIMA, 2016, p. 19).

Intencionalmente o estilo moderno idealizava trazer para os templos religiosos uma arquitetura que transparecia a fé, o místico, o sagrado. A síntese de projeto preza pelo uso de

formas geométricas, abstrações, linhas puras, novas tecnologias, cores, materiais e luz natural que em um conjunto ou individualmente produzissem efeitos psíquicos. Rico em conceitos, criando representação de ambientações, cenas, tornando a obra arquitetônica a própria devoção e simbologia da crença. Abolindo qualquer uso de ornamentação e elementos decorativos, como imagens de santos e referências materiais e concretas para fazer tangível a função do espaço. Todos os méritos seriam dados para a forma e a linguagem arquitetônica, nada mais era necessário para o diálogo com o sagrado. Suscitando o empoderamento à edificação.

Partindo da informação que estas comunidades são pertencentes a regiões interioranas, compreende-se que as informações adquiridas sobre a ideologia do período moderno possam ter sido absorvidas de forma superficial, ou nem ter chegado às localidades. A referência que esses membros provavelmente apanharam foi de alguns princípios associados à modernização como forma de acompanhar o desenvolvimento que se fazia tão presente na época. Isso pode-se constatar nas igrejas do período, como de Coronel Gervásio (1932) e Jacuizinho (1959), que possuem um trabalho na fachada com linhas retas e diminuição nos adornos, e de Lagoa dos Três Cantos (1952) que, apesar de estar dentro do período modernista, possui fortes traços e características do período pós-moderno.

Porém a essência deste conceito não sobreviveu a seu cotidiano, a cultura ainda se encontra enraizada na matéria, existente na grande necessidade de sentir sob o efeito de visões concretas, a figuração é imprescindível para a maioria de seus usuários. A busca por uma expressão mais humanizada dentro da arquitetura eclode na despreocupação com o belo, referenciando a cultura e a história que a rodeia, uma fala popular que, dentro de seus critérios, reage contra as normas rígidas do funcionalismo.

Já o Pós-Moderno vem para trazer críticas ao período anterior, busca pelo aperfeiçoamento da arquitetura, parte das características como complexidade/contradição, ambiguidade/tensão, inclusividade e hibridismo. Busca também por referências na tradição e cultura do local, adaptando-se formalmente ao espaço onde a obra é inserida e a questões sócio econômicas. O pós-moderno mescla diferentes estilos e composições, introduz elementos diferentes em suas obras, “tanto é que aparecem obras com colunas clássicas, formas geométricas e até mesmo características bem peculiares do modernismo. Isso fornece às obras essa tal vitalidade emaranhada” (DEBARBA et. al. 2019).

Como menciona Portoghesi, o estilo moderno traz demarcações solucionais falhas, que, juntamente, a outros fatores ocasionaram a transição para um novo estilo:

[...] alguns fatores foram marcantes para o fim da arquitetura moderna, como a participação de Philip Johnson, considerado hoje o patriarca do pós-modernismo, que em 1932, com a colaboração de Russell Hitchcock criou a fórmula do International Style, com a filosofia de uma natureza estilística, relativa e transitória. Outro elemento imprescindível para o marco transitório, é a afirmação que o estilo teve até data de morte, – às 15h32 do dia 15 de julho de 1972, com a implosão do conjunto habitacional Pruitt-Igoe, construído em 1951. A obra priorizava a moradia para pessoas de baixa renda, setorizando o espaço urbano, trazendo áreas de integração, com caminhos, estares e áreas verdes, porém os espaços individuais eram repetitivos e remetiam a seus usuários a sensação de estarem em uma prisão. Desconsiderado pelos psicólogos e sociólogos qualquer forma de adaptação ou restauração pela conclusão de atribuírem a escolhas arquitetônicas grande parte da responsabilidade pelos atos de violência e vandalismo gerados por seus habitantes – na maioria negros - e indivíduos que viam na local potencialidade para marginalidade. A solução mais coerente foi a demolição, trazendo consigo grande carga negativa para um estilo correlato a grandes críticas populares (Portoghesi, 2002, p.59)

Como Portoghesi relata (2002), a nova visão de urbanismo do século XX, que o período moderno implantou, trouxe alterações bruscas no conceito espacial e acepção de lugar. O zoneamento padrão e a despreocupação com a forma de uso dos espaços trouxeram um projeto mecânico, sem humanização e contato com as necessidades de seus usuários.

Portoghesi interpreta (2002), de alguns escritos do arquiteto Louis Kahn, a metodologia de interverter à relação forma-função, imputando a responsabilidade à forma de expressar a função do espaço, sendo flexível e adaptável a qualquer possibilidade de modificação. Repondo a arquitetura a si mesma e a sua história, abstraindo a tecnologia, a geometria rudimentar e a pintura abstrata. Deixando um legado seguido principalmente por Robert Venturi <sup>74</sup>e Charles W. Moore<sup>75</sup>. Nas propostas de Venturi suas ações eram consideradas mais realistas, propondo mudanças leves no cenário urbano com modificações de formas profundas no contexto.

Uma reforma sem ilusões, considerado pelos pós modernistas o oposto da metodologia de arquitetos e urbanistas modernos que propunham conceber espaços novos impossíveis de serem executados. Já no desenvolvimento da arquitetura de Moore, o lugar é pensado com a presença ativa do homem e suas necessidades. Sua arquitetura é figurativa, buscando o gosto pessoal do cliente, sua história, desejo, sonhos e memória para transparecer na obra.

As instituições são abrigos da inspiração. Escolas, bibliotecas, laboratórios, ginásios. Antes de acatar aquilo que é ditado pelo espaço, o arquiteto considera a inspiração.

<sup>74</sup> Robert Venturi foi um crítico da arquitetura moderna (Wikipedia, 2020).

<sup>75</sup> Um dos principais inovadores da arquitetura pós-moderna, juntamente com Robert Venturi (Wikipedia, 2020).

Ele se interroga sobre a sua natureza, sobre o que distingue uma inspiração da outra. Quando percebe tal diferença, ele não entra em contato com a sua forma correspondente. A forma inspira o projeto (PORTOGHESI, 2002, p.105).

No estudo apresentado, as igrejas que foram construídas neste período são as de Tapera (1965), Coronel Gervásio (1982), São Rafael (1981), Lagoa dos Três Cantos (1952), Linha Kronenthal (1988), Espumoso (1990) e Jacuizinho (1959).

Nas igrejas de Tapera, figuras 75 e 76, São Rafael, figuras 78, 79 e 80 e Lagoa dos Três Cantos, figuras 81 e 82, que apesar de estar inserida na época do período moderno possui fortes traços do estilo pós-moderno, as fachadas possuem traços característicos da arquitetura pós-moderna, com excesso de informações, mescla de materiais e volumes, o jogo das aberturas com formas e tamanhos diferentes, junto com a monumentalidade trazem grandes referências ao período. A igreja de São Rafael potencializa o estilo na composição de sua planta baixa, como visto na figura 77 e na sua monumentalidade, vistas nas figuras 79 e 80. Contando que se trata de uma comunidade pequena e interiorana a edificação foge de sua conjuntura, ficando deslocada do contexto.

Nestas análises pode-se perceber a grande influência da modernização, como foi exposto na entrevista. Era desejo da comunidade a construção de uma edificação com real proporção, tanto que um engenheiro civil, com atuação profissional em Guaporé/RS, foi contratado para a execução do projeto, disposto que em áreas interioranas não é necessário responsável técnico nas construções. O acompanhamento da obra se deu por um arquiteto de Tapera, cidade que pertence a localidade.

Figura 75 – Fachada frontal da igreja de Tapera.



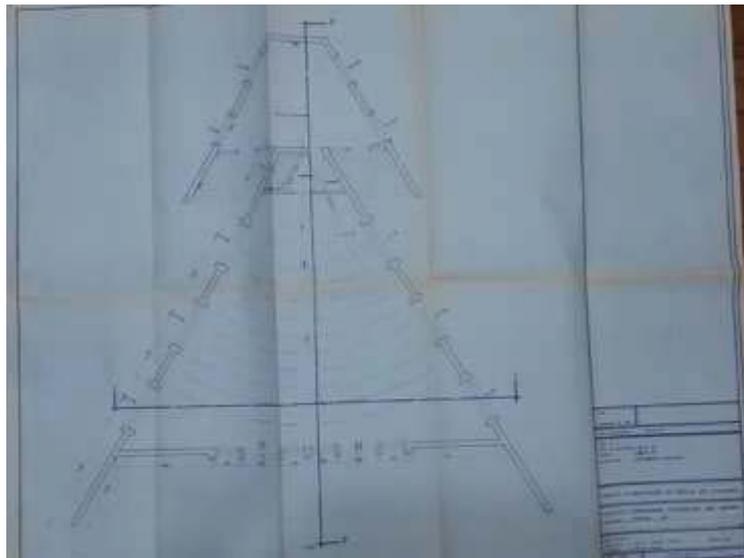
Fonte: Acervo da autora, foto retirada em 14/12/2019

Figura 76 – Fachada lateral da igreja de Tapera.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 14/12/2019

Figura 77 – Planta Baixa do projeto da igreja de São Rafael.



Fonte: Lotário Mai, 2019

Figura 78 – Inauguração da igreja de São Rafael no dia 26/11/1989.



Fonte: Lotário Mai, 2019

Figura 79 – Fachada frontal da igreja de São Rafael.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 27/07/2019

Figura 80 – Fachada lateral da igreja de São Rafael.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 27/07/2019

Figura 81 – Fachada frontal da igreja de Lagoa dos Três Cantos.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 08/12/2019.

Figura 82 – Fachada lateral da igreja de Lagoa dos Três Cantos.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 08/12/2019.

As aberturas na maioria das edificações são basculantes, e com a utilização retangular em formato muito simples, somente nas edificações de Lagoa dos Três Cantos, figura 81 e 82 elas seguem em arco com mescla de aberturas retangulares de diferentes tamanhos e na de Coronel Gervásio, figura 83 e 84 em tímpano arco, na igreja de São Rafael, figura 80 elas recebem formas acompanhando traços arquitetônicos e aberturas circulares. O uso de vitrais se dá em todas as edificações, exceto em Espumoso e Campo Comprido, contudo de forma simplória, sem desenhos e ornamentos, somente com o efeito de cores.

A igreja de Coronel Gervásio, figuras 83 e 84, apresenta a aplicação de um novo material (tijolo aparente) que quebra regras em relação ao padrão dos templos religiosos, muito comum no período.

Figura 83 – Fachada frontal da igreja de Coronel Gervásio.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 27/07/2019

Figura 84 – Fachada lateral da igreja de Coronel Gervásio.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 27/07/2019

Na igreja de Linha Kronenthal, figuras 85 e 86, a tipologia volumétrica é simples e traz a subtração da arquitetura e da herança cultural do migrante, que se reflete na composição da obra. A volumetria sem a assessoria de um arquiteto foi construída pela contratação de pedreiros e membros da comunidade. Perceptível a influência modernista das ideologias da época na construção, que se reforçam nas entrevistas, onde hoje, existe um grande arrependimento de parte dos membros na demolição da antiga igreja que trazia uma composição e a técnica construtiva da etnia alemã. Pode-se colocar dentro desta análise a casa de orações de Espumoso, figuras 87 e 88, porém, com algumas peculiaridades, como, a execução do projeto realizado por um responsável técnico, e a característica cultural da comunidade ser de origem contemporânea, sem vínculos coloniais, os traços étnicos estão mais distantes da concepção formal e social.

Figura 85 - Fachada frontal da igreja de Linha Kronenthal.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 08/12/2019.

Figura 86 – Fachada lateral da igreja de Linha Kronenthal.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 08/12/2019

Figura 87 - Fachada frontal da igreja de Espumoso.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 14/12/2019

Figura 88 – Fachada lateral da igreja de Espumoso.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 14/12/2019

O estilo arquitetônico que a igreja de Campo Comprido traz é algo instigante, figuras 89, 90 e 91, com traços muito semelhantes a edificações europeias e igrejas de cidades maiores, em estilo art deco, influência que pode ter vindo do responsável técnico que executou o projeto, por ser da capital do estado, ou as intenções em trazer a monumentalidade e expressar a força da comunidade dentro do seu meio, traços marcantes do período moderno.

Figura 89 - Fachada frontal da igreja de Campo Comprido.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 16/01/2020

Figura 90 - Fachada lateral da Igreja de Campo Comprido.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 16/01/2020

Figura 91- Fachada dos fundos da igreja de Campo Comprido.



Fonte: Acervo da autora, foto tirada em 16/01/2020

### 5.5 Houve um arquiteto ou engenheiro?

Diante das características e peculiaridades supracitadas o questionamento sobre a existência de profissionais vinculados às edificações foi sendo questionadas. Com a modernidade, também adentrou no campo de trabalho o arquiteto, que, junto aos engenheiros civis, operou em aspectos similares dentro da construção civil. Como discorre Chuva “Foi a partir de 1945 que se deu a proliferação das faculdades de Arquitetura no Brasil” (CHUVA, 2003, p. 320). Sua participação foi efetiva na execução de alguns projetos, como na igreja de Tapera, São Rafael, Lagoa dos Três Cantos, Espumoso e Campo Comprido. Percebe-se que, exceto em São Rafael e Campo Comprido, as igrejas que se localizam em áreas não urbanas elaboraram seus projetos com os próprios membros da comunidade ou com os pedreiros que executaram a obra. Essa questão gira em torno do desconhecimento e valorização dos serviços prestados pelo responsável técnico e de leis municipais em que edificações construídas no interior não possuem a obrigação de sua legalização, conseqüentemente não sendo obrigatório a contratação de responsáveis técnicos da área. Já nos casos de São Rafael e Campo Comprido a ideia era trazer um projeto diferenciado, “moderno”, para valorizar a comunidade, seguindo os princípios da era modernista, como comentado nas entrevistas.

Outro ponto analisado é que Lagoa dos Três Cantos, São Rafael e Campo Comprido contrataram profissionais de outras cidades, contando que, na igreja de Lagoa dos Três Cantos o projeto arquitetônico é de autoria do arquiteto Kurt Gunther Schmeling, de Porto Alegre; na igreja de São Rafael o projeto é do Engenheiro Civil Júlio César Zanon; de Guaporé, tem como

responsável pelo acompanhamento da obra o Arquiteto Paulo Alaor Pierezan; e projeto do templo de Campo Comprido foi realizado pelo engenheiro Bruno Koch de Porto Alegre, que também foi responsável pela execução. Essa característica pode ser atribuída ao status de demonstração de poder perante a sociedade, traços vindos de um período que desejava cultivar esses aspectos.

Já na casa de orações de Espumoso a proposta foi diferente, a cultura religiosa abrange um aspecto simbólico, a época de inserção foi outra, com aspectos voltados para a criação do local, sem influências sociais modernistas, com a contratação de um responsável técnico da própria cidade, o engenheiro civil Adriano Zarpellon, que executou o projeto sem custos para a comunidade.

As substituições ocorreram tanto por uma necessidade construtiva, de degradação quanto pela necessidade de encaixamento de um povo facilmente reconhecido pelas suas particularidades étnicas na nova sociedade que surgia: patriota, abasileirada e moderna, com construções que traziam novos materiais e formas. A questão é que essa forma arquitetônica e social proposta não foi entendida e seu conceito parcialmente difundido, conseqüentemente trazendo em alguns casos, como na igreja de Linha Coronel Gervásio, Linha Kronenthal e Espumoso, uma arquitetura sem um estilo e sem vínculos culturais. E, nas demais, exceto a de Linha Glória e Campo Comprido, formas que mesclam diferentes estilos, com excesso de informações, traços típicos do estilo pós-moderno.

Como apanhado na maioria das entrevistas realizadas, a necessidade de substituição das igrejas é discorrido de forma muito natural, vistas como inevitáveis. Onde o patrimônio era pouco compreendido pelas comunidades, o que garantia o vínculo patrimonial era o vínculo afetivo. A crescente valorização e preocupação em se manter a história de um povo é recente, a criação de órgãos destinados a este aspecto ocorreram nas primeiras décadas do século XX, como o IPHAN – fundado pela lei nº 378, sancionada por Getúlio Vargas – em 13 de janeiro de 1937 (CONÇALVES, 2019). Neste período, porém, a preocupação patrimonial era voltada a específicos estilos, sem a preocupação contextual de preservar comunidades ou obras interioranas.

A consciência patrimonial é analisada com mais cuidado atualmente, pois existe um pesar na fala de alguns membros como é o caso da Linha Kronenthal, em entrevista com Edio Konp (2019), ele considerou a demolição da igreja em enxaimel desnecessária, e diz que, hoje, teria sido um ponto histórico da cultura e migração alemã não somente para a comunidade mas

também para a região. A influência que os membros da presidência exerciam perante a comunidade também foi um fator marcante para as decisões de substituição, contando que alegavam modernizar a comunidade, com as palavras de “construir uma igreja mais bonita”. Preocupação esta vista na substituição das igrejas de Tapera, Lagoa dos Três Cantos e principalmente São Rafael, que conforme palavras de Lotário Mai (2019) a comunidade idealizava uma igreja grande e bonita, discordando e ocasionando atrito com o pastor que defendia a construção de uma igreja menor semelhante à existente. Contrariamente a esta ação, a comunidade de Campo Comprido, sob esclarecimentos do pastor Carlos Klostermeyer, busca auxílio e verbas para a preservação de sua originalidade. Vê-se notória a importância intelectual da fala de um indivíduo influente para a preservação ou não de uma edificação.

## 6 CONCLUSÃO

A composição formal das edificações pode ter sofrido influências pela escolha dos profissionais, em alguns casos, arquitetos e, em outros, engenheiros civis. Juntamente com a proposta financeira e de inserção da nova edificação no entorno social. O que se pode perceber é que a preocupação em trazer ou manter traços étnicos não foi algo percursor no sentido motivador nas novas edificações, apesar de se tratar de uma religião de cultura étnica específica.

A tipologia sistemática social foi criando novos traços durante a linha cronológica. Nos primeiros tempos as construções agregavam a mão de obra integrada dos membros da comunidade, que usavam como base construtiva sua bagagem cultural alemã com uma adaptação aos materiais locais e a um novo sistema construtivo, mais simples e versátil, que se adaptava a várias tipologias de edificações, como residências, galpões, templos, edificações de comércios, armazenagens de grãos e acolhimento de animais.

Com a transição social e a implementação de ações políticas em prol de uma “nação unida”, ou “culturalmente coesa”, a implantação de uma nova consciência voltada para uma nacionalização brasileira e a idealização de modernidade, confabulou-se para a uma nova proposta econômica, social e arquitetônica, onde a substituição dos templos remetia ao poder social que a comunidade possuía perante a “nova era”. Com débeis bases, as comunidades sofreram respingos dessa nova ideologia, muito por não possuírem um auxílio técnico para a tomada de decisões e outra pelo presunçoso discurso elaborado para a manipulação nacional, sem a referência real dos princípios arquitetônicos modernistas que poderiam ser muito bem aproveitados em conjunto com a preservação da cultura nativa alemã, outro elemento a se agregar na narrativa era a não identificação dessas construções como patrimônio.

Como Silveira coloca (2011) em um estudo de caso da Matriz de Sant’Ana, na cidade de Ferros no interior de Minas Gerais, existe uma necessidade da mudança e adequação social no período que compreende as décadas entre 1940 e 1960, expressadas em obras arquitetônicas religiosas, especificamente. A substituição de diversas igrejas antigas no Brasil por novos templos foi um dos métodos para instaurar a modernidade em solo brasileiro, demonstrando desenvolvimento e industrialização. Fazer o levantamento das consequências e resultados obtidos pelo apelo visual e manipulador, onde geraram mudanças na composição do lugar, descaracterizando e empobrecendo a arquitetura vernácula, são pontos característicos desta transição (SILVEIRA, 2011). A diferença perceptível é que a arquitetura rural e de cidades

menores possui um perfil de análise pouco atrativo em comparação à cidades maiores, o que ocasiona o escasso diagnóstico destas transições.

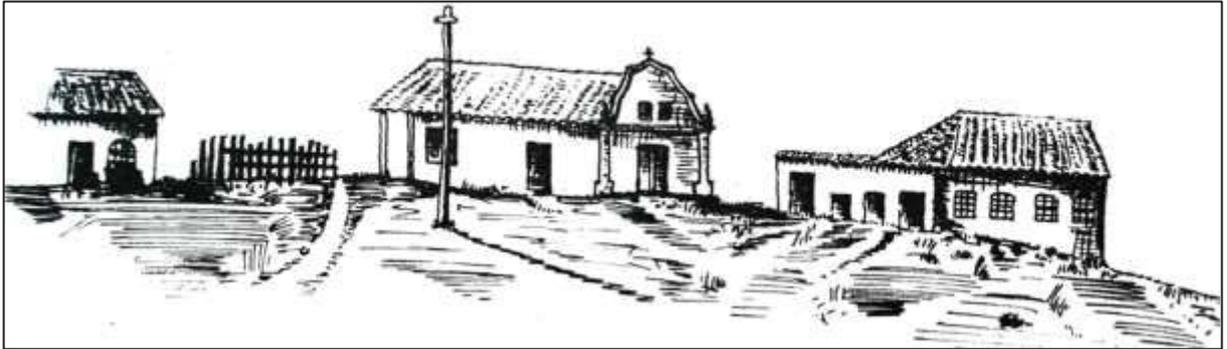
Salienta o enfoque da influência social e do status tanto almejado por cidades interioranas para sentirem-se contextualizadas e integradas em uma sociedade moderna, em evolução, e as consequências de uma frustração vinda em seguida (como foi abordada em algumas entrevistas realizadas pelos membros das comunidades).

Outro ponto importante da dissertação é o apontamento para o sistema construtivo da madeira serrada com mata-junta, pouco associado a etnia alemã, que alguns autores denominam como arquitetura primitiva ou nativa, outros a associam com um sistema precário, uma construção temporária, outros à etnia italiana. Passando despercebido pelo olhar de muitos estudiosos, constantemente está presente nas primeiras construções da etnia alemã, geralmente em áreas periféricas e interioranas, que na abrangência da área de estudo, teve e tem forte influência construtiva, comprovando que a arquitetura alemã não se resume somente a uma técnica construtiva. Aprofundando os aspectos desse sistema pode-se considerá-lo como uma arquitetura popular utilizada na região de estudo até meados dos anos 80, período no qual finda a madeira tornando esse sistema inviável economicamente para as classes baixas.

De forma especulativa e pouco aprofundada este sistema pode ter influências das construções indígenas, um sistema construtivo mais simples, fácil, que supria economicamente as condições dos novos aldeamentos e que utilizava do material mais encontrado da região que era a madeira extraída da árvore araucária. Na colônia de São Leopoldo poucos são os levantamentos históricos dessas edificações, e como Silveira (2019) coloca, essas seriam construções provisórias, sem grande representatividade e significância dentro do contexto histórico do imigrante. A arquitetura alemã exposta na colônia remete a maiores semelhanças com o estilo colonial brasileiro de influência portuguesa do que propriamente com a arquitetura implantada pela migração, como pode-se perceber na figura 92, na qual o croqui retrata o aspecto de São Leopoldo nos traços do Argentino Juan Maria Gutierrez (1845).

Nas figuras 93 e 94 pode se analisar a tipologia arquitetônica das edificações. As antigas edificações, que obedeciam a códigos de posturas de inspiração luso-brasileira, foram sendo substituídas, formando gradualmente uma paisagem de construções germânicas (SILVEIRA, 2011). A figura 95 mostra as edificações da periferia da colônia, que eram em madeira serrada com mata-junta, resultantes de um sistema econômico desigual, que propagou esse sistema construtivo característico deste meio social, que depois disseminou-se por todo estado.

Figura 92 - Croqui de São Leopoldo



Fonte: Silveira, 2011

Figura 93 - Postal da Vila de Hamburgerberg. Início do Séc. XX.



Fonte: Silveira, 2011

Figura 94 - Postal de Novo Hamburgo, apresentando as sedes das sociedades.



Fonte: Silveira, 2011

Figura 95 – Bairros operários em expansão na antiga colônia de São Leopoldo.



Fonte: Silveira, 2011

Contudo, ao migrar para os novos vilarejos vê-se uma paisagem fortemente marcada por característica que se compõe tanto por edificações comerciais, como residências, templos e espaços destinados à grãos e animais. Construções em enxaimel e alvenaria são raras e características de famílias e comerciantes com melhores condições financeiras, o que reflete a diferença do perfil (i)migratório. Como as autoras Pereira & do Valle defendem (2019, p. 289) e com definição na *Carta sobre o patrimônio construído vernáculo*, assinada pelo Comitê Internacional de arquitetura vernácula (CIAV), ratificada pela 12.<sup>a</sup> Assembleia Geral do ICOMOS, no México, em Outubro de 1999, essa arquitetura deve ser reconhecida e valorizada, pois é um processo de formação da estrutura social característica do (i)migrante. Este tipo de construção cria uma nova tipologia de paisagem e uma identidade arquitetônica própria, não associado somente a uma etnia, mas sim conjugador de culturas híbridas de (i)migrantes com as de habitantes locais, que adapta características do lugar com as tradições construtivas das suas origens.

Importante é ter a consciência de que essa arquitetura que existiu e se expandiu na região e estados do sul do país, foi e é parte da história de um povo que se adaptou a um novo espaço transformando-o em seu lugar. Criando e recriando uma nova paisagem que partiu da miscigenação de muitas etnias, que juntas delinearão esse perfil arquitetônico que por muitas décadas foi tão comum na região de estudo e, ao mesmo tempo, tão ignorado pelos olhares de estudiosos. Muitas informações e exemplares foram perdidos, sua sutileza e singela volumetria popular e vernacular da (i)migração clama por novos olhares. Como a autora Pereira aponta:

Estas construções em madeira pertencentes à história regional e ao “Ciclo da Madeira” estão desaparecendo. É necessário estudar, registrar e refletir sobre o significado cultural desta produção arquitetônica regional. Sem uma documentação que possa favorecer a compreensão dessa arquitetura e sua relevância na contemporaneidade, a tendência é que a mesma continue desvalorizada e desconsiderada como patrimônio, com vistas a desaparecer da paisagem (PEREIRA, 2019, p.28).

Na maioria das comunidades estudadas o tempo se perdeu, os exemplares da época foram substituídos por ideias modernistas que necessitavam ser expressas por vias volumétricas. Cabe ao final do trabalho vários questionamentos, como: se as comunidades possuísem informações decorrentes a influência da (i)migração em suas construções será que a ideologia projetual da nova construção seria diferente? Pensariam de forma mais cautelosa em fazer a substituição? Haveria uma preocupação e interesse na busca pela identificação do seu povo na obra construída?

Indo um pouco mais a fundo, nas obras que foram realizadas com responsáveis técnicos (engenheiros e arquitetos) não seria um dever destes profissionais passar estas informações aos seus clientes? Não é a obrigação do profissional da área o conhecimento sobre patrimônio e melhor adequação de um projeto em seu contexto? Fica a indagação para uma reflexão da visão que os profissionais possuem sobre o tema, o conhecimento que possuíam sobre patrimônio, do nível de formação que estão tendo nas universidades, de como a memória e a história são expressas ou não em uma obra arquitetônica, e as formas que ela se destaca ou não na volumetria.

Questões se colocam e a perspectiva de pesquisas futuras também. Pelos levantamentos feitos durante a dissertação e não sendo possível adentrar nos temas que foram florescendo durante a pesquisa, fica a importância de trazê-los para futuros estudos, com intuito de valorizar edificações e o contexto regional. Um deles é a arquitetura da madeira na formação das colônias de (i)migrantes na Bacia Hidrográfica do Alto Jacuí, mesorregião noroeste do estado do Rio Grande do Sul, tema este muito semelhante com o abordado por Pereira (2019) em sua tese de doutorado, abrangendo a região do Alto Uruguai, na colônia de Erechim. A pesquisa sugerida, adentraria em várias etnias e se iniciaria em uma ordem cronológica com a análise das construções indígenas e caboclas, contextualizando o estilo e/ou as técnicas construtivas dentro do âmbito social, em uma linha do tempo que passaria pela vinda dos (i)migrantes até os dias

atuais. Seguindo um processo arquitetônico, cultural e histórico que pode ser comparado ou vistas diferenças com a região já levantada do Alto Uruguai.

Outro tema que pode ser abordado é o patrimônio arquitetônico da igreja de Campo Comprido, em um trabalho para a tornar patrimônio regional e conseguir verbas para o seu restauro. Pois a igreja encontra-se em condições delicadas, com muitos problemas de infiltração, madeiras danificadas no chão, no forro, na porta de acesso, na estrutura do telhado que cedeu, com vidros quebrados. O pastor Carlos Klostermeyer busca parcerias para um projeto de restauro, e aconselha a comunidade a não realizar a reforma (possuíam a intenção de trocar o piso de madeira por um cerâmico) sem antes conseguir o parecer técnico, para, então, buscar com órgãos públicos ajuda financeira para executar o restauro. Seria de interesse do município de Jacuizinho colaborar com a sua execução, já que utiliza a igreja como ponto turístico e marco do município em cartões postais. Também do próprio órgão religioso. Uma edificação com grande potencial para ser patrimônio histórico regional.

Como Froner descreve abaixo, a noção de Patrimônio Arquitetônico teve uma releitura baseada nas cartas de patrimônio e nas convenções para melhor organizar o conceito de classificação dos bens culturais. Sendo por ela ordenado:

- 1) Monumentos: todas as construções particularmente notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluindo as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções;
- 2) Conjuntos arquitetônicos: agrupamentos homogêneos de construções urbanas ou rurais, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, e suficientemente coerentes para serem objeto de uma delimitação topográfica;
- 3) Sítios: obras combinadas do homem e da natureza, parcialmente construídas e constituindo espaços suficientemente característicos e homogêneos para serem objeto de uma delimitação topográfica, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico (FRONER, 2013, p. 249, 250).

Toma forma a teoria contemporânea a partir da organização dos discursos e reformulação de alguns conceitos e noções ligados à atividade tradicional do restauro. Essa nova visão traz oposição às concepções objetivas e aos conceitos de verdade das “teorias clássicas”, especialmente no que se refere à autenticidade dos objetos culturais. A maior novidade é o princípio da sustentabilidade dos métodos de intervenção, que é o elo de ligação entre a teoria e a realidade das atividades de preservação (SANTOS & GONÇALVES, 2019).

O patrimônio vernacular é a expressão da cultura de uma comunidade, trazendo a sua relação com o espaço, território e com os indivíduos que nele convivem, antes de ter importância macro regional é indispensável sua relevância para os que dele usufruem, assim transpassando e integrando sua expressão da diversidade cultural para com o mundo. Nas palavras de Froner “a construção vernacular é o modo tradicional e natural das comunidades se abrigarem” (FRONER, 2013. p. 252), porém em constante modificações e adaptações. Considerando que sua sobrevivência é extremamente vinculada ao seu grupo de pertencimento, também necessita do apoio de uma equipe multidisciplinar, integrada por órgãos governamentais, arquitetos, conservadores e especialistas, visto que, as forças externas como a economia, cultura e arquitetura são ameaças constantes para sua preservação.

A luta pela linguagem arquitetônica em expressar sua essência na transmutação do espaço é conquistada a partir do momento em que há sensibilidade para o trabalho conjunto com quem o habita. Entender os aspectos naturais do ambiente e usar a favor do projeto adjacente as necessidades biológicas consagra um espaço puro e sensível às mudanças sociais e às novas carências econômicas, procedente a uma sociedade cada vez mais minimalista e em constante movimento. Como Burmann (2009) coloca, o processo não é estático, mas sim dinâmico, muito além de aspectos formais ele engloba o processo de realizações da sociedade humana e da natureza em geral. O religioso é um ser agente transformador sempre em transformação. Cria e recria seus espaços sempre dando novos sentidos e significados.

Contribuir para o legado histórico de um povo torna a arquitetura rica e nos toca a sensibilidade. Projetar está muito além do trabalho técnico, está em compreender a essência de cada linha com a introspecção, o desejo a se materializar.

## REFERENCIAS

- ALBERTI, V. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. *In: II Seminário de História Oral*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. De "versão" a "narrativa" no manual de história oral. *In: XI Encontro Nacional de História Oral*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012, pp. 159-166.
- ALCEA arquitetura. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. Wikimedia, 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ros%C3%A1cea\\_\(arquitetura\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ros%C3%A1cea_(arquitetura))>. Acesso em: 4 fev. 2020.
- ALVES, M. C. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In: IV Semana de História do Oontual III Encontro de Ensino de História*, Uberlândia, 2016.
- AMSTAD, T. **Cem anos de germanidades no Rio Grande do Sul 1824-1924**. São Leopoldo: Ed. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1999.
- ARAÚJO, C. R. Arquitetura Religiosa. *In: Revista Eletrônica de Ética e Cidadania*, U. P. Mackenzie, p. 1-20, 2005.
- ARENHARDT, M. H., (Org.). Os primórdios da religião evangélica. **Tapera: a caminhada de um povo**. Tapera: Sedigraf, 1996, pp. 329-330.
- BARBOZA, M. S., (Org.). A vinda dos primeiros colonizadores. **Tapera: a caminhada de um povo**. Tapera: Sedigraf, 1996, pp. 47-55.
- BATTISTEL, A. I. **Retratos da Colônia - Tomo 2 (Vol. 2 edição)**. Caxias do Sul: São Miguel, 2013.
- BERTOLLA, M. P. **A influência da reforma luterana no processo de formação do Estado-Nação alemã**. 2008. Dissertação. Pós-Graduação em Ciências da Religião - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- BRATZ, H. Entrevista [jan. 2020]. Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Coronel Gervasio, 2020, anexo 03.
- BRATZ, L. Entrevista [jan. 2020]. Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Coronel Gervasio, 2020, anexo03.
- BURMANN, C. Espaço e espaço sagrado: um olhar a partir de uma comunidade luterana. *In: Protestantismo em revista*, São Leopoldo, v 19, maio-ago, agosto de 2009, pag 60-68. Disponível em: <<file:///C:/Users/nadin/Downloads/2021-7847-1-PB.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2019.

CAPELLARI, M. A. **Sob o olhar da razão**: As religiões católicas e as ciências humanas no Brasil (1900-2000). 2001. *Dissertação*. Pós-Graduação em História Social. Departamento de História DA Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

CHARLES Moore. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2020. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Moore\\_\(architect\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Moore_(architect))>. Acesso em: 4 fev. 2020.

CHUVA, M. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. Topoi, Rio de Janeiro, v. 4, jul-dez, pp. 313-333, 2003.

CREMONESE, P. E., & LIMA, R. L. Aspectos da paisagem: entre a imigração italiana e alemã no Rio Grande do Sul. (26-28 de 09 de 2016). In: *40º Colóquio Íbero-americano de paisagem cultural, patrimônio e projeto*, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2016/artigos/pdf/388.pdf>>. Acesso em: 12 de 12 de 2019.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE LINHA CORONEL GERVÁSIO. Livro de Ata I. Tapera/RS. 1971.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE ESPUMOSO. Livro Ata I. Espumoso/RS. 1983.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE LAGOA DOS TRÊS CANTOS. Livro de Ata I. Lagoa dos Três Cantos/RS. 1971-2017.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE LAGOA DOS TRÊS CANTOS. Livro de Ata II. Lagoa dos Três Cantos/RS. 2017.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE LINHA GLÓRIA. Livro de Ata I. Lagoa dos Três Cantos/RS. 1971.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE LINHA KRONENTHAL. Livro de Ata I. Lagoa dos Três Cantos/RS. 1971.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE TAPERA. Livro de Ata I. Tapera/RS. 1971-2009.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE TAPERA. Livro de Ata II. Tapera/RS. 2009.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DE SÃO RAFAEL. Livro de Ata II. Tapera/RS. 2005.

CUNHA, J. L. (2003). A Alemanha e seus emigrantes: Questões nacionais. In: GÄRTNER, Jorge Luiz da Cunha e Angelika. *Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem e Educação*. Santa Maria: Editora UFSM, 2003, p.17-58.

GÄRTNER, J. L. da C. e A.. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem e Educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2003.

CUNHA, S. V. **Lagoa dos Três Cantos: Uma História de Encantos**. Passo Fundo: Pe. Berthier dos Missionários da Sagrada Família, 1996.

CURTIS, W. J. **Arquitetura moderna desde 1900**. Porto Alegre: Bookmann, 2008.

DEBARBA, A. L.; GREGORY, A.; FRANKEN, A. P.; BRUXEL, D. C. **Título da matéria**. ArquitracoBrasil, data de publicação. Disponível em: <<https://arquitracobrasil.wordpress.com/pos-modernidade/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2019.

DIEL, R. A. **O inventário do patrimônio arquitetônico enxaimel da área rural de Santo Cristo**. 2015. *Dissertação*. Pós Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, área de concentração em Arquitetura e Patrimônio Material, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

DOEBBER, S. A. Entrevista [dez. 2019] Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Tapera, 2020, anexo 03.

DREHER, M. N. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

DRESSLER, E. Entrevistas [dez. 2019] Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Lagoa dos Três Cantos, anexo 03.

Dicionário. **Engenharia Civil.com, Engenharia Civil na internet**. Disponível em: <<https://www.engenhariacivil.com/dicionario/>>. Acesso em: 04, fev. 2020.

FONSECA, L. M. **Tapera**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1987.

FROEMMING, A. B. **Migração e Identidade: Formação de Comunidades Evangélicas nas Colonizações Mistas de Três de Maio, Horizontina e Dr. Maurício Cardoso no Século XX**, 2009. *Dissertação*. Programa de Pós-Graduação em Teologia e História, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

FRONER Y.A. Patrimônio Arquitetônico: Conceitos contemporâneos nas cartas do ICOMOS. In: **Revista Oculum Ensaios**, Campinas, 10(2), pp. 243-255, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2143/1789>> Acesso em: 12 de 12 de 2019.

FÜLBER, J., & LANER, L. **Das picadas do Botucaraí à RS 332 - A Evolução Histórica de Espumoso**. Espumoso: Editora Berthier, 2000.

GERTZ, R. E. Os luteranos no Brasil. In: **Revista de História Regional**, v 6, n 2, pp. 9-33, 2001. Disponível em: <[e https://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/56](https://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/56)>. Acesso em: 27 de fev 2020.

GISLON, J. M. **A invenção da cidade germânica**: tradição, memória e identidade na arquitetura contemporânea de Forquilha-SC. 2013. *Dissertação* Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GRIENEISEN, V. **As origens de quatro arquitetos imigrantes alemães e sua obra habitacional no Rio Grande do Sul no início do século XX**. 2013. *Dissertação* Pós Graduação em Arquitetura - PROPARG. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

HISTORICO DA CIDADE DE NÃO-ME-TOQUE. (S/D). *Biblioteca Pública Municipal acervo Casa da Cultura*. Não-Me-Toque, RS, Brasil.

HOFFMANN, E.; HOFFMANN, N. Entrevista [ago. 2019] Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Linha Glória, 2019, anexo 03.

HOFFMANN, P. **Memórias do Centenário Paroquial**. Tapera: Gráfica Gespi Ltda, 2009.

HUNSCHE, C. H. **Protestantismo no Sul do Brasil**: Nos 500 anos do nascimento de Lutero (1483-1983). São Leopoldo: Editora Sinodal, 1983.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) . Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/lagoa-dos-tres-cantos/panorama>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) . Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/espumoso/panorama>>. Acesso em: 26 de abril de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) . Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jacuzinho/panorama>>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) . Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 01 de novembro de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) . Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/tapera/panorama>>. Acesso em: 26 de abr de 2018.

*Igreja Evangélica Luterana do Brasil* . (2018). Acesso em 01 de 11 de 2018, disponível em IELB: <http://www.ielb.org.br/a-ielb/>

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE). Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15712>> Acesso em: 7 de janeiro de 2020.

JUNGLUT, A. L. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In: JÚNIOR, A. S; MAUCH, C; & VASCONCELLOS, N (Orgs.). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: ULBRA, 1994, p. 139-147.

KEMPF, N. Entrevista [nov. 2019] Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Linha Kronenthal, anexo 03.

KONOP, E. Entrevista [nov. 2019] Entrevistadores: T. V. Petry. Passo Fundo, anexo 03.

KREUTZ, L. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. In: SILVA JÚNIOR, A. L.; MAUCH, C.; VASCONCELLOS N.. **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: ULBRA, 1994, p. 149-161.

LANDO, A. M.; BARROS, E. C. Capitalismo e Colonização- Os alemães no Rio Grande do Sul. In: GONZAGA, A.M. (Org.). **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 9-46.

LANGE, W. M. A identidade étnico-religiosa da comunidade luterana de Imbituva-PR e o estado novo. Dissertação em Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2017.

LIMA, M. A. O traçado moderno na arquitetura religiosa paulista. Dissertação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2016.

LIMDAMANN, O. Entrevista [dez. 2019] Entrevistadores: T. V. Petry. Linha Kronenthal, anexo 03.

MAI, L. Entrevista [jul. 2019] Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de São Rafael, anexo 03.

MATTE, H. O Luteranismo desbotado: Um estudo sobre as escolas luteranas na região metropolitana de Porto Alegre. Dissertação. Pós Graduação em Ciências Sociais. Pontifera Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2009.

MAUAD, A. M. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: **Revista Eletrônica Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n 2, p. 73-89, 1996.

MAYER, D. E. Língua e Religião como instituintes da nacionalidade: Cultura teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. In: GÄRTNER, J. L. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação**. Santa Maria: UFSM, 2003, p. 187-213

MEISMER, I. Entrevista [dez. 2019] Entrevistadores: T. V. Petry. Linha Kronenthal, anexo 03.

MELLO, A. M. Efeitos subjetivos da campanha de nacionalização de Getúlio Vargas sobre os descendentes de imigrantes alemães na região de Santa Cruz do Sul/RS. In: WITT, O.D. **Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras**. São Leopoldo: Oikos, 2004, p. 178-185.

MÜLLER, A. O começo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil a partir da atividade dos assim chamados pseudo-pastores. In: WITT, O.D. **Anais do VI Seminário**

**Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras.** São Leopoldo: Oikos, 2004, p. 34-48.

NEUMANN, R. M. **Uma Alemanha em miniatura:** o projeto de imigração e colonização étnico particular da colonizadora Meyer no Noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932). São Leopoldo: Oikos, 2016.

NIEDERAUER, H. V. Entrevista [jan. 2020] Entrevistadores: T. V. Petry. Campo Comprido, anexo 03.

NIEDERAUER, O. C. Entrevista [jan. 2020] Entrevistadores: T. V. Petry. Campo Comprido, anexo 03.

NIETERAUER, S. P. Entrevista [jan. 2020] Entrevistadores: T. V. Petry. Campo Comprido, anexo 03.

Organização, S. M. **Tapera a caminhada de um povo.** Tapera: Secretaria Municipal da Educação, 1996.

PEREIRA, N. B. (2019). **Arquitetura em madeira:** influência da imigração no Alto Uruguai gaúcho. Florianópolis. Tese. Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2019.

PEREIRA, N. B.; DO VALLE, Â. Fragmentos de memórias no Norte gaúcho: as construções em madeira dos (i) migrantes e a barragem de Itá. **Patrimônio e Memória**, vol. 15, n. 2, p. 285-307, jul./dez. 2019.

PEREIRA, N. B., VALLE, Â.; COSTA, B. R. Construções vernaculares em madeira dos imigrantes no Alto Uruguai Gaúcho. **Anais do III CBCTEM Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia da Madeira.** Florianópolis, 2017.

PEREIRA, N. B., VALLE, Â.; SILVA, G. L. Relação entre o processo histórico de urbanização da cidade de Erechim-RS-Brasil e as construções com arquitetura em madeira. **Anais do Clem Cimad - III Congresso Latino Americano de Estruturas de Madeira.** Buenos Aires, 2017.

PETRY, T. V. A essência da arquitetura está no kitsch? **Anais do IV Congresso Internacional de História, Religião e Fronteiras.** Passo Fundo, 2018, p. 1-11.  
\_\_\_\_\_. Um olhar sobre o patrimônio arquitetônico da Igreja Adventista de Lagoa dos Três Cantos.

*Portal Luteranos.* Estatística IECLB. disponível em  
<<http://www.luteranos.com.br/conteudo/estatistica-ieclb-42313>> Acesso em 01 de 11 de 2018.

PORTOGHESI, P. **Depois da arquitetura moderna.** Trad.: A. L. Nobre. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POSENATO, J. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

PRADE, H. G. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, J. L.. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: UFSM, 2003, p. 81-100.

RADÜNZ, R., & LIA, C. F.. Luteranos como protestantes no período imperial no sul do Brasil. In: BORIN, M. R. **Religião e religiosidades no Rio Grande do Sul**: as religiões protestantes: história, fontes e metodologia da pesquisa. São Paulo: ANPUH, 2007, p. 17-34.

RAMBO, A. B. A história da Imprensa Teuto-Brasileira. In: GÄRTNER, J. L. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**: História, Linguagem, Educação. Santa Maria: UFSM, 2003, p. 59-79.

RESENER, O. **A história da igreja evangélica no município de Tapera**. Passo Fundo: Berthier, 1979.

RIBEIRO, L. M. P.; A igreja: Espaço sagrado reorganizador do mundo. **Cadernos CERU**, , n. 17, p. 177-191, mês. 2006.

ROBERTO Venturi. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Venturi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Venturi)>. Acesso em: 4 fev. 2020.

ROCHE, J. **A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul 2**. Vols. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROSENDAHL, Z. Geografia e Religião: uma proposta. **Espaço e Cultura**, n. 1, p. 45-74, out. 1995.

RÜCKERT, A. A. Ocupação e colonização do Alto Jacuí. In: O. S. **EDUCAÇÃO, Tapera: a caminhada de um povo**. Tapera: Sedigraf, 1996, p. 26-44.

SANTOS, A. V.; CECCHETTI, E. Imigração alemã, luteranismo e a criação de escolas no sul do Brasil. **Anais do VII Congresso Brasileiro de História. 1**. Cuiabá: UFMT, 2013, p. 1-15.

SANTOS, V. C.B. dos; GONÇALVES, M. R. de F. Eumed revistas. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/25/restauracao.html>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2019.

SHIGUE, E. K. (2018). **Difusão da Construção em Madeira no Brasil**: agentes, ações e produtos. Dissertação. Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Carlos. 2019.

SILVEIRA, M. M. **Templos Modernos, templos ao chão**: A trajetória da arquitetura religiosa modernista e a demolição de antigos templos católicos no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

STOCKER JR, R, J. L. (2019). Sob o Königsberg : paisagem e patrimônio cultural da antiga Colônia Alemã de São Leopoldo. Dissertação (Dissertação em Arquitetura) - Universidade

Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, 2019.

TAPERA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Taper>>. Acesso em: 17 set. 2019.

TATSCH, N. Entrevista [jan. 2020] Entrevistadores: T. V. Petry. Comunidade de Espumoso, anexo 03.

TÍMPANO arquitetura. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%ADmpano\\_\(arquitetura\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%ADmpano_(arquitetura))>. Acesso em: 26 nov. 2019.

TRAMONTINI, M. J. A questão da terra na fase pioneira da colonização. In: SILVA JÚNIOR, A. L.; MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ulbra, 1994, p. 55-63

TRENTINI, M. A. A liturgia luterana: de Lutero até o século XIX. Dissertação Pós Graduação em Teologia - Escola Superior de Teologia. São Leopoldo. 2003.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VANDERLINDE, T. **Entre dois Reinos**: A inserção luterana entre os pequenos agricultores no sul do Brasil. Cascavel: Edunioeste, 2006.

WEIMER, G. **Arquitetura da imigração alemã** - Um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Nobel, 1983.

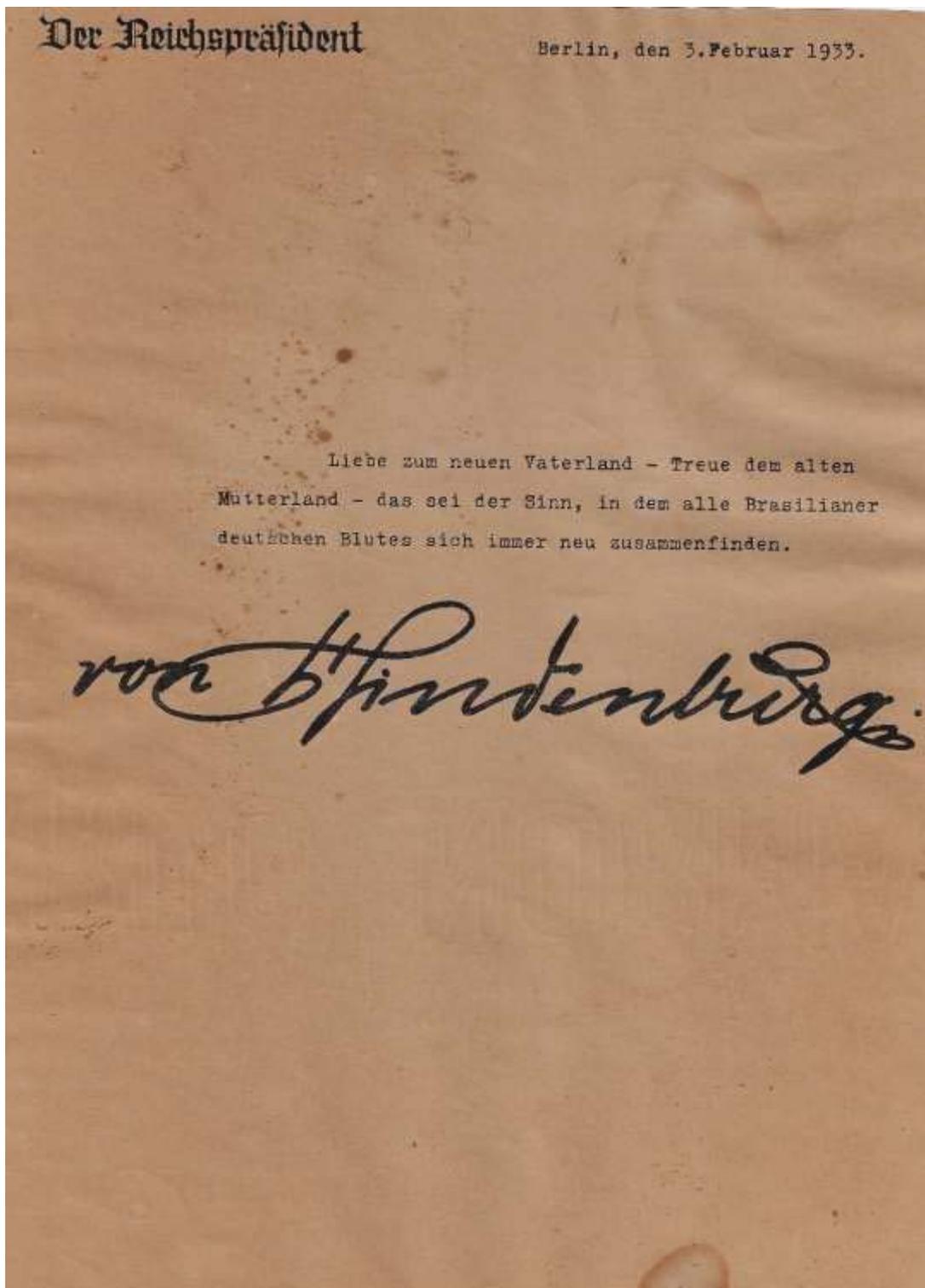
WEIMER, G. **Arquitetura popular brasileira** (Vol. 2). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

WEIMER, G. **Arquitetura popular da imigração alemã**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ZANI, A. C. **Arquitetura em madeira**. Londrina: Eduel, 2013.

## ANEXOS

Anexo 01: Documento recebido pela comunidade de Linha Kronenthal pela presidencia da Alemanha.



Tradução livre: Ame a nova terra. Louvor terra mãe. Assim será, com todos brasileiros Sangue alemão sempre será unido





UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
PPGH- Programa de Pós-Graduação em História  
História

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa sobre **IMIGRAÇÃO ALEMÃ E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO: As Igrejas Luteranas da Paróquia de Tapera/RS e Igreja Adventista do Sétimo Dia da comunidade de Boa Vista do Guilherme em Lagoa dos Três Cantos**, de responsabilidade da pesquisadora Tábara V. Petry.

Cujos objetivos e justificativas são: Entender o processo de substituição das igrejas construídas pelos primeiros colonizadores alemães no século XIX para construções em alvenaria durante o século XX. Compreender se os princípios do período moderno influenciaram na substituição, quais fatores foram esses e as transformações na comunidade representada no sistema construtivo desde sua chegada a região. Analisando sob uma visão arquitetônica as comunidades religiosas e suas características culturais, juntamente com sua adaptação em um novo espaço e o processo de transformações decorrentes pelos anos de inserção.

A participação do entrevistado na pesquisa será neste encontro, com uma entrevista oral, no sentido de transmitir informações da comunidade, como sua formação, seu desenvolvimento, construção das igrejas e o processo histórico das substituições. Com a pesquisa a se realizar, os benefícios a se constatar são referentes ao levantamento histórico e arquitetônico das comunidades para preservação cultural da região.

O entrevistado recebe, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os riscos que a pesquisa apresenta em relação ao tipo de lembranças e memórias (providas das construções dos templos e suas substituições) que serão relembradas durante as entrevistas. As memórias acessadas podem vir a ser dolorosas e negativas para o entrevistado. Se ocorrer um fato neste aspecto se buscará trazer alternativas de amenizar as lembranças e trazer a mente do entrevistado para o presente, colocando de uma forma branda questões e perguntas sobre o presente para dar sequência a entrevista ou até mesmo a interromper se assim o entrevistado preferir. Caso ocorrer desconforto ou mal-estar no participante será solicitada a suspensão da entrevista e se necessário se solicitará a ajuda especializada de um profissional da área de psicologia, podendo ser um profissional da escolha do entrevistado ou seguir a sugestão da pesquisadora, que é ter encaminhamento para a clínica de psicologia da UPF. As entrevistas sempre serão realizadas com o acompanhamento de familiares, com quem se pode ter apoio emocional e segurança. Os benefícios são fazer levantamento e coleta de dados para a Paróquia e comunidade em geral. Trazendo fontes para arquivo e preservação do bem cultural das comunidades.

Estando ciente de que o entrevistado será citado na pesquisa em questão e que as informações que compartilha serão utilizadas para o corpo do trabalho. Também é transmitida a informação de que é possível a recusa na participação do estudo, ou a retirada do consentimento a qualquer momento no desenvolvimento do mesmo, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é a mestranda Tábara V. Petry, do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade de Passo Fundo. E com ela poderá manter contato pelo telefone 54 99172-0565.

É garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que o entrevistado queira saber antes, durante e depois da sua participação. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesta-se o livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar pela participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo deve-se ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 08 às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira.

Dessa forma, ocorrendo o aceite em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, o participante se identifica colocando o nome no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a colaboração e solicitamos a assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com o participante e outra com a pesquisadora.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Nome do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome da pesquisadora: Tábara V. Petry \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_